



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

ANIMAÇÃO DA VIDA LITÚRGICA NO BRASIL

Elementos da Pastoral Litúrgica

27^a Assembléia Geral

Itaici, SP, 5 a 14 de abril de 1989

INTRODUÇÃO

1. Este texto é consequência da pesquisa feita pela Linha 4, Dimensão Litúrgica da CNBB, quando se completaram 20 anos da promulgação da Sacrosanctum Concilium em 1963. O resultado colhido sobre a caminhada da reforma e renovação litúrgicas pós-conciliares, foi devolvido às bases através do livro Estudos da CNBB, n 42: Liturgia, 20 anos de caminhada pós-conciliar.

2. Tendo a CNBB dedicado esforços especiais às diversas dimensões da vida da Igreja, urge refletir, agora e de modo bem abrangente, sobre a dimensão celebrativa, que tem aspecto profético e transformador e é a alma de todas as outras¹.

Para unir a dimensão celebrativa à dimensão profética e transformadora, o fundamental é prover de modo positivo e permanente, a formação de todos os agentes de pastoral, começando pelos mais responsáveis pela vida litúrgica nas diversas igrejas.

3. Não pretendemos aqui apresentar um Manual de liturgia nem um Diretório dos Sacramentos, mas Elementos de Pastoral Litúrgica. Desejamos contribuir para promover e animar a Pastoral Litúrgica na formação dos agentes de Pastoral, para dinamizar as celebrações, para a constituição de suas equipes e para impulsionar a adaptação litúrgica conforme os apelos do Espírito na Igreja.

4. Este trabalho contém duas partes:

Na 1^a parte refletimos sobre a caminhada litúrgica pós-conciliar, a natureza da liturgia, sua linguagem e suas múltiplas expressões, a importância da espiritualidade litúrgica e a urgência, tanto da aculturação e inculturação como da formação para a necessária adaptação e criatividade. Esta parte termina com algumas orientações pastorais sobre a liturgia em geral.

Já na 2^a, mais prática, são apresentadas orientações pastorais sobre a Celebração Eucarística.

I. A VIDA LITÚRGICA

CAPÍTULO I: A CAMINHADA LITÚRGICA PÓS-CONCILIAR E SEUS ATUAIS DESAFIOS

5. Apresentamos inicialmente uma visão geral da caminhada litúrgica no Brasil a partir do Concílio Vaticano II, realçando dois aspectos: uma visão de conjunto das três décadas e os desafios atuais.

1. Visão de conjunto das três décadas

6. Quem lembra como era celebrar a Liturgia há 25 anos e pensa como se apresenta hoje, percebe uma transformação imensa, realizada gradativamente. Há, nesse processo, características significativas em cada uma das três décadas passadas.

1.1. Os anos 60

7. Um grande entusiasmo marcou a acolhida da *Sacrosanctum Concilium*. O uso do vernáculo modificou profundamente o estilo das celebrações. No altar, o sacerdote voltado para o povo, pôs a presidência face a face com o povo, criando novo espaço e nova comunicação na assembléia litúrgica. Aboliu-se de imediato a duplicação que se havia introduzido na celebração da missa, com textos proclamados em latim e repetidos em vernáculo. Os ritos foram simplificados e tornados mais claros para facilitar a compreensão e a participação do povo. O canto das partes do Comum da missa, em vernáculo, e sobretudo a possibilidade de cantar os textos da missa em ritmo popular, também deram nova vida à celebração.

8. Multiplicaram-se os cursos de Liturgia, onde se insistiu na necessidade da participação ativa dos fiéis e do exercício das diversas funções, como o comentarista, os leitores, o animador e os grupos de canto. Aos poucos foram sendo introduzidos, também, novos instrumentos musicais.

9. Além disso, foram-se realizando Encontros Nacionais e Regionais de Liturgia. Surgiram obras nossas e outras traduzidas. A reflexão e a prática litúrgicas tornaram-se vivas nos vários cursos do ISPAL (Instituto Superior de Pastoral Litúrgica), que prestaram inestimável serviço à renovação litúrgica no Brasil.

10. Neste período aparecem também algumas dificuldades. A lentidão e a demora da reforma e renovação oficiais ensejou a alguns interpretar e aplicar o documento conciliar de maneira autônoma e, por vezes, arbitrária. As iniciativas, tomadas nem sempre de acordo com os critérios emanados do Concílio, exageraram, sobretudo, o descaso pelo aspecto jurídico do culto que, sendo comunitário, dele também necessita. Por isso, avançaram o sinal de tal modo que não foi fácil retroceder quando necessário.

11. Por outro lado, a descoberta do sentido e do valor da Liturgia como cume e fonte da vida da Igreja fez com que se abandonassem com certo desprezo outras formas de culto como os exercícios de piedade e as devoções populares². Não se conseguiu ainda preencher o vazio deixado pelo seu abandono.

1.2. Os anos 70

12. Três principais aspectos caracterizam este período: A introdução dos novos livros litúrgicos, os Documentos pastorais e a abertura da Igreja para a dimensão social de sua vida e, conseqüentemente, de sua Liturgia³.

13. Os livros foram apenas traduzidos e não adaptados. A Liturgia das Horas teve de se contentar com a tradução da "Oração do Tempo Presente", editada na França. Infelizmente os documentos litúrgico-pastorais da CNBB, bem como as Introduções teológico-pastorais aos novos Rituais, apesar de seu grande valor, não tiveram a esperada influência na caminhada de nossa vida litúrgica.

14. A realidade sofrida do povo fez a Igreja crescer na consciência de sua dimensão profética e evangelizadora. De fato, em Medellín (1968) os Bispos latino-americanos, apontavam os rumos da promoção social. Já em 1974, o Sínodo dos Bispos testemunha que a Igreja toda caminhava nessa direção, esplendidamente exposta na Evangelii Nuntiandi, que a Conferência Latino-americana em Puebla buscou aplicar à nossa realidade⁴.

15. Enquanto as atenções da Igreja se concentravam nos grupos marginalizados, nas grandes massas empobrecidas e oprimidas e desejosas de libertação integral, germinavam as sementes de uma nova expressão litúrgica ligada à vida.

16. Sobretudo nas CEBs, sob a influência crescente da Teologia da Libertação, a nova reflexão sobre a Cristologia e Eclesiologia na América Latina inova maneiras de celebrar a Fé.

17. Nesse contexto aparecem elementos positivos e negativos da caminhada litúrgica.

Foi positivo o novo modo de celebrar os sacramentos. A Penitência, por exemplo, se enriqueceu com as celebrações comunitárias, segundo o novo Ritual. E a Unção dos Enfermos tomou outras dimensões, mais na linha da Pastoral da Saúde.

18. A “Oração do Tempo Presente” levou o clero, as comunidades religiosas e não poucos cristãos leigos a redescobrir o valor e as riquezas da oração comunitária da Igreja.

19. A valorização dos ministérios na assembléia litúrgica estimula o aparecimento de novos ministérios na pastoral. E a mulher consegue lugar de destaque na Liturgia mais participada. Enfim, tem início a valorização da religiosidade popular em suas diversas formas e expressões.

20. Há, porém, elementos negativos nessa década. Com a deficiente formação litúrgica nos seminários e a insuficiente reciclagem oferecida ao clero, os padres, em geral, ficaram privados da espiritualidade litúrgica, ao mesmo tempo em que, no culto, infiltrava-se descabido desprezo pelas rubricas indispensáveis e novo rubricismo, na execução material dos ritos e no uso servil dos folhetos. Sensível foi nesse período como diminuiu a participação na confissão auricular. O exercício da celebração penitencial, com absolvição geral, não bem orientado, fez diminuir a participação na confissão auricular, privando o povo das riquezas desta forma de penitência sacramental.

21. Aqui e ali reduziu-se a celebração a mero meio de mentalização ideológica. E em que pese à benéfica integração da religiosidade do povo, parece, às vezes, que se alimenta a possibilidade de outra Liturgia, a “popular”, em oposição à oficial.

1.3. Os anos 80 e a situação atual

22. Três fatos marcam esta década: a pesquisa sobre a situação da vida litúrgica no Brasil (1983), a ampla avaliação das Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da CNBB (1987) e o estudo provocado pelo instrumento de trabalho “Por um novo impulso à vida litúrgica” (1988).

23. Deles se depreendem certos dados importantes: junto com um certo cansaço no campo da Liturgia cresce uma busca de soluções em nível mais profundo.

24. Persistem falhas já apontadas, como deficiente formação litúrgica dos agentes em todos os níveis, com uma defasagem agravante entre leigos que estudam e um clero pouco interessado.

25. Descobriu-se toda a amplitude de um dado relativamente novo: Cerca de 70% das celebrações, no Dia do Senhor, são realizadas por comunidades que vivem e celebram sua fé sem a presidência de um ministro ordenado.

26. Nem todas as deficiências que vêm à tona no culto são falhas da dimensão litúrgica: muitas devem ser atribuídas à falta de evangelização, à catequese incompleta e à ausência de vida comunitária.

27. É promissor o fato de uma pastoral litúrgica mais integrada na pastoral orgânica, como se verifica na presença, em cada Regional, de um bispo responsável pela Liturgia, suscitando equipes animadoras desta pastoral em vários níveis. Abrem-se assim perspectivas para a difícil tarefa de fazer confluir numa Liturgia viva as riquezas da tradição romana, da religiosidade popular, da oração comprometida com a transformação do mundo e a oração de louvor cada vez mais difundida, sobretudo nas grandes cidades nos grupos de oração⁵.

2. Desafios

28. Na situação atual da vida litúrgica surgem alguns desafios mais urgentes:

– Participação: o Concílio preconiza a participação ativa, consciente e frutuosa⁶. Como promovê-la sempre mais? Até que ponto os meios atuais, como folhetos, cantos, símbolos, concorrem ou impedem essa participação?

29. – Criatividade e adaptação: a participação reclama criatividade e adaptação. Como ampliar as oportunidades existentes na Liturgia, para isso?

30. *Civilização urbano-industrial*: a maioria do nosso povo vive na cidade secularizada e massificada pelos Meios de Comunicação Social. Que símbolos, gestos e sinais serão realmente significativos dentro deste novo contexto?

31. *A Palavra de Deus*: A Palavra de Deus é sempre eficaz e transformadora (cf. Is 55,10-11; Hb 4,12)⁷. O que falta para que as assembleias litúrgicas levem a maior compromisso de fé e melhor ligação entre fé, Palavra e vida?

32. *O Ano Litúrgico*: como superar o paralelismo entre as celebrações do Ano Litúrgico e os dias, semanas e meses temáticos (Mês da Bíblia, Dia das Missões, Mês Vocacional)?

33. *A Piedade Popular*: como redescobrir a riqueza da religiosidade popular e integrá-la na Liturgia?

34. *A Aculturação e Inculturação*: como concretamente levar adiante o processo de aculturação e de inculturação desejado pelo Concílio, para que se chegue a uma expressão litúrgica sempre mais de acordo com a índole do povo brasileiro constituído de tantas etnias?

35. Todos estes desafios deixam claro quanto e como é necessário desencadear um processo de *formação litúrgica* sistemática e permanente. Formação que se baseia na compreensão teológica da Liturgia e faça superar tanto o néo-rubricismo quanto a improvisação arbitrária.

CAPÍTULO II: LITURGIA: CELEBRAÇÃO DO MISTÉRIO DA SALVAÇÃO

1. A Celebração

36. Em todos os tempos e lugares, homens e mulheres de todos os meios e níveis sociais, de todas as culturas e religiões, costumam realçar, ao longo da existência, aspectos fundamentais da vida individual, familiar, social e religiosa.

37. Celebrar é parte integrante da vida humana, que é tecida de trabalhos e de festas, de horas gastas na construção e espaços destinados a usufruir de seus resultados.

38. A celebração nos leva a descortinar a grandeza de nosso ser e de nosso destino de imagens de Deus, grandeza que corremos o perigo de esquecer nas lutas pela vida, nas frustrações da existência. A celebração nos abre espaço para vivermos em comunhão que é o anseio profundo de nosso ser social. E completamos com nossa fantasia o que a dura realidade cerceia em nossa vocação para a plenitude e para a auto-realização.

39. Sendo um momento em que se evoca o fato passado para revivê-lo intensamente no nosso hoje, a celebração ocupa, na Religião, um lugar privilegiado: porque põe homens e mulheres em comunhão entre si e com Deus através de símbolos ou sinais. No cristianismo, a celebração consiste na memória do acontecimento fundante do Povo de Deus, isto é, a morte e ressurreição do Senhor, que perpetua na História a salvação que Cristo veio trazer a todos.

40. Em nossas celebrações religiosas há muitos objetos, gestos e atitudes especiais de pessoas: altar, cruz, livros, luzes, toalhas, palavras, mãos postas, mãos estendidas, sinal da cruz, genuflexão, procissões... Eles entram na Liturgia como símbolos ou sinais significativos.

41. Símbolos chamamos os objetos ou gestos que contêm e expressam, de forma analógica, a realidade evocada, que então aparece de outra maneira. Lavar as mãos na missa, por exemplo, é hoje, símbolo do esforço de purificação interior. Mostra uma pureza que deve existir, aqui e agora no interior de quem participa de tal gesto. Todos os sinais empregados na liturgia são simbólicos.

42. A celebração litúrgica, estruturada em símbolos e sinais, corresponde perfeitamente à psicologia do homem e da mulher, sobretudo dos mais simples, que preferem manifestar seus sentimentos por atitudes, gestos, objetos: uma visita, um abraço, um presente.

43. De modo especial, nós latino-americanos, preferimos reforçar assim a exuberância de nossos sentimentos. Por essa razão, nossa Liturgia deve abrir espaços para as expressões de nosso povo. Assim nossas celebrações conseguem a participação de todas as pessoas e da pessoa toda, envolvendo também seus corpos e a maneira característica de alimentar e exprimir seus sentimentos.

2. Celebração do mistério da salvação

44. O projeto de comunhão de Deus conosco, que chamamos de obra da salvação, foi prenunciado pelo próprio Deus no Antigo Testamento e realizado em Cristo. Hoje a Liturgia o celebra, isto é, o rememora e o torna presente na Igreja.

45. De fato, Israel foi o povo convocado pelo Senhor em assembléia para o culto do “Deus único dos pais”, que se revelou como Senhor: um Deus para nós, portanto, vivo e atuante na História. Marcou profundamente Israel a libertação exaltada no

Êxodo, que junto com a criação, a eleição e a aliança são os motivos do culto do Povo ao Senhor.

46. Libertando Israel da escravidão para ser seu povo, ou seja, povo sacerdotal, real e profético, o Senhor ensina aos profetas a releitura destes acontecimentos como encaminhamento da humanidade para a nova Aliança: nesta aliança nova, o culto crescerá em intensidade, em compromisso e justiça com os irmãos e abertura para a universalidade, até que um dia Jesus o proclame como adoração em espírito e verdade (cf. Jo 4,23)⁸.

47. Em Jesus Cristo, o projeto de Deus se realiza plenamente, pois nele, se unem o divino e o humano. Por isso, é no Filho que nos tornamos filhos. Sua humanidade é instrumento de nossa salvação⁹. Jesus juntou às palavras, ações e atitudes significativas que mostram que o Reino anunciado por Ele já se tornou presente. Seu agir em favor dos marginalizados do seu tempo é expressão do plano de Deus: conduzir, a partir dos pobres, todos os homens e mulheres à comunhão com o Pai.

48. O mistério pascal de Cristo é o centro da História da salvação e por isso o encontramos na Liturgia como seu objeto e conteúdo principal. Esse mistério envolve toda a vida de Cristo e a vida de todos os cristãos. “Por sua obediência perfeita na cruz e pela glória da sua ressurreição, o Cordeiro de Deus tirou o pecado do mundo e abriu-nos o caminho da libertação definitiva. Por nosso serviço e nosso amor, mas também pelo oferecimento de nossas provações e sofrimentos, nós participamos do único sacrifício redentor de Cristo, completando em nós o que falta às tribulações de Cristo pelo seu corpo que é a Igreja”¹⁰.

49. Assim se entende como e por que sem a ação do Espírito Santo não pode haver Liturgia. A Páscoa de Cristo que celebramos é fruto do Espírito Santo que impulsionou o Filho de Deus a realizar a vontade do Pai até as últimas conseqüências (cf. Hb 9,14)¹¹. E quem envolve no mistério pascal a vida, as lutas e as esperanças de todas as pessoas é o mesmo Espírito, que na Liturgia é invocado para a santificação do pão e do vinho e a união dos fiéis. O Espírito continua exortando-nos a que ofereçamos nossa vida e nosso compromisso de servir aos irmãos na construção do Reino, como hóstias vivas, santas e agradáveis a Deus. Aliás, é este o nosso culto espiritual (cf. Rm 12,1)¹².

50. Nesta perspectiva, acolhemos com alegria o atual anseio de, nas ações litúrgicas, celebrar os acontecimentos da vida inseridos no Mistério Pascal de Cristo. De fato, na Liturgia sempre se celebra a totalidade do Mistério de Cristo e da Igreja, com todas as suas dimensões. A vida se manifesta não apenas nos momentos fortes do culto, mas também no esforço por crescente comunhão participativa; na consciência de sua vocação missionária; no empenho pela acolhida e animação catequética da Palavra; no espírito de amplo diálogo ecumênico e na séria, corajosa e profética ação transformadora do mundo.

51. Quando os Bispos explicitaram estas seis dimensões nas Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil, tiveram em mente o fato de que a Liturgia é o cume e a fonte de toda a ação pastoral¹³. Estas dimensões não existem isoladamente e, ao mesmo tempo, tem cada qual sua identidade: Liturgia não se confunde com Catequese, nem com ação transformadora do mundo, embora deva estar presente e penetrar todas as ações da pastoral.

52. Mas em cada uma dessas dimensões todas as ações verdadeiramente pastorais têm um caráter pascal, pois são vivências da Páscoa da Igreja, à imagem e pela força da Páscoa de Cristo. E por isso a Liturgia as celebra.

CAPÍTULO III: O POVO DE DEUS CELEBRA A SALVAÇÃO

53. As maravilhas operadas por Deus no Êxodo visavam reunir o povo no Sinai para constituí-lo povo sacerdotal.

Jesus Cristo, o sumo sacerdote da fé que professamos (cf. Hb 3,1)¹⁴ também reúne seu povo, a quem, pelo Batismo, deu participar do seu sacerdócio. Assim o novo Povo de Deus, que está no mundo vivenciando as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias com todos os homens e mulheres de hoje, sobretudo com os pobres, é convocado para assembleias, a fim de exercer de modo eminente o seu sacerdócio com Cristo, por Cristo e em Cristo.

54. O Povo de Deus, sobretudo na Assembleia litúrgica se expressa como um povo sacerdotal e organizado, no qual a diversidade de ministérios e serviços concorrem para o enriquecimento de todos. Sua unidade e harmonia é um serviço do ministério da presidência. Convocada por Deus, a assembleia litúrgica, expressão sacramental da Igreja, unida a Jesus Cristo, é o sujeito da celebração.

55. O Povo de Deus convocado para o culto é o mesmo povo que trabalha, faz festa, sofre, espera e luta na História. Por isso, as nossas assembleias são diversificadas. É mister abrir espaços de esperança à manifestação das ricas expressões religiosas das comunidades, dos grupos étnicos e das grandes massas empobrecidas. Porque não é possível celebrar um ato litúrgico alheio ao contexto da vida real do povo, em sua dimensão pascal.

56. É essa diversificada assembleia, que é servida por ministérios e serviços multiformes, que o Espírito suscita em sua Igreja. Entre os ministérios distinguem-se os ordenados, do bispo, do presbítero e do diácono, participação específica no múnus dos apóstolos, múnus este, instituído por Jesus Cristo. Hoje temos os ministérios instituídos do acólito e do leitor; e chamamos “de credenciados” os serviços que o cristão leigo exerce em virtude de seu batismo sob a coordenação de seu Bispo: são assim, o ministério extraordinário do Batismo, da Comunhão Eucarística e da assistência ao Matrimônio. Há também determinados serviços litúrgicos que, de modo estável, desempenham leitores, comentaristas, recepcionistas, componentes do coral e, sobretudo, as Equipes de Pastoral Litúrgica. Esta diversidade de ministérios fortalece a Igreja como comunidade e realça a dimensão comunitária da ação litúrgica.

57. Nessa exuberante manifestação do Espírito, que são os ministérios, há que se destacar alguns aspectos mais significativos.

58. O serviço da presidência, como sinal visível de Cristo-Cabeça, implica para Bispos, presbíteros e diáconos uma renovada postura quando celebram com seu povo.

59. O diácono, como o presbítero e o bispo, não só presidem a assembleia, mas a preparam, no sentido de que a eles incumbe a responsabilidade de construir a comunidade, condição importante para a celebração litúrgica.

60. “Onde a necessidade da Igreja o aconselhar, podem também os leigos, na falta de ministros, mesmo não sendo leitores ou acólitos, suprir alguns de seus ofícios, a saber, exercer o ministério da palavra, presidir às orações litúrgicas, administrar o Batismo e distribuir a Sagrada Comunhão, de acordo com as prescrições do direito”¹⁵.

61. Hoje, para a Liturgia, o leitor é instituído para servir à Palavra, proclamando-a no culto e fazendo-a mais conhecida na Catequese; o acólito, no seu serviço

prestado ao altar e à distribuição da Eucaristia, acrescenta a preocupação com a caridade, pois, sem amor ao próximo não tem sentido partilhar o Pão eucarístico¹⁶.

62. Além dos acólitos e leitores, inúmeros homens e mulheres assumem na celebração serviços espontâneos, que a tornam mais participada. A Equipe de Pastoral Litúrgica, responsável pela animação da vida e ação litúrgicas, deve dar especial atenção a estas Equipes de Celebração, que ajudam o presidente e a assembléia nas celebrações litúrgicas.

63. Assim, a assembléia litúrgica, servida por um conjunto de ministros, manifesta e realiza a “Igreja toda ministerial”¹⁷ e a diaconia que é a sua vocação. A presença e participação dos fiéis através de gestos, palavras, aclamações e posturas corporais tornam visível esplendidamente a Igreja em ação¹⁸.

CAPÍTULO IV: AS DIMENSÕES DA LITURGIA

64. A Liturgia, como exercício do sacerdócio de Jesus Cristo, tem duas dimensões fundamentais: a glorificação de Deus e a santificação da humanidade¹⁹. Trata-se de duas dimensões e não de dois tempos ou duas atividades estanques²⁰. A Comunidade que celebra tem o compromisso de evangelizar o mundo²¹.

Neste fluxo e refluxo de realidades nós destacamos alguns aspectos relevantes.

1. Memorial

65. A ação litúrgica é memorial: atualiza os fatos passados que, em Cristo e por Cristo, são sacramentos de salvação. Além disso, tem a força de tornar presentes as realidades futuras, levando os que a celebram a se inserirem no projeto de Deus. Como torrente de graças transbordando na história, o memorial celebra também em Cristo, os acontecimentos da vida do Povo de Deus. Os milhares de homens e mulheres individual ou comunitariamente, sob a ação do Espírito Santo, encheram de vida, sentido e luz a sua história, revivendo nela o mistério pascal de Jesus Cristo.

2. A glorificação da Trindade

66. Porque a Trindade é fonte e fim da Liturgia, o louvor, a glorificação do Senhor é uma constante do culto cristão.

Não nos esquecemos, porém, de que a glória de Deus nas alturas realiza a paz na terra para as pessoas que Ele ama. A transformação do homem e da mulher e do seu mundo é o meio seguro de glorificar a Deus que os quer à sua imagem e semelhança e participando do dom da vida com abundância (cf. Jo 10,10; Is 44,23)²².

3. Ação de graças

67. Nesta perspectiva, torna-se mais compreensível o hino que há séculos ressoa nas igrejas: “Nós vos damos graças por vossa imensa glória”. A ação de graças é importante porque, além do mais, sublinha a gratuidade do dom de Deus que celebramos.

68. Dar graças é exigência do coração que se vê assim beneficiado. Insistir, nas celebrações, em considerar demasiadamente a presença do pecado deturpa a realidade e esvazia a Liturgia, que nos convoca a louvar, bendizer, dar graças e esperar contra toda esperança.

4. Súplica e intercessão

69. Toda oração litúrgica é feita na “unidade do Espírito Santo”. Precisamos dele para que nossa oração não seja um programa que impomos a Deus em nosso favor, mas reconhecimento do poder e bondade sem limites do Senhor que, fazendo vir a nós o seu Reino, nos livra de todo o mal. Pedimos por nós e pelo mundo.

70. A súplica é sobretudo reconhecimento da grandeza de Deus, que nos socorre, e não apenas consciência de nossa incapacidade. Por isso, pedimos ao Espírito que nos ensine o que devemos pedir (cf. Rm 8,26)²³.

5. Pedido de perdão

71. A nossa condição de humanidade pecadora põe em realce a misericórdia de Deus. Pedir perdão é oração humilde, sincera e alegre, no encontro com a Misericórdia infinita, que perdoa os muitos pecados a quem muito ama (cf. Lc 7,47)²⁴. É Cristo vítima, que morre e ressuscita e é celebrado na Liturgia, quem dá sentido também aos nossos sofrimentos; transformados em atitudes de oração penitencial, completam em nós, seus membros, a sua Paixão dolorosa (cf. Cl 1,24)²⁵.

6. Compromisso

72. Quando se tem consciência de que pecar é condição da humanidade toda, de que a unidade de todos os homens e mulheres é obra do Espírito Santo, e de que a glória de Deus é a realização de seu povo também na História, é fácil compreender que a Liturgia, além da conversão pessoal, comporta um compromisso social.

73. O Reino de Deus que se realiza onde Deus reina por sua graça, também se explicita no pão de cada dia, na convivência fraterna e nos anseios de libertação de todo o mal. A Liturgia não nos convida apenas para ouvirmos falar do Reino, mas para nos impelir e animar a construí-lo.

7. Escatologia

74. Entretanto, sabemos que a construção da sociedade justa e fraterna é esforço para implantar um sinal do Reino definitivo, no qual já se encontram os nossos santos. Se fazemos memória deles, prelibando suas alegrias, é porque toda a Liturgia é antegozo da realidade que aguardamos, vivendo a esperança: na dimensão escatológica de nossa Liturgia²⁶, celebramos, de fato, a ação salvadora e perene de Deus, que começa na criação, manifesta-se na História e se coroa na Pátria definitiva.

CAPÍTULO V: ELEMENTOS E FORMAS DO CULTO CRISTÃO

1. Elementos da celebração

75. No projeto do Senhor de ser o nosso Deus e fazer de nós o seu Povo (cf. Lv 26,12)²⁷, a comunicação é fundamental e a linguagem é de capital importância. A Liturgia exprime e constrói, sempre mais, a comunhão que o Pai decidiu levar avante pela missão do Verbo, que se fez carne para habitar, como um dos nossos, entre nós e pelo envio do Espírito Santo. Por isso, a Liturgia faz sua a linguagem humana e comunica e celebra os mistérios com os mesmos elementos com que as pessoas celebram a sua vida.

76. O primeiro elemento litúrgico são as pessoas. A presença de homens e mulheres no recinto em que se encontram, felizes por se reconhecerem como convocados por Deus, faz de nossas assembléias reuniões diferentes das que concentram pessoas em teatros ou estádios, em reuniões sindicais, ou encontros partidários, como também diante da TV. Elas se reúnem na fé, em nome de Cristo, conduzidas pela ação misteriosa do Espírito que as transforma em sinais do Reino do Pai. Daí emerge o sentido da assembléia litúrgica.

77. A seguir, a Palavra de Deus, comunicação do próprio Deus, que nos convoca para celebrar a Aliança, ilumina nosso caminho e alimenta nossa vida. Primeiro porque Deus mesmo revelou o seu plano através de acontecimentos, cujo sentido foi captado e transmitido, sob inspiração do próprio Deus, através de palavras humanas, que hoje constituem o texto sagrado, objeto e alimento de nossas celebrações.

78. A celebração da Palavra de Deus na Liturgia é presença do mistério de Cristo agindo aqui e agora, com sua divina proposta, que aguarda nossa resposta concreta e generosa.

79. A Pastoral litúrgica esmera-se em pôr em relevo o sentido e o valor da Palavra na celebração, quando é proclamada na assembléia, atualizada pela homilia e se faz resposta orante nos salmos e preces²⁸.

80. Além da Palavra divina, o Povo de Deus escolhe cuidadosamente palavras que exprimem sua fé, sua esperança, seus sentimentos e suas necessidades numa primorosa e venerável coleção de orações e hinos²⁹.

81. Ajudam muito a comunicação humana e, portanto, fazem parte da linguagem litúrgica, muitos elementos visuais, acústicos e os que falam por seu movimento.

Enriquecem visualmente a celebração não só a arte dos arquitetos, pintores, escultores e artistas populares, mas também o bom gosto nas vestes litúrgicas, a tradição das cores, a presença das luzes e a preocupação com a beleza até nos menores objetos de que o culto se utiliza.

82. Auxiliam nossa prece, reforçando a palavra que ouvimos, a linguagem universal da música, cantada ou instrumental, que os momentos de silêncio ressaltam e, ao mesmo tempo, abrem espaço para outro tipo de oração. E até mesmo a simples modulação da voz pode expressar nossa alegria, nossa confiança ou nossa dor.

83. Nosso corpo, sensível e dócil ao movimento, é uma fonte inesgotável de expressão. Por isso, na liturgia têm importância os gestos, as posturas, as caminhadas e a dança.

84. A força dos símbolos e sinais, sobretudo quando retirados da vida e cultura do povo, completa a grande variedade de elementos da nossa Liturgia.

2. Formas de celebração

85. A salvação que o Pai nos oferece chega até nós por Cristo, na Igreja. Temos ali a graça de vivenciar, em momentos diversos, a íntima comunhão com Deus e com os irmãos. Esta é a nossa vocação. Chamamos formas de celebração os diversos momentos rituais que nos permitem experimentar esta comunhão.

2.1. Os Sacramentos

86. Os momentos mais intensos dessa comunhão são os sacramentos. A Igreja cresce constantemente com novos membros que se convertem ao caminho de Jesus e aderem à Aliança. Ela a celebra no Batismo, fazendo-os passar pela água numa nova páscoa e ungindo-os na Crisma com o perfume do Espírito para que, conformados e fiéis a Cristo, vivam sua vocação e missão na construção do Reino.

87. A Igreja é constantemente recriada pela Eucaristia. Nela faz o memorial da morte e ressurreição de Cristo, o sacrifício da nova Aliança, no pão partido e repartido entre a comunidade, no vinho vertido no cálice. Aqui é o Espírito que transforma a matéria; comprometida com ele, a Igreja leva cada um a partilhar o que tem, dando um novo sentido sacralizado ao universo material e aos acontecimentos de nossa vida.

88. Jesus Cristo não só exortou os homens e as mulheres à penitência, a fim de que deixassem os pecados e de todo coração se convertessem ao Senhor, mas também acolheu os pecadores, reconciliando-os com o Pai e com os irmãos. Seguindo os seus passos, a Igreja não cessa de convidar seus membros à conversão e restauração da vida e a manifestarem a vitória de Cristo sobre o pecado pela celebração da Penitência, esmerando-se em valorizar a prática da confissão.

89. Através da Unção dos Enfermos, a comunidade eclesial concede o alívio nos sofrimentos e liberta dos pecados e Cristo une o doente ao mistério de sua Paixão e pela graça do Espírito Santo, o associa à sua ação redentora. E dá ainda ao doente, que vê sua existência desestruturada pela enfermidade, a força suficiente para rever seu projeto de vida cristã.

90. A Igreja escolhe alguns homens no meio do povo, os quais marcados pelo sacramento da Ordem, agem “in persona Christi” e, assim, unidos ao Cristo Sacerdote, se tornam ministros da unidade e servidores do povo.

91. Através do Matrimônio cristão a Igreja celebra a Aliança de amor de Deus com os homens e mulheres e o amor de Cristo e da Igreja. Os esposos, mergulhados, desta forma, neste profundo mistério de amor, proclamam, pela vida afora, a fidelidade de Deus à humanidade.

92. Vemos aqui como pelos sacramentos a Liturgia leva a fé e a celebração da fé a se inserirem nas situações concretas da vida³⁰.

2.2. Celebrações na ausência do presbítero

93. No Brasil a maioria do povo fiel, em milhares de comunidades, que não contam ordinariamente com o presbítero, através da Palavra celebram o mistério de Cristo em suas vidas. E sendo a Palavra de per si, depois dos sacramentos, o modo mais importante de celebrar, temos mais de um motivo para refletir sobre esta forma de celebração, como o vem fazendo, aliás, a própria Sé Apostólica em nível universal³¹.

94. A partir do dia de Pentecostes a Igreja não mais deixou de reunir-se em assembléia, no Dia do Senhor, para celebrar o mistério pascal de Jesus pela proclamação da Palavra e a Fração do Pão³². A Celebração eucarística, portanto, é a celebração mais plena e mais apropriada do Dia do Senhor.

95. O surgimento rápido de inúmeras comunidades eclesiais, ultrapassando a capacidade de atendimento dos presbíteros, leva o Povo de Deus a reencontrar no tesouro da tradição litúrgica da Igreja a celebração da Palavra para alimento de sua fé, de sua comunhão e de seu compromisso³³.

96. Nesta celebração da Palavra, o Cristo se faz verdadeiramente presente, pois é ele mesmo que fala quando se lêem, na Igreja, as Sagradas Escrituras³⁴. Além de sua presença na Eucaristia, eventualmente distribuída, está também, na assembléia, pois prometeu estar entre os seus que se reúnem em seu nome (cf. Mt 18,20)³⁵.

97. É nesta celebração que muitas de nossas comunidades encontram o alimento de sua vida cristã. Formadas por gente simples, em luta pela sobrevivência e mais abertas à solidariedade, estas comunidades espontaneamente unem a Escritura à vida e, criativamente, integram preciosos elementos da religiosidade popular.

98. Contudo, não confundimos nunca estas celebrações com a Eucaristia³⁶. Missa é missa. Celebração da Palavra, mesmo com a distribuição da Comunhão, não deve levar o povo a pensar que se trata do sacrifício da missa. É errado, por exemplo, apresentar as oferendas, proclamar a Oração eucarística, rezar o Cordeiro de Deus e dar a bênção própria dos ministros ordenados³⁷.

99. A celebração da Palavra tem seus próprios valores nos vários elementos que a integram:

- reunião dos fiéis para manifestar a Igreja³⁸
- proclamação e atualização da Palavra que a faz transformadora;
- preces, hinos, cantos de louvor e agradecimento, que são a resposta orante dos fiéis;
- saudação da paz, ofertas de bens e, quando houver, Comunhão eucarística que, a um tempo, expressam a solidariedade eclesial e o compromisso de transformar o mundo.

100. A coordenação desses elementos exige um serviço de presidência. Os diáconos são os primeiros encarregados de dirigir esta celebração³⁹. Entretanto, quando não houver diácono ou ministro instituído, todo o cristão leigo, homem e mulher, por força de seu Batismo e Confirmação, assume legitimamente este serviço⁴⁰. Recomenda-se que os encarregados desta atividade sejam apresentados à comunidade em celebração especial para tornar mais evidente a comunhão eclesial. Seja feita esta designação por um período determinado de tempo.

101. Assim presidida, a celebração se desenvolve num ritmo, que exprime bem o diálogo entre Deus e a assembléia:

- *Os Ritos iniciais expressam* o Senhor, que chama e reúne seu povo, e o povo que alegremente vem e se apresenta. Breve monição lembrará à comunidade sua união com a Igreja local, onde os irmãos celebram e lutam na construção do Reino⁴¹.
- *Na Liturgia da Palavra*, proclamada e explicada, o Senhor fala da salvação ao seu povo, que responde professando a fé, pedindo perdão, suplicando, louvando e bendizendo.
- *A ação de graças* é um ponto alto, porque a grande resposta ao Deus que se faz Salvador é o homem e a mulher agradecendo. Por ela se louva e se bendiz a Deus por seu grande amor. Um hino, um canto, uma oração litânica podem exprimi-la após a Oração dos fiéis, da Comunhão ou no final da celebração⁴².
- *Pela Comunhão eucarística*, a assembléia exprime e realiza aí íntima união com Cristo e com a Igreja.
- *Pelos Ritos de conclusão* os fiéis, que tomaram consciência de que são enviados, assumem o compromisso da sua missão a serviço do Reino na vida concreta.

102. Finalmente, não podemos esquecer que a celebração da Palavra tem uma ampla dimensão educativa, levando o povo à sadia criatividade, à valorização dos

ministérios, ao compromisso com o Reino e ao amor à Eucaristia, como expressão da plena comunhão eclesial.

2.3. Sacramentais

103. Na vida celebrativa do nosso povo têm relevo também as bênçãos, as exéquias, as orações comunitárias. A Santa Igreja mostra seu apreço aos lugares e pessoas consagradas através de ritos solenes, por exemplo, para a dedicação das igrejas e a profissão religiosa.

104. As *bênçãos*. A Igreja, que louva e bendiz a Deus, também abençoa e consagra as pessoas e tudo que concorre para sua vida. Benzer, para a Igreja, significa afastar o véu que encobre o bem que já na criação o Senhor depositou nas coisas e o Redentor deseja e oferece aos homens e mulheres que ele salva.

105. É nos acontecimentos e situações de sua vida que o povo deseja e procura os vestígios da bondade de Deus. Abençoando, sempre a partir da proclamação da Palavra, a Liturgia dá resposta plena a estes anseios humanos⁴³.

106. As bênçãos, além de sua dimensão evangelizadora, abrem perspectivas para a pastoral, que busca a mútua fecundação entre Liturgia e religiosidade popular.

107. *Exéquias*. A dura realidade da morte com seu doloroso cortejo de sofrimentos e separações de entes queridos toca no mais profundo anseio de toda a humanidade: anseio de vida e convívio perene e feliz.

Nossa fé no mistério pascal, no sentido da morte e ressurreição de Cristo, nos conduz à Pastoral da esperança, celebrada na Liturgia com grande respeito pelos sentimentos e costumes do povo nas diversas regiões. “Na ausência do ministro ordenado, os ministros de culto, especialmente, nas capelas rurais, presidam as exéquias, com ritual próprio, ressaltando a liturgia da Palavra e as orações adequadas à ocasião.

2.4. Oração comunitária

108. A nossa oração é participação no diálogo de Cristo com o Pai e da oração que lhe dirigiu durante sua vida terrena em nome e pela salvação de todo o gênero humano⁴⁴. É essa piedade de Cristo que continua na Igreja de modo eminente na Liturgia das Horas.

109. Santificando o dia, ela santifica os homens e as mulheres em todas as suas atividades e louva a Deus em todos os momentos: porque é preciso orar sempre sem nunca interromper esse diálogo (cf. Lc 18,1; 1Ts 5,17)⁴⁵. Todos, portanto, são convidados a participar da Liturgia das Horas, fazendo seus os sentimentos e desejos da Igreja⁴⁶.

110. Quando circunstâncias diversas privaram o povo das riquezas desta oração, os fiéis se refugiaram na chamada piedade popular, e, conservando as reminiscências do culto de louvor, chegaram, a seu modo, a expressar sua fé, celebrar sua vida e cultuar o seu Deus. Haja vista o Rosário de Nossa Senhora, o Angelus, celebrando a Encarnação nas horas marcantes do dia e a Via sacra, explicitando os passos da Paixão. E as romarias rumo aos santuários traduzem de modo concreto a nossa caminhada, seguindo o Cristo peregrino e festejam a universalidade da Igreja aberta para todos.

Não será demais, por isso mesmo, recordar que os santuários devem dar à Liturgia uma especialíssima atenção.

CAPÍTULO VI: A IGREJA CELEBRA NO TEMPO

111. O Domingo, como um dia especial, Natal e Páscoa, como tempo de festa, são realidades na vida de todas as pessoas, sejam ou não membros da comunidade eclesial⁴⁷.

112. Nossa fé, porém, vê mais em tudo isso. Tem consciência da plenitude da salvação realizada por Cristo, em quem tudo foi criado, razão por que é sua missão recapitular em si todas as coisas (cf. Cl 1,16)⁴⁸. Seguindo a sucessão de dias e noites e o movimento regular do sol, que põe ritmo evidente no nosso universo, o cristão se compraz em celebrar também ritmadamente o mistério de Cristo. O Senhor santificou todo o tempo e, por isso, todos os dias são santificados. Na vida concreta, porém, para recordarmos esta verdade, chamamos de “santos” certos dias e certos tempos em que abrimos mais espaço para celebrar o mistério de Cristo ou algum aspecto da salvação.

1. O Domingo

113. O cristão, à semelhança dos judeus, consagrou um dia por semana à celebração de seus mistérios. A escolha recaiu sobre o primeiro dia da semana, dia da Ressurreição do Senhor, dia também que recorda a criação em Cristo, o recapitulador da História. Por isso, além de ser o Dia do Senhor, o Domingo é também o dia do Homem que busca viver a liberdade⁴⁹.

114. Em nenhum momento, homens e mulheres seguidores de Cristo se sentem melhor como filhos de Deus do que na celebração da Eucaristia. O memorial da morte e ressurreição de Cristo, que nos faz filhos no Filho (cf. Jo 1,12; Gl 3,26)⁵⁰, nos une de tal modo a Jesus que em Cristo, com Cristo e por Cristo, na unidade do Espírito Santo, damos ao Pai toda a honra e toda a glória. Por isso, a Eucaristia é a celebração primordial do Domingo. Celebração eucarística a que estão ligadas de certo modo as inúmeras celebrações da Palavra nas comunidades que não têm padre.

115. Mas não é só a missa que celebra o Dia do Senhor. As primitivas celebrações do Domingo, centradas na Fração do Pão se realizavam dentro da reunião alegre dos que juntos comiam com simplicidade de coração (cf. At 2,26)⁵¹. Cessar o trabalho neste dia não é só para descansar, que tem também o seu valor, mas para oferecer oportunidade de encontro com os irmãos. São celebrações do Domingo, acolhendo o Ressuscitado, que deseja nossa união fraterna (cf. Jo 17,21)⁵², as horas de convívio alegre e gratificante com os seus, as obras de misericórdia com os que sofrem e a partilha da Palavra em momentos de aprofundamento e reflexão.

116. O Senhor, dizendo aos homens e mulheres “dominai a terra” (cf. Gn 1,28)⁵³, nos fez senhores deste mundo. Este senhorio restaurado por Cristo deve ser intensa e conscientemente celebrado. Urge ver no descanso não apenas um espaço para o ócio, mas a proclamação cristã da libertação dos filhos de Deus de todo o mal, que o pecado injetou no trabalho através do suor, da ganância, da competição e exploração. E ver ainda no passeio, na recreação e no esporte o exercício daquela realeza com que Deus coroou seus filhos e suas filhas, capacitando-os para dominar a natureza, brincar com ela e usufruir de suas riquezas inesgotáveis.

117. Sentimos fundo no coração a deturpação do Domingo, imposta pelas injustiças e pelo consumismo de nossa época dominada pelo espírito secularista.

Alguns são obrigados a trabalhar no Domingo por imposição de suas profissões. A caridade com que exercem seus deveres é seu sacrifício espiritual, já que estão

impedidos de celebrar plenamente o Dia do Senhor. Inaceitável, outrossim, é a sociedade que obriga multidões à luta pela sobrevivência por causa do trabalho mal remunerado, que desfigura o Domingo feito dia de horas-extras. A própria realidade urbana dificulta, muitas vezes, a vivência cristã do Dia do Senhor.

118. Lamentamos também o consumismo secularista, que leva centenas de pessoas ao mero lazer, viagens e programas, que mais parecem criados para distrair ou dirigir as atenções em direção oposta ao culto e à religião.

119. Corremos também o risco de esvaziar o sentido do Domingo com o excesso e superposição de comemorações, que pretendemos realçar neste dia, sem notar que não sobra espaço para celebrar o mistério pascal.

Núcleo de todo o Ano Litúrgico e ponto de convergência de todos os dias da semana, o Domingo espera, urgentemente, mais atenção de nossa pastoral.

Nas paróquias com muitas comunidades, programe-se a celebração das missas dominicais de modo a possibilitar, por turno, o Santo Sacrifício em todas elas. Para isso é necessário reeducar as comunidades centrais no sentido de se contentarem com a celebração da Palavra, quando a missa é celebrada nas outras.

120. A Semana tem tonalidade pascal particular, quando celebrada à luz do Domingo. Elementos do mistério de Cristo e da Igreja são recordados na sucessão de seus dias, sendo que a consagração do Sábado a Maria é muito cara à piedade popular. Se a Liturgia das Horas faz deste último dia, o dia da feliz consumação, com razão celebramos aquela que, assunta ao céu em corpo e alma, já se encontra na glória. Associada ao Cristo, ela é também protótipo da pessoa humana glorificada.

2. Os Ciclos do Ano Litúrgico

121. A Páscoa e as alegrias de celebrá-la são grandes demais para caberem nos limites de um Domingo. Desde cedo a Igreja passou a consagrar a isso o ano todo, dividindo-o em ciclos: um conjunto de domingos para celebrar o Salvador, que se manifesta ao mundo; e outro grupo dedicado à Paixão-Morte e Ressurreição de Cristo, que nos envia o Espírito Santo. E entremeando estes dois ciclos, numa longa série de domingos, revive-se o que Jesus fez e disse como nosso Redentor.

122. *Tríduo Pascal.* Assim como o Domingo é o ponto alto da semana, o Tríduo pascal da Paixão-Morte, Sepultura e Ressurreição do Senhor é o ápice luminoso de todo o Ano litúrgico⁵⁴.

123. O Tríduo pascal começa na Quinta-Feira, à hora da Ceia do Senhor, quando Cristo antecipa sacramentalmente sua Morte e Ressurreição. Após um dia de penitência, que é a Sexta-feira Santa e um dia de silêncio, o Sábado, o povo cristão concentra suas atenções na Vigília pascal, mãe de todas as vigílias⁵⁵, porque celebra a Ressurreição de Jesus e a dos cristãos com ele.

124. *Tempo pascal.* Os cinquenta dias entre o Domingo da Ressurreição do Senhor e o Domingo de Pentecostes sejam celebrados como um grande domingo, um só dia de festa⁵⁶. São celebrações que convergem para o Cristo vitorioso e entre nós, enquanto Pentecostes, com a vinda do Espírito Santo, lembra o coroamento e a culminância da Páscoa do Senhor.

125. Páscoa é festa e novo ritmo de vida. O Espírito que o Senhor nos dá nos impulsiona continuamente a viver a nossa páscoa, que são as múltiplas passagens da morte para a vida.

126. *Quaresma*. A Igreja preparou os catecúmenos para a iniciação cristã nos quarenta dias que precedem a Páscoa. Hoje a Quaresma convoca-nos para a oração, o jejum e a caridade expressa pela esmola. Assim manifestamos a nossa abertura para a Palavra de Deus, que nos leva à conversão de nossos pecados, para vivermos a fraternidade em que fomos inseridos pelo Batismo.

127. A Campanha da Fraternidade, com que a Igreja, no Brasil, desencadeia um grande movimento de evangelização, recebe da Liturgia o incentivo para seu espírito de caridade e o desejo de conversão com que anima sua pregação nos Meios de Comunicação Social, nas aulas de religião e grupos de estudo e oração.

A Campanha da Fraternidade, por outro lado, cada ano pede à Liturgia, um gesto concreto de conversão para todas as comunidades do país.

128. *Advento, Natal e Epifania*. A salvação começa com o mistério do Natal, quando Cristo, edificando sua tenda entre nós (cf. Jo 1,14)⁵⁷, une o homem a Deus e aos irmãos, reconstituindo a grande família humana.

129. A preparação para o Natal tem características próprias. Evocando a expectativa que precedeu a vinda do Messias, nos põe no coração toda a alegria e gratidão por sermos salvos. Ao mesmo tempo aprofunda o sentido da segunda vinda, o fim dos tempos, onde teremos em plenitude os bens que o Natal começa a dar-nos e nos convida a procurar.

130. A Liturgia do Natal celebra ainda a visita dos magos, o Batismo de Jesus e o Casamento de Caná: porque Cristo quis revelar-se desde o princípio como o Salvador de todos, veio capacitar-nos para sermos filhos no Filho e santificar as grandes realidades humanas.

131. *Chamamos*, de maneira não completamente feliz, de “*Tempo comum*” o mais longo tempo de celebrações litúrgicas em que evocamos o mistério de Cristo em sua plenitude: são 33 ou 34 semanas dedicadas ao memorial do que Cristo fez e disse, esclarecendo as dimensões de nossa salvação. Foi para pregar e operar sinais que ele nasceu; morreu para se mostrar fiel à sua missão; e ressuscita para continuar suas atividades na Igreja de maneira sacramental.

132. O Tempo comum não é tempo vazio. É tempo de a Igreja continuar a obra de Cristo nas lutas e nos trabalhos pelo Reino.

133. *O Santoral*. Temos na Liturgia, sobretudo no Tempo comum, um calendário de comemorações e festas dos santos e, em especial, da Virgem Maria. Ninguém desconhece quanto é cara ao nosso povo a devoção aos santos, abrindo-nos horizontes para nossa pastoral. A Liturgia valoriza este culto. Se nos ciclos do Natal e da Páscoa celebramos o que Cristo fez para sua Igreja, já na comemoração da Mãe de Deus e de todos os santos evocamos o que a Igreja realiza, em Cristo, para a glória do Pai.

134. Por isso, não basta procurar nos santos apenas proteção nas diversas contingências da vida; impõe-se mais tê-los como verdadeiros modelos de vida, inspiradores de nosso projeto cristão.

135. Assim, Maria, para além de toda ternura que sua devoção inspira, deve ser vista sobretudo como Mãe da Igreja; pois assim como o filho traz em seu rosto os traços de sua mãe, nós cristãos nos empenhamos por marcar nossa vida com a escuta da Palavra, o amor incondicional a Cristo e a caridade solícita para com os irmãos, que caracterizam a santidade de Maria.

136. Finalmente, não podemos deixar de notar uma certa defasagem que sofremos, celebrando a Liturgia única em nossas regiões. O Ano litúrgico, calcado sobre os ciclos cósmicos, encontra maior força de expressão quando se celebra a Páscoa para a nova Vida num cenário em que a natureza eclode numa floração de cores e vida. Cabe-nos suprir esse desencontro, ressaltando na Liturgia outros sinais; em vez da vida que ressurge no cosmos, uni-la à Vida que anseia na História. Nesta linha se compreende melhor, por exemplo, a Campanha da Fraternidade, que nos faz refletir sobre os sinais de morte, que marcam nossa sociedade para nos abrir, na Páscoa e pela Páscoa, às perspectivas de Vida, que Cristo nos oferece e nós devemos construir.

Por isso também merece atenção a iniciativa de algumas regiões do Brasil, que celebram no último domingo de maio, final das grandes colheitas, o “Dia do Louvor”.

CAPÍTULO VII: ESPAÇOS E OBJETOS PARA A CELEBRAÇÃO

137. No nosso país, por toda parte, onde quer que se aglomerem moradias, o povo sente necessidade de local de reunião para celebrar sua fé.

138. No Missal e na Liturgia das Horas têm um natural destaque as festas de Dedicção das igrejas.

Embora as exigências pastorais façam surgir hoje novos lugares para celebração litúrgica, o templo é o espaço mais conveniente para nosso culto.

139. O templo é sinal da presença e ação salvífica do Pai; é imagem do Corpo Místico de Jesus Cristo, único e verdadeiro templo, construído com pedras vivas para oferecer sacrifícios novos (cf. Jo 2,19 e 21)⁵⁸. O próprio Deus consente que nossos edifícios sejam sua casa⁵⁹, pois nesse espaço ele nos dá vivenciar a sua união conosco e a união fraterna entre nós.

140. Por isso, a igreja-edifício é sinal também da Igreja-Comunidade⁶⁰. Assim este edifício não é uma construção qualquer: é sinal da Igreja peregrina, é imagem da Igreja celeste⁶¹.

141. A Igreja, como família de Deus, precisa de uma casa para reunir-se, dialogar, viver na alegria e na comum-união os grandes momentos de sua vida religiosa.

Tendo em vista a crescente urbanização, os pastores cuidem, devidamente, de que todas as comunidades sejam dotadas de locais de culto identificados claramente. Para manter a memória do sagrado no mundo que se dessacraliza, valorize-se o toque dos sinos nos horários devidos.

142. A Igreja-edifício deve ser funcional e significativa, favorecendo, através de configuração e distribuição dos dois espaços fundamentais, tanto a execução da ação litúrgica quanto a participação ativa dos fiéis⁶².

Para que cada um possa exercer corretamente a sua função, tenham o devido destaque, o presbitério, o altar, a sede da presidência, a mesa da Palavra, a cruz, o tabernáculo e lugar para os diferentes ministérios, para favorecer a participação dos fiéis⁶³.

143. A ornamentação do local concorre muito para expressar o sentido do templo. Por isso, nossas igrejas e também os outros lugares onde se celebra o culto, devem recorrer à arte e ao bom gosto para criar um ambiente religioso digno, cômodo,

funcional e simples, sem ser banal. Cuidado especial se deve ter com a acústica, para possibilitar a comunicação da palavra e a execução da música, que pode impregnar o ambiente de nobreza e religiosidade quando ressoa bem.

144. Os vasos sagrados, os lugares, os livros e as vestes merecem atenção especial. No altar mantenha-se apenas o estritamente necessário para a Celebração eucarística.

É tradicional o costume de empregar material nobre para os vasos sagrados, dando-se liberdade aos artistas para executá-los com criatividade e bom gosto⁶⁴.

145. Os livros litúrgicos sempre foram cercados de especial veneração e trabalhados com arte esmerada por conterem a Palavra de Deus. Proclamá-la, lendo folhetos, não expressa a dignidade da Palavra e o apreço que por ela temos. Urge reintroduzir em nossas celebrações o uso dos Lecionários ou ao menos da Bíblia, para que possamos melhor sentir e expressar o apreço por Deus que nos fala.

146. As vestes litúrgicas com suas formas especiais e cores variadas⁶⁵, são sinais para o povo e para os próprios ministros de que eles agem aqui e agora em nome e na pessoa de Cristo e da Igreja. Indicam ainda a diversidade dos serviços prestados na celebração através do ministro⁶⁶.

147. A CNBB aprovou o uso da túnica ampla de cor neutra com a estola da cor do tempo ou da festa. Na confecção destas vestes deixa-se campo aberto à criatividade artística, que sabe respeitar o decoro do culto e a expressão de nossa cultura.

148. Os elementos-sinais na celebração. Como sacramento de Cristo, a Igreja revela e realiza a glorificação de Deus e a santificação da humanidade através de elementos naturais: pão, vinho, óleo, água, luz, fazem parte do comer, beber, ungir, lavar e iluminar, que são sinais nos sacramentos. A Liturgia recupera assim o sentido do mundo criado, revelando nos vários elementos a sua capacidade de expressar simbolicamente a bondade do Criador.

É conveniente que esses elementos, para melhor serem sinais, sejam usados com certa abundância, que represente a refeição, o banho purificador, a unção reconfortante.

CAPÍTULO VIII: LITURGIA E ESPIRITUALIDADE

149. Vida espiritual é uma vida orientada e alimentada pelo Espírito, que Cristo prometeu e derramou em Pentecostes. Desde então é o próprio Espírito que, dando testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus, nos leva a viver como irmãos e irmãs e a construir o mundo, sinal do Reino, que Deus quer para sua família.

150. Como testemunham os Atos dos Apóstolos (At 2,42)⁶⁷ os primeiros cristãos assimilaram logo as dimensões bíblica, comunitária, sacramental e de compromisso da vida cristã. Pois freqüentavam a doutrina das testemunhas da Ressurreição, o encontro com os irmãos, o partir do pão entre orações, conquistando a simpatia de todo o povo (cf. At 2,27)⁶⁸.

151. Na Igreja existem diversas formas de espiritualidade, nascidas do modo de viver o seguimento de Cristo sob o impulso do Espírito Santo, que é sempre o mesmo e, entretanto, distribui generosamente sua diversidade de dons (cf. 1Cor 12,4-11)⁶⁹.

152. Muitos santos, e alguns deles fundadores de Congregações e Ordens religiosas, graças ao carisma que lhes é próprio, iniciam um estilo de vida expresso na maneira de aceitar o dom da filiação e o projeto do Pai. E para felicidade da Igreja, fizeram escola.

153. A Liturgia é fonte de vida e expressão celebrativa da comunidade eclesial. Nela, homens e mulheres chegam ao mais alto patamar da comunhão com Deus, quando a criatura amada e redimida por seu Senhor, dilata seu coração numa perene ação de graças, que se torna, por sua vez, bendita escola de gratuidade. Por outro lado, os leigos encontram fundamento para sua espiritualidade no Evangelho vivido por tantos cristãos leigos ao longo da história da Igreja.

154. Além disso, as comunidades eclesiais encontram na Liturgia os grandes elementos de toda vida espiritual: ali está a Palavra nos espaços privilegiados que as celebrações lhe dão.

155. Nunca rezamos tão unidos como na Liturgia, que se define como ação comunitária por excelência e é vista como escola e expressão alta de comunhão.

156. A Liturgia é sinal e instrumento da graça e se desenvolve na celebração da Palavra, da Eucaristia e dos outros sacramentos.

157. E porque o mistério pascal de Cristo celebrado e atualizado em cada sacramento deve ressoar e completar-se na vida, toda a Liturgia deve levar a um compromisso social. O cristão celebrante é sinal vivo do mistério pascal e portanto instrumento de salvação integral. Por outro lado, na medida em que as comunidades estão comprometidas com a transformação do mundo, seu engajamento repercute na Liturgia, fonte e ápice de toda a vida cristã.

158. A espiritualidade ou seja a vida que o Espírito implanta na escuta da Palavra, na construção da comunidade, na Fração do Pão, é a vida dos seguidores de Cristo. Portanto, Cristo é o centro de toda espiritualidade. E é para alimentá-la que ele se encontra no centro da Liturgia.

159. As celebrações são o exercício do sacerdócio de Cristo, revelam, anunciam e tornam presentes as ações redentoras do Filho de Deus, sacrificado pela libertação e salvação da humanidade.

160. Ligada a Cristo, que é o Verbo feito carne para viver as realidades humanas, a Liturgia anima a vida cristã como a alma, todo o corpo. Dá dimensão espiritual à Semana pela celebração do Domingo, ao Ano todo pela seqüência dos ciclos; está presente nos pontos altos da vida, pelos sacramentos e nos acontecimentos e situações do dia-a-dia, através da celebração de bênçãos apropriadas.

Em síntese, pode-se dizer: a espiritualidade litúrgica é o exercício autêntico da vida cristã, como vida em Cristo, enraizada nos sacramentos da Iniciação Cris

CAPÍTULO IX: ADAPTAÇÃO E CRIATIVIDADE

161. A reforma litúrgica provocou uma onda de reflexões e iniciativas, visando a encarnação das celebrações na vida, na índole e expressão do nosso povo. Para torná-la mais atraente, buscaram-se meios, nem sempre felizes, de torná-la menos desencarnada, fria e sem vida e mais espontânea, alegre e popular⁷⁰.

162. Este esforço de incorporação das expressões culturais em nosso culto tem suas razões de ser. A longa história da Liturgia nos mostra como e quanto as adaptações lhe são conaturais.

163. Haja vista o apelo que nos vem, neste sentido nos grandes documentos da renovação litúrgica, pois a Igreja não deseja impor forma única e rígida de celebração, sem atender às legítimas variações exigidas pela diversidade dos grupos, regiões e povos⁷¹.

164. Entretanto, estamos aqui num terreno complexo e difícil, não só devido à herança pesada de quatro séculos de imobilismo, mas também porque não é fácil mudar as formas da celebração sem violentar a identidade da Liturgia. Além de um profundo conhecimento da Liturgia em suas dimensões teológicas e histórica, impõe-se formar uma idéia clara e firme do que se pretende com as várias adaptações que buscamos⁷².

165. A este propósito as palavras que mais se repetem são: adaptação, criatividade, aculturação e inculturação. São noções ricas, mas às vezes não bem e inteiramente compreendidas.

166. *Adaptação.* O objetivo da Liturgia é comunicar à humanidade a vida de Cristo e apresentar ao Pai seu culto de glorificação. Ela o alcança através de formas litúrgicas renováveis conforme os tempos e situações culturais dos povos. Essa renovação pedagógica e pastoral é que chamamos adaptação.

167. O grande motivo para mudar palavras, gestos, sinais e ritos não é o gosto das pessoas celebrantes ou a moda em voga em determinados momentos, mas a maior participação no culto a Deus⁷³ integrado em nossa vida atual.

168. Por isso, a adaptação litúrgica se faz com critérios: é para tornar os sinais mais transparentes à mentalidade e cultura do povo; é para conseguir aquela participação consciente e ativa que nos põe em comunhão com a Igreja local e universal; é para ressaltar melhor o conteúdo fundamental de nossa Liturgia, que é celebração da fé no mistério de Cristo, ponto culminante do projeto de Deus.

169. Esta adaptação com estes critérios se exerce em vários níveis: tem lugar tanto na tradução dos textos e modificação dos ritos, como na celebração dos sacramentos e da Eucaristia, atenta à índole das diferentes assembléias.

170. *Criatividade.* Tanto a adaptação, como a aculturação e a inculturação, exigem muita sensibilidade e inteligência clara na hora de se reformular ritos, gestos, sinais e textos.

Por criatividade não se deve entender tirar como que do nada expressões litúrgicas inéditas. Pelo contrário, a verdadeira criatividade é orgânica: está ligada aos ritos precedentes como o celebrante de hoje aos do passado. Uma fé, que não cria cultura, não foi suficientemente anunciada, não foi completamente assimilada ou não foi plenamente vivida.

171. Para melhor entender a criatividade é mais prático observar onde ela se realiza.

Celebrar bem é o primeiro princípio da criatividade. O presidente da assembléia, por exemplo, não pode executar gestos e textos sempre do mesmo modo, quando está só com crianças ou num pequeno grupo ou numa igreja lotada.

172. E sobretudo, em qualquer situação, fazer com que os ritos e as palavras tenham vida e expressem a fé que desperta a Palavra proclamada, a oferta trazida ao altar, a procissão rumo à mesa eucarística. Nada disto se encontra nas rubricas: é preciso criar.

173. Já há espaço para a criatividade nas opções oferecidas pelos livros para vários ritos, como o ato penitencial, leituras para os sacramentos e para o canto. É com as atenções voltadas para a assembléia que a escolha deve ser feita, quando se prepara seriamente a celebração. O mesmo se diga, com mais razão, das várias aberturas que são dadas ao presidente para fazer a sua exortação ao seu povo. Os folhetos deveriam oferecer possibilidades para as devidas adaptações dentro de uma sadia criatividade.

174. É meta da criatividade a introdução de novos símbolos, mais compreensíveis do povo de hoje, porque criados pela piedade popular ou experimentados nas CEBs e outros grupos de oração⁷⁴. Para isso inaugure-se um processo de pesquisa, reflexão e análise, com ajuda de um grupo de trabalho, integrado por teólogos, liturgistas, pastoralistas e outros especialistas.

175. Finalmente, a Igreja vista hoje como toda ministerial e Cristo, compreendido como Libertador do homem todo, sob a ação do Espírito que a anima, hão de levar o homem todo a novas maneiras de celebrar, na Liturgia, a fé que professamos na vida.

176. *Aculturação.* A criatividade vai além da adaptação que transplanta ou enxerta elementos culturais na Liturgia. Por ela espera-se mais, e quer se chegar a um nível mais profundo que se chama aculturação.

177. De modo geral, aculturação acontece no encontro de duas culturas resultando daí uma síntese ou a dominação de uma pela outra.

Aplicado à Liturgia, o termo designa o processo dinâmico que se desencadeia quando a fé se instala nas bases de uma cultura.

Há elementos culturais próprios de cada povo que são compatíveis com a liturgia romana, primeiro porque são isentos de erro e superstição e assim, facilmente, podem ser incorporados por ela; além disso, se a Igreja cultiva os valores das várias nações, não é apenas para atender ao desejo dos povos, mas para secundar as exigências da própria Liturgia.

178. Na medida em que este processo leva à elaboração de novos elementos nos ritos, é preciso aprovação da Conferência Episcopal e da Sé Apostólica⁷⁵, pois cabe a essas instâncias garantir o autêntico espírito litúrgico e preservar a unidade substancial do rito romano.

179. *Inculturação.* A inculturação já é processo mais profundo: simplesmente incorpora ritos sociais ou religiosos, dando-lhes sentido cristão, sem desfigurar sua natureza. A própria liturgia romana assim se formou, incorporando, por exemplo, a festa pagã do Sol invicto na celebração do Natal.

180. Por esta inculturação a Liturgia se propõe continuar na História o milagre de Pentecostes quando, sob o impulso do Espírito, multidões entendiam a linguagem única do amor e proclamavam as maravilhas de Deus, expressando-se cada um em sua língua (cf. At 2,4.6)⁷⁶.

181. Nas Missões modernas, voltando ao espírito de São Paulo, missionário das nações, a Igreja descobriu na floração dos valores culturais dos povos, as sementes do Verbo presentes no íntimo das pessoas à espera da luz do Evangelho.

182. O Concílio confiou à competência e ao zelo das Conferências Episcopais de todo o mundo a incumbência de estudar com seus peritos os elementos que oportunamente podem ser incorporados na Liturgia. Isto vem ao encontro dos anseios de integrar em nossas celebrações expressões da religiosidade popular.

183. Entre nós os vários grupos étnicos, como os índios, os negros, os orientais, apresentam muitos desses elementos, que já merecem ser inculturados em nossas celebrações, sobretudo nos sacramentos.

CAPÍTULO X: A PASTORAL LITÚRGICA

184. Uma visão geral da Liturgia abre novos horizontes para a vida da Igreja e não dissimula, mas ressalta os grandes desafios que urge enfrentar.

185. A reflexão que empreendemos tem um objetivo concreto e premente que é a Pastoral litúrgica, ou seja, a ação organizada e corajosa da Igreja para levar o Povo de Deus à participação consciente, ativa e frutuosa na Liturgia.

186. Promover a Liturgia já é ação pastoral pelas dimensões comunitária e ministerial, catequética, missionária, ecumênica e transformadora que ela possui. Ela não esgota toda a ação da Igreja, mas promovendo-a, estamos desencadeando o dinamismo de todas as pastorais, pois a Liturgia é fonte e ápice de toda atividade eclesial⁷⁷.

187. Coração e cérebro desta pastoral é a Equipe de Pastoral Litúrgica em nível nacional, diocesano e paroquial. Cabe-lhe com a CNBB, com o bispo ou com o pároco planejar, nos respectivos campos de ação, a Pastoral litúrgica, o que será mais eficiente se continuamente pesquisar a situação real dos que celebram, aprofundar sempre mais seu conteúdo teológico, formar agentes e organizar sua ação.

188. Estas equipes, grande anseio do Concílio, nós as estamos organizando de modo lento demais face às urgências desta pastoral⁷⁸.

189. A grande tarefa destas equipes é dinamizar um processo de formação de todos os participantes da Liturgia, visando, de um lado, que a celebração seja sempre mais expressiva e, de outro lado, o enriquecimento espiritual de todo o povo.

190. É fundamental que os seminaristas se familiarizem com o espírito litúrgico e se preparem bem para presidir as celebrações; para isso importa que os diversos aspectos da formação no seminário encontrem expressão privilegiada nas celebrações litúrgicas, além de observar atentamente a carga horária mínima e o conteúdo programático estabelecido⁷⁹. Assim, a vivência da Liturgia acompanha todas as etapas da vida do formando. É importante que desde o início do seminário tenha uma participação consciente e ativa na Liturgia e aprenda gradativamente a celebrar a Liturgia das Horas. O Ano Litúrgico deve orientar a espiritualidade comunitária do seminário.

191. Que os presbíteros se aprimorem de modo permanente para crescerem na compreensão e animação dos vários ministérios⁸⁰, já que para a maioria do nosso povo a celebração da Liturgia é a única evangelização de que participam de fato ao longo de sua vida. E não se esqueça que a Liturgia mal celebrada causa

freqüentemente o afastamento dos fiéis. Os presbíteros valorizem, a celebração da Liturgia das Horas, como parte de seu ministério.

192. Os homens e mulheres que assumem funções ou só participam na Liturgia sejam imbuídos do espírito litúrgico, tenham consciência dos mistérios que celebram e sejam capacitados para executar as suas funções⁸¹; e que os irmãos e irmãs religiosos tenham no programa de seu processo formativo a preocupação de transformarem a Liturgia em fonte da própria espiritualidade e de se tornarem animadores da celebração litúrgica⁸², inclusive, participando de cursos promovidos pela CRB e dioceses.

193. A nossa comunidade eclesial caminha na História, interpretando o homem à luz de Cristo na Igreja. Portanto, que a formação litúrgica se aprofunde, estudando o mistério de Cristo e da Igreja. Pois as variações nos enfoques da Cristologia e Eclesiologia determinam maneiras diversificadas de celebrar. A Liturgia tem a tarefa de construir comunidades eclesiais vivas e missionárias.

194. Por outro lado, a pessoa humana que celebra, sendo profundamente marcada pelas circunstâncias históricas, sociais, culturais e políticas, tem naturalmente maneiras diferentes de se expressar. Isso é importante para a Liturgia, que deverá ser sensível às condições da população: se é urbana ou rural, se vive em ambiente secularizado, ou dominada pelos Meios de Comunicação Social⁸³. É preciso estudar esta antropologia que dá tão precioso contributo para a formação litúrgica.

195. Tenha-se presente que a grande meta desta formação ampla e profunda é preparar agentes para a aculturação e a inculturação da Liturgia, porque homens e mulheres que vivem as duas realidades, a sócio-cultural e a celebrativa, poderão facilitar a tarefa para os responsáveis por esse processo.

196. É importante, enfim, partir para este enriquecimento da Liturgia, porquanto, precisamos fazer a celebração sempre mais autêntica, mais unida à vida, para transformar a vida toda em oração.

II. ORIENTAÇÕES PASTORAIS SOBRE A CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA

197. Tendo em mente o que vimos na I PARTE, vamos agora considerar apenas a *missa dominical celebrada com o povo*. Esta é a forma de celebração denominada “típica” pela *Instrução Geral sobre o Missal Romano* (cf. n.77-78)⁸⁴. Eventualmente, pela escassez de padres, pode acontecer, especialmente em ambientes rurais, que esta forma, infelizmente, só deva realizar-se em dias de semana.

198. Estas celebrações da comunidade reunida para a Ceia no Dia do Senhor, embora tenham uma unidade fundamental, são muito diferentes, dependendo do lugar e dos grupos de pessoas. Não é o mesmo celebrar no centro da cidade ou na periferia, na capela rural ou numa catedral, com muitos fiéis ou poucas pessoas numa CEB. O mesmo se pode dizer de celebrações no Norte, Nordeste, ou no Extremo Sul. Não se pode deixar de levar em consideração estas particularidades, em consequência do princípio: o sujeito da celebração é a Igreja reunida em assembléia, com suas particularidades próprias.

199. É com profundo respeito por esta diversidade da Igreja reunida para a celebração que foram elaboradas as orientações que se seguem. Elas hão de contribuir para uma celebração mais ativa, consciente e frutuosa da missa na Igreja no Brasil, que quer dar novo ânimo à vida litúrgica.

200. Estas orientações pastorais não substituem a *Instrução Geral sobre o Missal Romano* e demais diretrizes dos Dicastérios Romanos ou as orientações do

Episcopado. Querem, apenas, sublinhar alguns pontos que parecem mais importantes, interpretando-os à luz da realidade do nosso povo, simples e sedento da Palavra.

201. Queremos incentivar as comunidades a valorizar ainda mais a celebração da missa e encorajar pastores e Equipes de Pastoral Litúrgica a prosseguirem no esforço de tornar mais evidentes suas riquezas. A celebração da Ceia do Senhor é, de fato, o grande momento da ação do Espírito Santo sobre a comunidade. Nela se realiza o verdadeiro encontro celebrativo de irmãos, num momento comunitário, festivo, participativo e orante, que brota do chão da vida, ao mesmo tempo, ponto de partida e de chegada da vida cristã.

202. Primeiramente se trata de alguns elementos que dizem respeito à missa em geral, mas do ponto de vista pastoral, complementando as considerações da I PARTE. Em seguida, se abordam, pormenorizadamente, as diversas partes da missa.

CAPÍTULO I: A CELEBRAÇÃO DA EUCARISTIA

1. Celebração da Eucaristia e Comunidade

203. Ser cristão é fundamentalmente, pelo Batismo, seguir o caminho de Cristo na vida e entrar como Igreja na caminhada pascal do Senhor. A celebração da missa, como toda celebração, é sempre tempo especial, que os batizados tomam para fazer o memorial da ação de Deus em favor de seu povo: o que Deus fez ontem, faz hoje e fará sempre. A vida antecede e sucede à celebração, porque celebrar é um momento de nossa vida, mas diferente da labuta cotidiana. Existência cristã e celebração estão intimamente relacionadas, pois a vida precisa de momentos de celebração para ser vivida em Cristo.

204. Com frequência, porém, no Brasil como em outras partes, sente-se um anseio para que a relação entre Liturgia e vida apareça melhor na celebração. Ora, na Eucaristia-Páscoa do Senhor, é onde a vida se articula mais com a celebração; pois a missa é que melhor celebra a Morte e Ressurreição de Cristo, acontecimento fundante não só da Liturgia, mas de toda a História.

205. Celebrar o mistério de Cristo é celebrar Cristo em nossa vida e a nossa vida em Cristo. À luz do mistério pascal, a caminhada do continente latino-americano, marcado pelo mal e em busca de uma libertação integral, deve ser interpretada como processo pascal. Portanto, não é alheia à celebração.

206. As comunidades, na sua caminhada, saberão como integrar Liturgia e vida. A tradição litúrgica da Igreja lhes apontará outros dois caminhos: a aculturação e a integração dos acontecimentos na celebração.

207. A fidelidade à linguagem litúrgica nos dará segurança no aproveitamento desse terreno novo. Sobre tudo na missa, forma mais freqüente e mais freqüentada de Liturgia, deve transparecer prevalentemente a ação e não só longa comunicação verbal. Uma leitura dramatizada, uma procissão em ritmo de dança estão nessa perspectiva.

A missa, que sempre comportou os elementos visuais que ajudam a oração, pode hoje beneficiar-se com os modernos recursos, como slides, posters, vídeos e retro-projetores.

208. A recomendação para dar não só valor, mas “grande valor” ao canto e à música nos leva a insistir neste particular.

Fundamental é que a assembléia se expresse a seu modo e por isso, ela escolha e até, sem excluir outros, componha seus próprios cantos. Para que o povo tenha formação para isso e produza letra e música adequadas à missa e outras celebrações, é preciso educá-lo. Um subsídio, por exemplo, é o Hinário publicado pela CNBB.

209. Além disso, é necessário ampliar a área do canto, hoje ainda um tanto restrita em nosso meio. A Oração eucarística, nas partes permitidas ou ao menos o Prefácio e a Narração da Instituição; as leituras ou a sua conclusão são um campo quase inexplorado ainda. E as aclamações, pelo seu valor de diálogo, comunicação e participação dos fiéis, devem ter mais incentivo e ser mais variadas: cantos, palmas ou vivas.

210. Os instrumentos musicais disponíveis em cada região podem ser admitidos no culto divino a juízo e com o consentimento do Bispo Diocesano contanto que sejam adequados ao uso litúrgico ou possam a ele se adaptar, condigam com a dignidade do templo e favoreçam realmente a edificação dos fiéis⁸⁵.

2. Preparação da Celebração da Eucaristia

211. Todas as recomendações e perspectivas acima lembradas exigem que a missa não seja uma celebração improvisada ou rotineira, mas preparada com esmero.

212. A missa renovada pelo Vaticano II é “ação de Cristo e do Povo de Deus hierarquicamente organizado”⁸⁶, reunido em assembléia, onde cada um tem o direito e o dever de participar segundo a diversidade de ministérios, funções e ofícios⁸⁷.

213. Mas não basta a mera distribuição de tarefas ou a simples escolha de cantos, como muitas vezes ocorre, fazendo o povo ser apenas executor de funções e não verdadeiro agente da ação litúrgica⁸⁸.

214. Por isso, é necessário envolver a comunidade de modo mais amplo e mais ativo, por exemplo, na seleção e ensaio dos cantos e na preparação prévia das leituras bíblicas: na escolha de gestos e ritos expressivos, conforme seus costumes, bem como possa sugerir pistas para monições e introduções. Pode ainda colaborar na escolha do rito penitencial, com eventuais questionamentos ou invocações, propondo intenções para a Oração dos fiéis, e até sugestões para a homília.

215. Sobretudo nesta busca de uma missa sempre bem preparada, é indispensável ter uma Equipe estável de Pastoral Litúrgica, distinta eventualmente de Equipes de Celebração. Não há evidentemente normas quanto a constituição e ao funcionamento de uma Equipe de Pastoral Litúrgica. As experiências das comunidades são importantes neste ponto. Assim a Equipe de Pastoral Litúrgica é aquela que, de modo estável, se preocupa com a vida litúrgica da comunidade local, que celebra não somente a Eucaristia, mas também os outros sacramentos e sacramentais.

216. A Equipe há de reunir pessoas que tenham dom e capacidade ou que já exerçam ou gostariam de exercer funções específicas na celebração. O ideal é que ela reflita a assembléia na sua diversificação de idades, sensibilidades e engajamentos nas diversas dimensões da pastoral da Igreja. A renovação periódica dos seus membros, para evitar monopólios, cansaço, rotina e permitir efetivamente a participação da comunidade, é muito importante.

217. Quanto às Equipes de Celebração, além de estarem abertas à participação para um número maior e mais variável de pessoas, podem ser constituídas por grupos definidos, sob a orientação da Equipe de Pastoral Litúrgica. A Paróquia terá então a equipe dos jovens, dos casais, das catequistas, do quarteirão, do bairro ou do movimento, que vão se revezando na animação das missas e dos sacramentos.

218. O padre participará o mais possível da preparação. De qualquer forma, antes da celebração, por exemplo, através de uma folha-roteiro e de um breve encontro, o sacerdote e cada um dos que irão exercer uma função particular, saibam quais os textos, cantos, ritos, orações que lhes competem, “pois a boa ordenação da celebração é importante para a participação de todos”⁸⁹.

219. Haverá certamente muitas maneiras de se preparar uma celebração. Indicamos uma, ao lado de outras possíveis:

220. *1º Passo*: situar a celebração no Tempo litúrgico e na vida da comunidade.

1) *Situar a celebração no Tempo litúrgico*: ver o Domingo e o Tempo litúrgico. Por exemplo: IV Domingo da Páscoa, Evangelho do Bom Pastor. No início de um novo Tempo litúrgico será útil aprofundar o sentido do Tempo, discutir algumas características próprias que darão um estilo à sua celebração. Não se celebra do mesmo jeito na Quaresma ou no Tempo pascal.

221. 2) *Situar a celebração na vida da comunidade*: auscultar os acontecimentos que marcam a vida de nossa comunidade que passaram ou que vêm: sociais, religiosos; do dia-a-dia, da comunidade, da região; nacionais, internacionais... Para enraizar a celebração no chão da vida, na história onde nos atinge o mistério de Cristo que celebramos, é bom ver a realidade que marca as nossas vidas.

222. 3) *Ver outros acontecimentos que marcam a celebração*: por exemplo, uma data especial, dia da Bíblia, mês de maio, dia das mães, aniversário do pároco e outros já citados, marcarão a oração dos fiéis, o rito penitencial, a homilia.

223. 4) *Ver com quem se vai celebrar*: o conhecimento da assembléia com suas características próprias, sem esquecer os grupos minoritários, é importante, também, para situar a celebração no tempo e na história.

224. *2º Passo*: Aprofundar as leituras.

Neste segundo passo da preparação lêem-se os textos bíblicos à luz dos acontecimentos da vida e do mistério celebrado (1º passo). Convém iniciar pelo Evangelho que é a leitura principal do mistério de Cristo celebrado; e, a seguir, a 1ª leitura, o salmo responsorial e a 2ª leitura.

225. Opera-se, então, o confronto entre a Palavra de Deus e a vida ajudado pelas perguntas: o que dizem as leituras? o que significam para a nossa vida? como podem orientar o nosso agir? quais os desafios de nossa realidade hoje? como a palavra de Deus ilumina nossa realidade? como ligamos a Palavra com o mistério celebrado?

226. *3º Passo*: Exercício de criatividade.

À luz dos passos anteriores – vida da comunidade, Tempo litúrgico, Palavra de Deus – procura-se, num exercício de criatividade, fazer surgir idéias, mesmo sem ordem, à maneira de uma tempestade mental. Selecionar depois as idéias a respeito de ritos, símbolos, cantos, para os ritos da entrada, o ato penitencial, o gesto da paz, a proclamação das leituras etc.

227. 4º Passo: Elaborar o roteiro da celebração, levando em conta os passos anteriores.

Define-se primeiramente o tom da celebração, isto é, o estilo global que convém a uma missa de Páscoa, ou de 7º Dia, ou com crianças... A seguir, passando em revista as diversas partes da missa, escolhem-se os cantos, os ritos etc., para cada momento da mesma, registrando tudo numa folha-roteiro, que servirá de guia para os diversos ministros.

228. Aí também se distribuem as tarefas e os serviços; anotam-se coisas a fazer antes da celebração, como cartazes decoração, ensaios etc; e também o que deve ser feito durante a celebração: não só o que fazer, mas quem o faz e quando.

CAPÍTULO II: AS PARTES DA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA

229. A missa compõe-se das seguintes partes: A) Ritos iniciais; B) Liturgia da Palavra; C) Liturgia Eucarística; D) Rito de Encerramento⁹⁰. É importante que saibamos reconhecer estas diversas partes, que formam a espinha dorsal da celebração, pois é no interior deste esquema fundamental que serão feitas as escolhas que visam a eficácia pastoral.

230. Ao considerar as diversas partes da celebração, sublinhamos apenas aquelas que parecem mais importantes nas circunstâncias pastorais diversificadas da Igreja no Brasil, à luz da caminhada de 25 anos de celebração da Eucaristia, desde o Vaticano II.

1. Ritos iniciais da missa: formar assembléia, “entrar no clima da celebração”.

231.

O ESQUEMA RITUAL Canto de abertura Sinal da Cruz, Saudação, Acolhida Ato penitencial Hino “Glória a Deus” Oração do dia AMÉM
--

232. As partes que precedem a Liturgia da Palavra, isto é, introdução eventual à celebração pelo(a) animador(a), “entrada dos ministros, saudação, ato penitencial, Senhor, tende piedade, Glória e Oração do dia (Coleta) têm caráter de exórdio, introdução, preparação”⁹¹. Por isso mesmo tem grande importância para uma boa celebração.

233. “Esses ritos têm por finalidade fazer com que os fiéis reunidos constituam a comunidade celebrante, se disponham a ouvir atentamente a Palavra de Deus e celebrar dignamente a Eucaristia”⁹².

234. Para suscitar estas disposições poderá ser oportuno, sempre segundo as circunstâncias locais, desenvolver ou sublinhar mais um ou outro elemento inicial, evitando acentuar tudo ao mesmo tempo.

235. O *Diretório para missas com crianças* prevê, para evitar a dispersão, que se possa “omitir um ou outro elemento do rito inicial”, exceto a Oração do dia (Coleta) e sem que nenhum seja sempre desprezado⁹³.

236. Em certas circunstâncias tradicionais, o Missal Romano prevê também a omissão parcial ou total dos ritos iniciais, excetuada a Oração do dia, quando outros ritos precedem e integram a liturgia do dia, por exemplo, no Domingo de Ramos e da Paixão e na Apresentação do Senhor, após a procissão. Nestes casos, os ritos de bênção e procissão desempenharão também a função dos ritos iniciais, que é a de constituir a assembléia, bastando a Oração do dia e o Glória, quando previsto. O mesmo poderá dar-se, se oportuno, em certas circunstâncias de nossas comunidades, por exemplo, na Festa do Padroeiro ou encerramento do mês de Maio etc., quando a missa segue imediatamente a procissão solene. Também no caso de integração da Liturgia das Horas com a missa, há substituição de ritos iniciais. Nunca há de faltar, no entanto, a Oração do dia (Coleta), que é a mais tradicional forma de abertura de uma celebração.

Entrada

237. Nossas celebrações costumam ser precedidas por breves palavras iniciais do(a) animador(a). Mais do que uma exortação ou de uma introdução temática, é preferível situar a celebração deste Domingo particular no contexto do Tempo litúrgico e das circunstâncias concretas da vida da comunidade; evocar algumas grandes intenções subjacentes à oração, suscitar atitudes de oração e convidar ao início da celebração com o canto da entrada.

238. Enquanto o sacerdote entra com os demais ministros, a assembléia é convidada a levantar-se, para dar início à celebração com o canto da entrada.

A finalidade deste canto é justamente dar início à celebração, criar o clima que vai promover a união orante da comunidade e introduzir no mistério do Tempo litúrgico ou da festa⁹⁴. Por isso, pode ser útil prolongar o tempo deste primeiro canto, para que atinja a sua finalidade.

239. Este canto de abertura acompanha também a entrada do sacerdote e dos ministros⁹⁵. Onde for possível, é conveniente valorizar uma verdadeira procissão de entrada do sacerdote e dos demais ministros, que prestarão um serviço específico na celebração: acólitos, ministros extraordinários da Comunhão, leitores e outros ministros, como, por exemplo, os que vão ler as intenções da Oração dos fiéis, os que vão trazer as oferendas, eventualmente, cantores etc. Estes ministros, oportunamente, tomarão lugar no presbitério.

240. Há possibilidade de uma grande variedade nesta procissão. O Missal Romano⁹⁶ prevê, se oportuno, o uso de cruz processional acompanhada de velas acesas, turíbulo já aceso, livro dos Evangelhos ou Lecionário. Outras circunstâncias poderão sugerir novos elementos como círio pascal, água benta, bandeira do padroeiro numa festa de santo, ramos, cartazes com dizeres, participação de representantes da comunidade (adultos, jovens, crianças)⁹⁷.

241. A introdução da dança litúrgica na procissão de entrada, onde for conveniente e a juízo e consentimento do bispo diocesano, poderá ser de grande proveito para criar o clima de celebração festiva da fé.

242. Não havendo nenhuma possibilidade de procissão de entrada, como ocorre freqüentemente em capelas com muita gente, o sacerdote poderá fazer primeiramente a saudação, para convidar, em seguida, o povo a cantar o canto inicial⁹⁸.

Saudação ao povo reunido

243. Para saudar o povo reunido, expressando a presença do Senhor nele e o mistério da Igreja⁹⁹, o sacerdote é convidado a usar uma fórmula ritual de inspiração bíblica à qual o povo responde com uma fórmula conhecida e sempre a mesma.

Eventualmente, a saudação ritual ganhará mais significado se for cantada.

244. É desejável que após esta saudação ritual haja uma palavra mais espontânea de introdução do sacerdote ou de outro ministro idôneo¹⁰⁰.

Uma sadia criatividade saberá desenvolver com fruto diversas inovações possíveis como: saudação espontânea aos presentes, em particular aos visitantes ou novos membros da comunidade que se apresentam; a categorias específicas, conforme as circunstâncias (jovens, casais, mães etc.), seguida eventualmente por um breve canto de boas vindas. A motivação para a celebração pode incluir intenções da assembléia, ou acontecimentos a comemorar à luz do mistério pascal. Oportunamente, gestos da assembléia poderão intervir, por exemplo, acolher-se mutuamente através de saudações aos vizinhos, bater palmas, dar vivas em honra do Cristo Ressuscitado, a Nossa Senhora, ao Padroeiro(a) em dia de festa etc.

245. Em tudo isso, trata-se de ajudar a criar um ambiente acolhedor, fraterno e formar uma verdadeira comunhão na fé, usando de discernimento e variedade, conforme as circunstâncias do Tempo litúrgico, de lugar e de cultura.

Ato penitencial

246. “Em seguida, o sacerdote convida ao ato penitencial, realizado então por toda a comunidade, por uma confissão geral, sendo concluído com a absolvição geral”¹⁰¹.

247. Geralmente, entre nós, o ato penitencial é um momento importante da celebração, valorizado por uma sadia criatividade. Muito bem acolhido em nossas comunidades, tem como função preparar a assembléia para “ouvir a Palavra de Deus e celebrar dignamente os santos mistérios”¹⁰².

248. Além de celebrar a misericórdia divina, duas atitudes básicas podem ser sublinhadas: o reconhecer-se pecador, culpado e necessitado de purificação, na atitude do publicano descrita em Lucas 18,9-14, e o reconhecer-se pecador como expressão de “temor” diante da experiência do Deus Santo e Misericordioso, a exemplo de Pedro, conforme Lucas 5,8 e Isaías 6,1-7. De acordo com as circunstâncias, pode-se acentuar um ou outro aspecto.

249. O Missal Romano prevê o seguinte esquema:

Introdução do rito pelo sacerdote
momento de silêncio
fórmulas várias para reconhecer-se pecador:
a) Confesso a Deus (Ato de contrição)
b) Versículos: Tende compaixão...
c) Forma litânica: invocação à escolha e resposta: Senhor, tende piedade...
Conclusão: absolvição geral

250. Temos, pois, os seguintes elementos: a) introdução pelo sacerdote; b) parte central do rito, que permite a intervenção de outros ministros que não sejam o sacerdote; c) conclusão com a absolvição geral, onde o sacerdote também se inclui para deixar claro que não se trata do sacramento da Penitência.

Todo o rito, por sua vez, pode ser substituído pelo Rito da Bênção e Aspersão da água¹⁰³.

O ponto central do rito comporta, além de um tempo de silêncio, fórmulas diversas de reconhecer-se pecador: 1) Ato de contrição (Confesso a Deus); 2) Versículos: Tende compaixão...; 3º Forma litânica com invocações à escolha e resposta: Senhor, tende piedade de nós.

251. Este esquema, respeitando o espírito da variedade, poderá ser usado com grande flexibilidade. Um ministro que não seja o sacerdote poderá orientar o momento de silêncio com um exame de consciência para cada um olhar a sua vida e deixar que Deus olhe o seu coração ou orientar as invocações livres do “Senhor, tende piedade”¹⁰⁴.

252. Existe a possibilidade de o rito penitencial integrar ou ser complementado por cantos populares de caráter penitencial, refrões variados, atitudes corporais (inclinar-se, ajoelhar-se, erguer as mãos em súplica, bater no peito, fechar os olhos, colocar a mão no coração etc.), símbolos (objetos ou gestos), bem como de elementos visuais (cartazes, slides...) que se julgarem mais aptos para externar os sentimentos de penitência e de conversão.

253. Os tempos penitenciais como a Quaresma e outros, quando não se canta o Glória, serão mais propícios para um rito penitencial mais desenvolvido, de acordo com a pedagogia do Ano litúrgico, permitindo assim maior variedade.

254. Embora se deva educar a consciência moral, cuidar-se-á para não se cair nem no perigo do moralismo nem no de acusação aos outros nem ainda no psicologismo aético; devem ser valorizadas sobretudo as dimensões teológicas, experienciais e libertadoras do amor de Deus e da reconciliação.

255. O rito penitencial bem realizado pode tornar-se um lugar importante para o ministério pastoral da educação ao senso do pecado pessoal, comunitário, social e do ministério da reconciliação de toda a Igreja, que encontra o seu ápice de sacramentalidade no Batismo e na Penitência.

Kyrie eleison - Senhor, tende piedade

256. De vez em quando convém valorizar o “Senhor, tende piedade” em si, sem ser integrado no rito penitencial, como “canto em que os fiéis aclamam o Senhor e imploram a sua misericórdia”¹⁰⁵, a sua atenção. É uma aclamação pela qual podemos louvar o Senhor Jesus pelo perdão, por “olhar por nós” na sua misericórdia.

Glória

257. O Glória é um hino antiquíssimo e venerável, pelo qual a Igreja glorifica a Deus Pai e ao Cordeiro. Não constitui uma aclamação trinitária.

Oração do dia (Coleta)

258. “A seguir o sacerdote convida o povo a rezar; todos conservam-se em silêncio com o sacerdote por alguns instantes, tomando consciência de que estão na presença de Deus e formulando interiormente os seus pedidos”¹⁰⁶.

259. Se os ritos anteriores tiveram bastante dinamismo, é fácil para o sacerdote motivar com poucas palavras o povo para uma oração silenciosa de alguns

instantes. Será um verdadeiro momento de recolhimento profundo, onde se experimentará a presença de Deus que fala nos corações.

260. A oração presidencial, a seguir, rezada pelo sacerdote reassumindo em Cristo toda a oração do povo, exprime em geral a índole da celebração. O tom de voz e a maneira de rezar, o gesto de mãos abertas, que o povo, eventualmente, poderia acompanhar, uma palavra melhor explicitada, ajudarão a fazer deste momento o lugar de uma verdadeira súplica a Deus Pai, expressão de sua vida e de sua experiência religiosa¹⁰⁷.

261. A coleção das Orações do dia (Coletas), as Orações sobre as oferendas e Depois da Comunhão do Missal Romano constituem um acervo de valor teológico inestimável. Nem sempre, no entanto, a sua linguagem e conteúdo correspondem às sensibilidades culturais de nosso tempo. Por isso, na 2ª edição típica do Missal Romano a ser aprovada pela Sé Apostólica, a CNBB oferece uma tradução mais popular dessas orações dos domingos, e uma série de Orações do dia alternativas para cada um dos domingos dos Anos A, B e C, inspiradas no Evangelho do dia.

2. Liturgia da Palavra: Celebrar a Palavra

262. Resumindo, a Liturgia da Palavra da missa é constituída a) pelo anúncio da Palavra (organização das leituras, incluindo o Salmo), b) sua atualização na homilia e c) a resposta à Palavra no Creio e na Oração dos fiéis.

Deus fala seu povo reunido responde 1ª leitura Antigo Testamento e Atos dos Apóstolos <..... o salmo 2ª leitura Epístolas e Apocalipse> Aclamação Evangelho <..... Aclamação <.....homilia.....> Creio Oração dos fiéis AMÉM
--

A Liturgia da Palavra é um diálogo entre Deus e o seu Povo.

O desafio da Liturgia da Palavra

263. A experiência nos mostra que celebrar a Palavra de Deus não é fácil. Apesar de o nosso povo gostar da Bíblia, muitas vezes a Liturgia da Palavra aparece como uma sucessão enfadonha de leituras e comentários enfileirados um após outros; em consequência, cai-se facilmente no discurso catequético, moralizador, doutrinal, ideológico.

264. Além disso é difícil deixar claro que a Palavra de Deus é antes de tudo um *Eu* que se dirige ao *Tu* do seu povo reunido dialogicamente; e mais ainda, que neste diálogo a Palavra é, efetivamente, Palavra eficaz do Deus libertador que cria vida nova.

265. Mas duas experiências bem sucedidas mostram caminhos possíveis. O primeiro refere-se às CEBs ou outros grupos mais homogêneos, que conseguiram uma maior partilha da Palavra no confronto entre Bíblia e vida das comunidades ou grupos. O segundo caminho, na linha da tradição romana e mais adequado aos

grandes grupos, acentua certos ritos, que não são necessários nos grupos anteriores. A Liturgia da Palavra comporta ações simbólicas como gestos, elementos visuais, música etc.

As leituras

266. “A parte principal da Liturgia da Palavra é constituída pelas leituras da Sagrada Escritura e pelos cantos que ocorrem entre elas, sendo desenvolvida e concluída pela homilia, a profissão de fé e a oração universal ou dos fiéis”¹⁰⁸.

267. As leituras podem ser introduzidas com breves palavras, aptas a prender a atenção dos ouvintes e a facilitar a compreender o texto. Nunca se substitua a proclamação da Palavra de Deus por qualquer outra leitura.

Quanto ao modo de proclamar as leituras, em textos mais longos, pode-se distribuir entre os diversos leitores, tal como para a proclamação da Paixão do Senhor na Semana Santa¹⁰⁹. Tenha-se sempre o cuidado de preparar os leitores para que possam desempenhar digna e convenientemente o seu ministério.

268. Nunca se omita a proclamação do texto bíblico, embora este possa, a seguir, ser recontado, parafraseado ou dramatizado por um ou mais dos presentes, sob a responsabilidade de quem preside.

269. “Para os domingos e solenidades estão marcadas três leituras, isto é, do Profeta, do Apóstolo e do Evangelho, que levam o povo fiel a compreender a continuidade da obra da salvação, segundo a admirável pedagogia divina. Portanto, é muito desejável que estas três leituras sejam realmente feitas; contudo, por motivos de ordem pastoral e decisão da Conferência Episcopal, pode-se permitir em algumas regiões o uso de apenas duas leituras”¹¹⁰.

De fato, a CNBB, na XI Assembléia Geral em 1970 decidiu que, por motivos pastorais, possam ser feitas duas leituras apenas na celebração, mantendo-se sempre o texto do Evangelho. Para a escolha eventual entre as duas primeiras leituras atente-se para o maior fruto dos fiéis. “Jamais se escolha um texto unicamente por ser mais breve ou mais fácil”¹¹¹.

270. A proclamação do Evangelho deve aparecer como ponto alto da Liturgia da Palavra. A tradição romana sempre valorizou com ritos expressivos tanto o Livro dos Evangelhos quanto a sua proclamação: Procissão do livro e canto de aclamação, persignação, incensação, leitura ou canto solene, beijo do livro, aclamações antes e depois da leitura¹¹².

271. Convém que nas nossas comunidades, conforme as circunstâncias específicas, encontremos, dentro da variedade de gestos possíveis, ritos que permitirão valorizar e realçar o próprio Livro dos Evangelhos e a sua proclamação solene. Por isso, evitar-se-á usar simples folhetos para a proclamação das leituras da Palavra de Deus.

272. Não faltarão, onde for possível, antes da proclamação do Evangelho um verdadeiro canto de aclamação e “após o Evangelho, a aclamação do povo segundo o costume da região”¹¹³, oportunamente cantada e acompanhada de gestos, cantos, vivas etc.

273. Poder-se-ia em certos lugares valorizar por uma procissão a busca ou entrada do Livro dos Evangelhos, a não ser que se tenha feito no início da liturgia da Palavra ou no rito da Entrada.

Salmo responsorial

274. Entre as leituras cante-se um salmo que favoreça a meditação da palavra escutada, sobretudo quando é brevemente salientada esta sua função. Este salmo responsorial, Palavra de Deus, é parte integrante da Liturgia da Palavra e seu texto acha-se diretamente ligado à respectiva leitura¹¹⁴. Onde não for oportuno proferir o salmo do dia, sobretudo se cantado, pode-se recorrer a outro salmo adequado. Podem-se cantar refrões de caráter popular apropriados em lugar do refrão do salmo. Dar-se-á sempre preferência à escolha de um salmo em lugar de outro canto de meditação, pois importa superar aos poucos o costume de se cantar aqui outro canto religioso que não seja salmo. A missa é para os cristãos leigos quase o único lugar onde podem descobrir a riqueza inesgotável dos salmos.

Homilia

275. Diferente do sermão ou de outras formas de pregação, a homilia (que significa conversa familiar) é parte integrante da Liturgia da Palavra e, como tal, fica reservada ao sacerdote ou ao diácono¹¹⁵. É de desejar que haja homilia também nas celebrações em dia de semana.

276. É função da homilia atualizar a Palavra de Deus, fazendo a ligação da Palavra escutada nas leituras com a vida e a celebração. É importante que se procure mostrar a realização da Palavra de Deus na própria celebração da Ceia do Senhor. A homilia procura despertar as atitudes de ação de graças, de sacrifício, de conversão e de compromisso, que encontram sua densidade sacramental máxima na Liturgia eucarística.

277. Os fiéis, congregados para formar uma Igreja pascal, a celebrar a festa do Senhor presente no meio deles, esperam muito dessa pregação e dela poderão tirar fruto abundante, contanto que ela seja simples, clara, direta e adaptada, profundamente aderente ao ensinamento evangélico e fiel ao magistério da Igreja¹¹⁶. Para isso é necessário que a homilia seja bem preparada, relativamente curta e procure prender a atenção dos fiéis.

278. Onde for possível, convém que a homilia seja preparada em equipe com a participação de alguns cristãos leigos para que se possa levar em conta não só “o mistério celebrado, como as necessidades particulares dos ouvintes”¹¹⁷.

279. Onde for oportuno, convém que a homilia procure despertar a participação ativa da assembléia, por meio do diálogo, aclamações, gestos, refrões apropriados. Ainda, segundo as circunstâncias, o sacerdote poderá convidar os fiéis a dar depoimentos, contar fatos de vida, expressar suas reflexões, sugerir aplicações concretas da Palavra de Deus. E finalmente, fazer algumas perguntas sobre o que falaram as leituras, como elas iluminam a nossa vida; e até que ponto a celebração da Eucaristia a realiza¹¹⁸.

280. Conforme o caso a dramatização da Palavra, discreta e permitida pela Liturgia, poderá ser excelente complementação da homilia, sobretudo nas comunidades menores e mais simples.

O Símbolo ou Profissão de fé

281. “O Símbolo ou Profissão de fé, na missa, tem por objetivo levar o povo a dar o seu assentimento e resposta à Palavra de Deus ouvida nas leituras e na homilia, bem como recordar-lhe a regra da fé antes de iniciar a celebração da Eucaristia”¹¹⁹.

282. Além do *Símbolo niceno-constantinopolitano*, que deveria ser usado mais freqüentemente, é muito útil para as celebrações com o povo o *Símbolo dos apóstolos* na sua forma direta ou, em casos especiais, na forma dialogada, como ocorre no rito do Batismo, no dia da Crisma e na Vigília Pascal. Eventualmente refrões cantados e adequados podem integrar sua recitação. É um abuso substituir o Creio por formulações que não expressam a fé como é professada nos símbolos mencionados.

Oração universal ou dos fiéis

283. A Oração dos fiéis ou Oração universal, de modo geral, tornou-se nas comunidades um momento bom, variado e de bastante participação, “onde o povo, exercendo a sua função sacerdotal, reza por toda a humanidade”¹²⁰.

284. Na formulação das intenções, sem negligenciar a abertura para os grandes problemas e acontecimentos da Igreja universal, dar-se-á espaço para as necessidades mais sentidas pela comunidade; convém estimular a formulação de preces diretamente pelo povo, especialmente, em grupos menores. Dar-se-á oportunidade, por exemplo, na última intenção a que todos possam colocar suas intenções, rezando ao mesmo tempo em silêncio. É bom que se eduquem os fiéis sobre o sentido comunitário da oração, evitando-se intenções de caráter meramente pessoal ou em número tão elevado que prejudique o ritmo da celebração.

285. É conveniente uma maior criatividade para as respostas, que serão, oportunamente, cantadas.

Ao sacerdote cabe introduzir e concluir a Oração dos fiéis¹²¹.

3. Liturgia Eucarística: Celebrar a Ceia pascal

286. Celebrando o memorial do Senhor, a Igreja, na Liturgia eucarística, faz o mesmo que Cristo fez na última Ceia.

ÚLTIMA CEIA	=	LITURGIA EUCARÍSTICA
Ele tomou o pão...o cálice	=	Preparação das oferendas
deu graças	=	Oração eucarística
partiu o pão	=	Fração do pão
e deu	=	Comunhão

287. De fato:

- 1) *Tomou o pão, o cálice*. Na preparação das oferendas levam-se à mesa do altar o pão, o vinho e a água, isto é, aqueles elementos que Cristo tomou em suas mãos;
- 2) *Deu graças*. Na Oração eucarística rendem-se graças a Deus por toda a obra salvífica e as oferendas tornam-se Corpo e Sangue de Cristo;
- 3) *Partiu o pão*. Pela fração do mesmo pão manifesta-se a Unidade dos fiéis.
- 4) *Deu*: Pela comunhão os fiéis recebem o Corpo e o Sangue do Senhor como os apóstolos o receberam das mãos do próprio Cristo¹²².

288. Cuidar-se-á, na catequese e na pregação para que os fiéis possam facilmente reconhecer esta estrutura fundamental da Liturgia eucarística.

3.1. Preparação das Oferendas: Ele tomou o pão, ele tomou o cálice.

289. “No início da Liturgia eucarística são levadas ao altar as oferendas, que se converterão no Corpo e Sangue de Cristo”¹²³.

290. No conjunto da celebração, após a Liturgia da Palavra e antes de iniciar-se a Oração eucarística, a preparação das oferendas representa um momento de pausa, de descanso para a assembléia, um momento visual. Por isso, convém tomar o tempo necessário de maneira que a Oração eucarística, a seguir, tenha um destaque melhor, como retomada do diálogo.

291. Prepara-se a mesa condignamente e trazem-se as oferendas. Neste momento, o sacerdote pode assentar-se. É conveniente que membros da própria assembléia participem da preparação desta mesa e levem em procissão as oferendas do pão e do vinho para o sacrifício eucarístico. “Embora os fiéis já não tragam de casa, como outrora, o pão e o vinho destinados à Liturgia, o rito de levá-los ao altar conserva a mesma força e significado espiritual”¹²⁴.

292. “Também são recebidos o dinheiro ou outros donativos oferecidos pelos fiéis para os pobres ou para a igreja ou recolhidos no recinto da mesma; serão, no entanto, colocados em lugar conveniente, fora da mesa eucarística”¹²⁵. Onde for possível, pode ser mais expressivo que todos possam aproximar-se para depositar a sua oferta em lugar adequado. As ofertas da assembléia fazem parte da ação litúrgica. Por isso não devem ser abolidas.

293. Em certas ocasiões a procissão tornar-se-á mais expressiva se levar também para junto do altar ofertas simbólicas alusivas à comemoração realizada naquele dia ou a algum aspecto da vida da comunidade. Os cristãos, outrora, para expressar a sua participação no sacrifício eucarístico, eram muito sensíveis à oferta do pão, do vinho e de dádivas para os pobres. Hoje, uma nova sensibilidade simbólica nos faz atentos ao fato de que o pão e o vinho, que o Senhor usou na Ceia, são frutos da terra e do *trabalho* de homens e mulheres¹²⁶. Portanto, outros frutos e instrumentos do mesmo trabalho podem ser aqui apresentados.

294. O ofertório verdadeiro realiza-se na Oração eucarística, após a Narrativa da Instituição ou Consagração, no momento da oblação do Corpo e Sangue de Cristo. “Por ela a Igreja, em particular, a assembléia reunida oferece ao Pai, no Espírito Santo, a hóstia imaculada; ela deseja, porém, que os fiéis não apenas ofereçam a hóstia imaculada, mas aprendam a oferecer a si próprios, e se aperfeiçoem, cada vez mais, pela mediação de Cristo, na união com Deus e com o próximo, para que finalmente Deus seja tudo em todos”¹²⁷.

295. A oferta apresentada na hora da apresentação das oferendas é, ao nível do simbólico, uma antecipação daquela oblação e deve significar as pessoas entregando-se a Deus através de suas ofertas “em” Cristo. Oferecer os frutos da terra e do trabalho, que de Deus recebemos, é um gesto de amor, uma maneira de reconhecer que ele é nosso Pai¹²⁸.

296. O *canto* do ofertório, se houver, acompanha a procissão das oferendas e se prolonga pelo menos até que os dons tenham sido colocados sobre o altar¹²⁹. O canto não deve necessariamente falar de ofertas, mas pode recordar a vida do povo de modo condizente com o ato litúrgico ou simplesmente harmonizar-se com a celebração do mistério do dia de acordo com a tradição.

297. O ofertório pode ser momento propício para valorizar gestos da assembléia. Onde expressões corporais forem bem aceitas poderão ser admitidas na procissão das ofertas.

3.2. A Oração eucarística: Ele deu graças.

298. Uma iniciação à Eucaristia ajudará a perceber que a *Oração eucarística* forma um todo, que comporta diversos elementos:

Estrutura da prece eucarística
 Diálogo inicial
 Prefácio – SANTO
 Epiclese (invocação do Espírito Santo)
 Narrativa da Instituição – Consagração
 Anamnese (memorial) e Oblação
 Epiclese de comunhão
 Intercessões
 Doxologia final
 AMÉM

299. Portanto esta venerável oração contém:

a) O Prefácio (no sentido aqui de proclamação pública) expressa a *ação de graças*, o *louvor a Deus* por toda a obra da salvação ou por um de seus aspectos, e termina com b) a aclamação do Santo. c) Segue então a *Epiclese* ou invocação do Espírito Santo sobre os dons, d) a *narração da instituição ou consagração*, que Cristo encerrou, dizendo: Fazei isto em memória de mim; e) por isso, segue a *anamnese* ou oração da *memória* de Cristo que leva à f) *oblação* pela qual a Igreja reunida, realizando essa memória, oferece ao Pai, no Espírito Santo, a “hóstia imaculada” e se oferece a si mesma a Cristo; g) *epiclese de comunhão*, pois o Espírito é quem congrega na unidade da Igreja, Corpo místico de Cristo; h) vêm então as *intercessões* pelas quais se expressa que a Eucaristia é celebrada em comunhão com toda a Igreja, tanto celeste como terrestre e por todos os membros vivos e falecidos; i) A *doxologia* final (glorificação de Deus) será cantada ou pronunciada só pelo presidente e confirmada e concluída pelo “AMÉM” do povo¹³⁰.

300. Sendo memorial de Cristo, a Eucaristia não consiste apenas em renovar os gestos da Ceia, mas também em renovar os gestos de Cristo na páscoa de sua vida, morte e ressurreição: louvor ao Pai a partir das circunstâncias de nossa Igreja caminante, oferecer o sacramento memorial do sacrifício de Cristo, mas ao mesmo tempo oferecer-nos a nós mesmos na nossa páscoa, páscoa de Cristo na páscoa da gente, páscoa da gente na páscoa de Cristo.

301. Antes de iniciar o *Prefácio*, lembrando o que foi anunciado na Palavra, o presidente da celebração pode chamar a atenção de todos para o acontecimento central da missa, que torna presente o sacrifício de Cristo na Ceia eucarística¹³¹ e a participação dos fiéis na mesma.

Este também pode ser um dos momentos oportunos para recordar os motivos de ação de graças da comunidade e uni-los à grande ação de graças da Igreja, a Eucaristia¹³².

302. Dentre o leque de Prefácios e Orações eucarísticas, constantes do Missal, é importante que sejam escolhidos os que mais se adaptem à celebração do dia e à comunidade.

303. A Oração eucarística é “centro e cume de toda a celebração”¹³³. Não basta, porém, afirmá-lo; é preciso que, de fato, no conjunto da missa se reze de tal modo esta Oração que ela apareça como momento alto do Santo Sacrifício. Além da escolha da Prece mais apropriada, é importante o modo de o presidente proferir a Oração, procurando a maior comunicação possível e a participação da assembléia

através das aclamações. Sendo celebração, procurar-se-à valorizar todos os elementos simbólicos que, pela sua natureza, podem contribuir para realçar este momento da celebração: o canto, os gestos, a voz e as atitudes do sacerdote, dos ministros e da assembléia e, se oportuno, o uso tradicional de campainhas, sinos, incenso etc.

304. Como já notamos, é particularmente importante valorizar o canto, tanto por parte do sacerdote (Prefácio, Narração da Instituição, Anamnese, Doxologia final), quanto nas partes da assembléia: Santo, Aclamações diversas, segundo as Orações eucarísticas, aclamação do *Amém* final.

305. Considerando que as aclamações constituem uma forma de participação ativa da comunidade na grande Oração eucarística de quem preside, convém valorizar tais aclamações conforme a índole do povo. Para intensificar essa participação ativa do povo, as aclamações sejam de, preferência, cantadas e oportunamente acompanhadas de gestos.

306. Convém que se valorize da melhor maneira possível, em particular o *Amém* conclusivo da Oração eucarística, por exemplo, enfatizando-o através do canto, da repetição ou de outro modo.

3.3 Os ritos da Comunhão: Ele partiu o pão e o deu; tomai, comei; tomai, bebei

307.

Introdução ao

- PAI NOSSO

Livrai-nos... (embolismo)

Vosso é o Reino (doxologia)

Oração pela Paz

Que a paz do Senhor...

Gesto de paz

- FRAÇÃO DO PÃO

+ canto: Cordeiro de Deus:

- CONVITE À COMUNHÃO: Felizes

Apresentação: Eis o cordeiro

"Senhor, eu não sou digno..."

Comunhão (+ canto)

interiorização

- ORAÇÃO após a Comunhão

AMÉM

308. "Terminada a Oração eucarística, seguem-se sempre o Pai-nosso, a Fração do Pão e o convite para a Comunhão, pois estes elementos são de grande importância na estrutura desta parte da missa"¹³⁴.

309. Sendo a Celebração eucarística a Ceia pascal, convém que, segundo a ordem do Senhor, o seu Corpo e Sangue sejam recebidos como alimento espiritual pelos fiéis, devidamente preparados. Esta é a finalidade da Fração do Pão e dos outros ritos preparatórios, pelos quais os fiéis são imediatamente encaminhados à Comunhão"¹³⁵.

310. O *Pai-nosso*, sobretudo quando cantado, é especialmente apto para estimular o sentimento de fraterna solidariedade cristã. Este sentimento pode, além disso, ser expresso por gestos, desde que se harmonizem com os gostos e costumes do povo. Por ser a Oração que o Senhor nos ensinou, não deve ser nunca substituída

por outros cantos, parafraseando o Pai-nosso, que poderão, no entanto, ser aproveitados em outros momentos.

311. *O rito da paz*. “Neste rito, os fiéis imploram a paz e a unidade para a Igreja e toda a família humana e exprimem mutuamente a caridade antes de participar do mesmo pão”¹³⁶.

312. Espontaneamente as nossas comunidades acolheram e perceberam o rito da saudação da paz como momento de confraternização alegre em Cristo. É momento privilegiado para realçar o compromisso da comunicação da paz a todos indistintamente. Paz recebida como dom.

313. Seria conveniente não realizar o rito da paz sempre da mesma maneira, mas, pelo contrário, usar da criatividade e variar. Por exemplo, a saudação poderá ser simplificada ou omitida por completo nos tempos penitenciais; ela será realçada, pelo contrário, em tempos de festa.

Ocasionalmente, o gesto facultativo da saudação poderá ser realizado em outro momento da celebração: por exemplo nos ritos de entrada da missa, como saudação fraterna; no ato penitencial em sinal de reconciliação; após a homilia ou antes da apresentação das oferendas, também como, perdão das ofensas ou, se deixado para o fim da missa, como gesto de despedida ou cumprimento (pêsames, parabéns etc.).

314. *“Eles o reconheceram na fração do pão”*. “O gesto de partir o pão, realizado por Cristo na última Ceia, deu nome a toda a Ação eucarística na época apostólica; este rito possui não apenas uma razão prática, mas significa que nós, sendo muitos, pela comunhão do único Pão da Vida, que é o Cristo, formamos um único corpo”¹³⁷.

315. Para de novo realçar o gesto de partir o pão e o seu significado é conveniente que a “matéria da Celebração eucarística pareça realmente um alimento... e que o sacerdote possa, de fato, partir a hóstia em diversas partes e distribuí-la ao menos a alguns fiéis”¹³⁸. Na estrutura da Ceia, é aqui o lugar próprio da fração como gesto ritual de fazer o que Cristo fez e não durante a Narrativa da Instituição (Consagração).

316. Durante a fração, o povo canta ou diz o “Cordeiro de Deus”, entoado pela assembléia. A saudação da paz não deve ofuscar a importância deste momento do rito.

317. É conveniente igualmente “usar uma única patena de maior dimensão, onde se coloque tanto o pão para o sacerdote como para os ministros e fiéis”¹³⁹.

318. “A *Comunhão* realiza mais plenamente o seu aspecto de sinal quando sob as duas espécies. Sob esta forma manifesta-se mais perfeitamente o sinal do banquete eucarístico e se exprime de modo mais claro a vontade divina de realizar a nova e eterna Aliança no Sangue do Senhor, assim como a relação entre o banquete eucarístico e o banquete escatológico no reino do Pai”¹⁴⁰.

319. Por isso, dever-se-ia fazer esforço necessário para que “os fiéis recebam o Corpo de Cristo em hóstias consagradas na mesma missa enquanto possível, e participem do cálice pelo menos nos casos previstos”¹⁴¹. Seria recomendável que participassem do cálice os “ministros que desempenham uma função na missa”¹⁴²; para os casos previstos confira-se a Instrução Geral sobre o Missal Romano, n.242, de 1 a 14, aos se acrescentar por lei universal da missa da Vigília pascal¹⁴³. É também permitido que os Ordinários possam estabelecer casos particulares¹⁴⁴.

320. A distribuição da Comunhão sob duas espécies exige cuidados especiais, conforme as circunstâncias locais. As instruções litúrgicas insistem que apareça claramente, através da pessoa de um ministro que preside a distribuição, o sinal de Cristo que na Ceia “dá” a seus discípulos, em comunhão, o seu Corpo entregue, o seu Sangue derramado¹⁴⁵. Por isso, a comunhão deve ser sempre recebida da mão do ministro. Os pastores tenham o cuidado de orientar os fiéis sobre a Comunhão na mão.

321. O sacerdote é o ministro ordinário não só da consagração, mas também, juntamente com o diácono, da distribuição da Comunhão.

322. “Enquanto o sacerdote e os fiéis recebem o Sacramento, entoa-se o Canto da Comunhão, que exprime, pela unidade das vozes, a união espiritual dos comungantes, demonstra a alegria dos corações e torna mais fraterna a procissão dos que vão receber o Corpo de Cristo. O canto começa quando o sacerdote comunga, prolongando-se oportunamente, enquanto os fiéis recebem o Corpo de Cristo¹⁴⁶. Durante a Comunhão há lugar também para um fundo de música instrumental, concluído o canto.

323. *Interiorização após a Comunhão.* “Terminada a distribuição da Comunhão, se for oportuno, o sacerdote e os fiéis oram por algum tempo em silêncio, podendo a assembléia entoar ainda um hino ou outro canto de louvor”¹⁴⁷.

324. É particularmente útil deixar espaço após a distribuição da Comunhão para um momento de interiorização. Segundo as circunstâncias, será orientado por quem preside ou outro ministro.

325. Este poderá ser nas comunidades outro momento de grande flexibilidade, usado como criatividade: silêncio, meditação, oração, canto, visando um aprofundamento do mistério celebrado etc. Em geral, as Antífonas da Comunhão do Missal, recebidas da tradição, retomam uma frase central do Evangelho ou do mistério do dia. Elas nos fornecem assim uma indicação precisa quanto à maneira de como pode ser apresentada e aprofundada a Comunhão eucarística à luz da Palavra de Deus.

326. *A Oração presidencial após a Comunhão*, na qual se “imploram os frutos do mistério celebrado”, aparecerá facilmente como conclusão deste momento de interiorização. “O sacerdote... recita a Oração depois da Comunhão, que pode ser precedida de um momento de silêncio, a não ser que já se tenha guardado silêncio após a Comunhão”¹⁴⁸. A Oração depois da Comunhão constitui propriamente a conclusão do rito da Comunhão e de toda a missa. Por meio dela estabelece-se a relação entre a Celebração eucarística e a vida eucarística do cristão.

4. Ritos finais da missa: A despedida

327. “Terminada a Oração depois da Comunhão, podem ser feitas, se necessário, breves comunicações ao povo”¹⁴⁹.

Os avisos que dizem respeito à vida da comunidade serão dados, de preferência, pelas próprias pessoas que estão ligadas a tais iniciativas, sob a responsabilidade de quem preside. Não se omitirão comunicações sobre atividades de outras comunidades e da Igreja universal.

328. Este parece ser também o momento mais adequado para as breves homenagens, que as comunidades gostam de prestar em dias especiais antes de se dispersarem.

329. Eventualmente, antes de encerrar-se a celebração, será útil uma mensagem final, na qual se exorte a comunidade a testemunhar pela vida a realidade celebrada¹⁵⁰.

330. Um canto final, se parecer oportuno, embora não previsto no Missal, encontrará maior receptividade neste momento do que mais tarde.

331. Nos tempos litúrgicos mais ricos ou em certos momentos especiais da vida das comunidades, a bênção final será enriquecida pelas bênçãos solenes à escolha ou orações sobre o povo. Nada impede que no caso de acontecimentos especiais celebrados na missa da comunidade, tais como bodas e jubileus, bem como outras circunstâncias semelhantes, a bênção final inclua uma bênção especial para o casal ou pessoas determinadas.

332. De qualquer modo, haja no fim da missa, na medida do possível, uma verdadeira despedida humana e fraterna.

OBSERVAÇÃO FINAL

333. As presentes orientações visam oferecer às Igrejas locais e suas comunidades pistas que favoreçam a participação do povo na missa, incentivada e proposta pelo Vaticano II.

334. Os frutos pastorais que delas se esperam dependem do cuidado com que estas orientações forem introduzidas. Faz-se necessária uma adequada preparação das Comunidades e de seus ministros, observando-se diligentemente o discernimento pastoral quanto à sua oportunidade e conveniência de acordo com a realidade local.

335. Evitar-se-ão os abusos, sempre possíveis, na medida em que formarmos os agentes de pastoral para uma sadia criatividade, fomentando positivamente a Liturgia em todas as suas expressões e favorecendo a sua linguagem própria no universo da fé.

Nota:1

cf. **SC 10**: “Mas a liturgia é o cume para o qual tende toda a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de que promana sua força. Os trabalhos apostólicos visam a que todos, como filhos de Deus, pela fé e pelo batismo, se reúnam para louvar a Deus na Igreja, participar do sacrifício e da ceia do Senhor.

A liturgia também leva os fiéis a serem *unânicos na piedade*, depois de participarem dos *sacramentos pascais*, para que *na vida conservem o que receberam na fé*. A liturgia renova e aprofunda a aliança do Senhor com os homens, na eucaristia, fazendo-os arder no amor de Cristo. Dela, pois, especialmente da eucaristia, como de uma fonte, derrama-se sobre nós a graça e brota com soberana eficácia a santidade em Cristo e a glória de Deus, fim para o qual tudo tende na Igreja”.

Nota:2

cf. **SC 12 e 13**: “12. Liturgia e oração pessoal – A vida espiritual não se resume na participação na liturgia. Chamado a orar em comum, o cristão não deve deixar também de entrar em seu quarto, para orar ao Pai no segredo do coração. Pelo contrário, seguindo o conselho do apóstolo, deve orar sem cessar. Pelo mesmo apóstolo, somos advertidos de que devemos levar sempre em nossos corpos os sinais da morte de Cristo, para que também a sua vida se manifeste, um dia, em nossos corpos mortais. Pedimos, por isso, ao Senhor, no sacrifício da missa, que *aceite a hóstia da oblação espiritual* e nos torne, *a nós mesmos, uma oferenda eterna*.

13. Outras práticas da piedade - Recomendam-se vivamente as práticas de piedade do povo cristão, desde que estejam conformes às leis e normas da Igreja, mas especialmente quando se fizerem por mandato da sé apostólica.

As práticas recomendadas pelos bispos são especialmente dignas de louvor, desde que se façam segundo o costume e os livros legitimamente aprovados.

Devem se harmonizar com os tempos litúrgicos e se articular com a liturgia, pois dela derivam e são destinadas a conduzir o povo à liturgia, que é muito superior a todas as práticas”.

Nota:3

cf. **Medellín 9**: “1. A pluralidade de situação na renovação litúrgica é um fato: enquanto em algumas regiões esta aplicação se realiza com crescentes esforços, em outras sua aplicação é feita de forma ainda débil. Em geral, é insuficiente. Falta uma mentalidade sobre o conteúdo da reforma, a qual é

especialmente importante para o clero, cujo papel na renovação litúrgica é básico. Além disso, é necessário reconhecer que a variedade de culturas provoca difíceis problemas de aplicação (línguas, sinais).

Tem-se a impressão de que o bispo nem sempre exerce de forma eficaz seu papel litúrgico, de promotor, regulador e orientador do culto.

As traduções litúrgicas significaram um passo no avanço da Igreja, mas os critérios que têm sido adotados não permitiram ainda chegar ao grau de adaptação necessária.

A liturgia não está integrada organicamente na educação religiosa, nem a ela vinculada em mútua compenetração.

São insuficientes os estudiosos capacitados para desenvolver a renovação litúrgica.

2. A presença do Mistério da Salvação, enquanto a humanidade peregrina até sua plena realização na parusia do Senhor, culmina na celebração da liturgia eclesial.

A liturgia é ação de Cristo Cabeça e de seu Corpo que é a Igreja. Contém, portanto, a iniciativa salvadora que vem do Pai pelo Verbo e no Espírito Santo, e a resposta da humanidade nos que se ligam, pela fé e pela caridade, no Cristo, recapitulador de todas as coisas. Como não vivemos ainda a plenitude do Reino, toda celebração litúrgica está essencialmente marcada pela tensão entre o que já é uma realidade e o que ainda não se verifica plenamente; é a imagem da Igreja, ao mesmo tempo santa e necessitada de purificação; tem um sentido de alegria e uma dolorosa consciência do pecado. Numa palavra, vive na esperança.

3. A liturgia, momento em que a Igreja é mais perfeitamente ela mesma, realiza, indissoluvelmente unidas, a comunhão com Deus e entre os homens, e de tal modo que aquela é a razão desta. Busca-se, antes de tudo, o louvor da glória da graça, é consciente, também, que todos os homens precisam da glória de Deus para serem verdadeiramente homens. E por isso mesmo o gesto litúrgico não é autêntico se não implica um compromisso de caridade, um esforço sempre renovado por ter os sentimentos de Cristo Jesus, e para uma contínua conversão.

A instituição divina da liturgia jamais pode ser considerada como um adorno contingente da vida eclesial, já que nenhuma comunidade cristã se edifica se não tem sua raiz na celebração da Santíssima Eucaristia, pela qual se inicia toda a educação do espírito da comunidade. Esta celebração, para ser sincera e plena, deve conduzir tanto às várias obras de caridade e mútua ajuda, como à ação missionária e às várias formas de testemunho cristão.

4. No momento atual de nossa América Latina, como em todos os tempos, a celebração litúrgica comporta e coroa um compromisso com a realidade humana, com o desenvolvimento e com a promoção, precisamente porque toda a criação está envolvida pelo desígnio salvador que abrange a totalidade do homem.

5. No momento atual de nosso continente, certos estados de vida e certas atividades humanas representam uma importância vital para o futuro. Entre os primeiros cabe destacar a família, a juventude, a vida religiosa e o sacerdócio; entre as segundas, a promoção humana e tudo o que está ou pode ser colocado a seu serviço: a educação, a evangelização e as diversas formas de ação apostólica.

6. Sendo a Sagrada Liturgia a presença do Mistério da Salvação, visa em primeiro lugar à glória do Pai. Mas, essa mesma glória comunica-se aos homens e por isso a celebração litúrgica, mediante o conjunto de sinais com que expressa a fé, apresenta:

- a) Um conhecimento e uma vivência mais profunda da fé;
- b) Um sentido da transcendência da vocação humana;
- c) Um fortalecimento do espírito da comunidade;
- d) Uma mensagem cristã de alegria e esperança;
- e) A dimensão missionária da vida eclesial;
- f) A exigência postulada pela fé de comprometer-se com as realidades humanas;

Todas essas dimensões devem estar presentes onde quer que cada estado de vida realize alguma atividade humana.

7. Para que a liturgia possa realizar, em plenitude, esses objetivos, necessário se faz:

- a) A catequese prévia sobre o mistério cristão e sua expressão litúrgica;
- b) Adaptar-se ao gênio das diversas culturas e encarnar-se nele;
- c) Acolher, portanto, positivamente a pluralidade na unidade, evitando erigir, *a priori*, a uniformidade como princípio;
- d) Manter-se numa situação dinâmica que acompanhe tudo o que houver de são no processo de evolução da humanidade;
- e) Conduzir a uma experiência vital da união entre a fé, a liturgia e a vida cotidiana, em virtude da qual chegue o cristão ao testemunho de Cristo.

Não obstante, a liturgia, que interpela o homem, não pode reduzir-se a mera expressão de uma realidade humana freqüentemente unilateral ou marcada pelo pecado; pelo contrário, ela a considera, conduzindo-a a seu pleno sentido cristão.

8. O Concílio Vaticano II reconhece ao bispo o direito de regulamentar a liturgia e aponta-lhe o dever de promovê-la no seio da Igreja local. A ele cumpre:

- a) Com toda a responsabilidade pastoral, promover singular ou coletivamente a vida litúrgica;
- b) Celebrar freqüentemente como “grande sacerdote de sua grei”, cercado por seu presbitério e ministros no meio de seu povo;
- c) Uma função moderadora “ad normam iuris” e segundo o espírito da constituição da Sagrada Liturgia;
- d) Valer-se da Comissão diocesana ou interdiocesana, recomendadas pelo concílio, compostas de peritos em liturgia, Bíblia, pastoral, música e arte sacra.

Referentes às Conferências Episcopais

9. A renovação comunitária e hierárquica necessita, além disso, da intervenção de diversas assembléias territoriais de bispos legitimamente constituídas. A elas cabe uma função regulamentadora, dentro dos

limites estabelecidos que assegurem a fidelidade da imagem eclesial que cada comunidade cristã deve oferecer da Igreja universal.

10. Para conseguir melhor estas finalidades, a II Conferência Geral do Episcopado latino-americano:

a) Deseja que se confirmem às Conferências Episcopais faculdades mais amplas em matéria litúrgica, a fim de que possam realizar melhor as adaptações necessárias, levando em conta as exigências de cada assembléia;

b) Recomenda que, dadas as peculiaridades circunstanciais dos territórios de missão, seus ordinários se reúnam para estudar as adaptações necessárias e para que possam ser apresentadas à autoridade competente.

Serviços do CELAM

11. A coincidência de problemas comuns e a necessidade de contar com grupos de técnicos devidamente preparados, aconselham, além disso, o incremento dos serviços que o Departamento de Liturgia do CELAM possa proporcionar. Tais são:

a) Um serviço de informação, documentação bibliográfica e coordenação prestado pelo Secretário executivo do Departamento, que se propõe manter em permanente comunicação os Episcopados da América Latina.

b) Um serviço de investigação e formação que já começou a prestar o Instituto de Liturgia Pastoral de Medellín, com vistas a adaptação mais profunda da liturgia às necessidades e culturas da América Latina. Para isso se torna necessário que se considere e se facilite o agrupamento de técnicos tanto em Liturgia, Sagradas Escrituras e Pastoral, quanto em ciências antropológicas, cujos trabalhos abram caminho a um progresso legítimo.

c) Um escritório de coordenação dos musicólogos, artistas e compositores numa união de esforços que se estejam realizando em nossos países, de forma a proporcionar uma música digna dos sagrados mistérios.

d) Um serviço de assessoramento técnico, tanto para a conservação do patrimônio artístico como para a promoção de novas formas artísticas.

e) Um serviço editorial para diversas publicações que sirvam de instrumento valioso para a pastoral litúrgica, sem que isso interfira no âmbito de outras publicações.

Os serviços mencionados pressupõem a existência de bibliotecas especializadas e suficientemente providas.

12. A celebração da Eucaristia em pequenos grupos e comunidades de base pode ter verdadeira eficácia pastoral; aos bispos cabe permiti-la, tendo em conta as circunstâncias de cada lugar.

13. A fim de que os sacramentos alimentem e fortaleçam a fé na situação atual da América Latina, aconselha-se o estabelecimento, planificação e intensificação de uma pastoral sacramental comunitária mediante preparações sérias, graduais e adequadas para o batismo (os pais e padrinhos), confirmação, primeira eucaristia e matrimônio.

É recomendável a celebração comunitária da Penitência, mediante uma celebração da Palavra em observância à legislação vigente, porque isso contribui para ressaltar a dimensão eclesial desse sacramento e torna mais frutuosa a participação no mesmo.

14. Incrementem-se as sagradas celebrações da Palavra, conservando sua relação com os sacramentos nos quais ela alcança sua máxima eficácia e particularmente com a Eucaristia. Promovam-se as celebrações ecumênicas da Palavra, segundo o teor do Decreto sobre o Ecumenismo n. 8, e seguindo as normas do Diretório nn. 33-35.

15. Sendo tão arraigadas em nosso povo certas devoções populares, recomenda-se buscar formas mais adequadas que lhes dêem conteúdo litúrgico, de modo que se tornem veículos da fé e de compromisso com Deus e com os homens".

Nota:4

Puebla 892-963, principalmente, nn 938-952: "**892.** Responsáveis que somos pelo ministério da evangelização, preocupa-nos como fazer chegar ao homem latino-americano a Palavra de Deus, de tal modo que seja por ele escutada, assumida, encarnada celebrada e transmitida a seus irmãos.

893. Sabemos que Deus é quem a faz crescer; todavia, o Senhor da messe espera a colaboração de seus servos. Por isso, queremos refletir sobre os principais meios de evangelização, com os quais a Igreja cria comunhão e convida os homens ao serviço de seus irmãos.

894. A comunidade que, na liturgia, celebra alegremente a Páscoa do Senhor, tem o compromisso de dar testemunho, de catequizar, educar e comunicar a Boa Nova por todos os meios a seu alcance.

Sente outrossim a necessidade de entrar em comunhão e diálogo com os homens do nosso Continente que buscam a verdade.

895. A oração particular e a piedade popular, presentes na alma do nosso povo, constituem valores de evangelização; a liturgia é o momento privilegiado de comunhão e participação para uma evangelização que conduz à libertação cristã integral, autêntica.

896. Em geral, a renovação litúrgica na América Latina está dando resultados positivos, pelo fato de se estar novamente encontrando a posição real da liturgia na missão evangelizadora da Igreja, pela maior compreensão e participação dos fiéis, favorecidos pelos novos livros litúrgicos e pela difusão da Catequese pré-sacramental.

897. Isto foi favorecido pelos documentos da Sé Apostólica e das Conferências Episcopais, bem como por encontros em diversos níveis: latino-americano, regional, nacional, etc.

898. Facilitaram esta renovação o idioma comum, a riqueza cultural e a piedade popular.

899. Sente-se a necessidade de adaptar a liturgia às diversas culturas e à situação de nosso povo jovem, pobre e humilde.

900. A falta de ministros, a dispersão populacional e a situação geográfica do Continente fizeram crescer a consciência da utilidade das celebrações da Palavra e da importância de servir-se dos meios de comunicação social (rádio e televisão) para alcançar a todos.

901. Verificamos entretanto que não se tem atribuído ainda à pastoral litúrgica a prioridade que lhe cabe dentro da pastoral de conjunto, continuando muito prejudicial a oposição existente em alguns setores entre evangelização e sacramentalização. Falta um aprofundamento da formação litúrgica do clero; nota-se marcada ausência de catequese litúrgica destinada aos fiéis.

902. A participação na liturgia não repercute de forma adequada no compromisso social dos cristãos. A instrumentalização que, por vezes, se faz da mesma, lhe desfigura o valor evangelizador.

903. Prejudicial também tem sido a falta de observância das normas litúrgicas e do seu espírito pastoral, por abusos que causam desorientação e divisão entre os fiéis.

904. A religiosidade popular do homem latino-americano possui uma rica herança de oração, arraigada em culturas autóctones e, depois, evangelizadas pelas formas de piedade cristã de missionários e imigrantes.

905. Consideramos um tesouro o costume existente desde outrora de reunir-se para orar em festividades e ocasiões especiais. Mais recentemente, a oração foi enriquecida pelo movimento bíblico, por novos métodos de oração contemplativa e pelo movimento de grupos de oração.

906. Muitas comunidades cristãs carentes de ministro ordenando acompanham e celebram seus acontecimentos e festas com reuniões de oração e canto que, a um tempo, evangelizam a comunidade e lhe proporcionam força evangelizadora.

907. Em vastas áreas, a oração familiar tem sido o único culto existente: de fato, ela manteve a unidade e a fé da família e do povo.

908. A invasão da TV e do rádio nos lares põe em risco as práticas piedosas no seio da família.

909. Embora a oração brote muitas vezes por força de necessidades meramente pessoais e se expresse em fórmulas tradicionais não assimiladas, não se pode ignorar que a vocação do cristão deve levá-lo ao compromisso moral, social e evangelizador.

910. No conjunto do povo católico latino-americano manifesta-se, em todos os níveis e sob formas bastante diversificadas, uma piedade popular que nós, bispos, não podemos deixar passar despercebida, e que precisa ser estudada com critérios teológicos e pastorais, para se descobrir seu potencial evangelizador.

911. A América Latina está insuficientemente evangelizada. A maioria do povo exprime sua fé prevalentemente na piedade popular.

912. As manifestações de piedade popular são muito variadas, de caráter comunitário e individual; entre elas deparamos: o culto a Cristo sofredor e morto, a devoção ao Sagrado Coração, diversas devoções à Santíssima Virgem Maria, o culto dos santos e defuntos, as procissões, novenas, festas de padroeiros, peregrinações e santuários, os sacramentais, as promessas, etc.

913. A piedade popular apresenta aspectos positivos como: senso do sagrado e do transcendente; disponibilidade para ouvir a Palavra de Deus; marcada piedade mariana; capacidade para rezar; sentido de amizade, caridade e união familiar; capacidade de sofrer e reparar; resignação cristã em situações irreparáveis; desprendimento das coisas materiais.

914. Mas apresenta também aspectos negativos: falta de senso de pertença à Igreja; desvinculação entre fé e vida; o fato de não conduzir à recepção dos sacramentos; exagerada valorização do culto dos santos com detrimento do conhecimento de Jesus Cristo e de seu mistério; idéia deformada a respeito de Deus; conceito utilitário de certas formas de piedade; propensão, em alguns lugares, para o sincretismo religioso; infiltração do espiritismo e, em certos casos, de práticas religiosas do Oriente.

915. Frequentemente se suprimem formas de piedade popular sem razões válidas e sem substituí-las por algo melhor.

916. É necessário que toda esta renovação seja orientada por uma autêntica teologia litúrgica. Nesta, sobressai a teologia dos sacramentos. Isto contribuirá para a superação duma mentalidade neo-ritualista.

917. O Pai, por Cristo e no Espírito, santifica a Igreja e, por ela, o mundo; mundo e Igreja por sua vez, por Cristo e no Espírito, dão glória ao Pai.

918. A liturgia, como ação de Cristo e da Igreja, é o exercício do sacerdócio de Jesus Cristo; é o ápice e a fonte da vida eclesial. É um encontro com Deus e os irmãos; banquete e sacrifício realizado na Eucaristia; festa de comunhão eclesial, na qual o Senhor Jesus por seu mistério pascal, assume e liberta o Povo de Deus e, por ele, toda a humanidade, cuja história é convertida em história salvífica, para reconciliar os homens entre si e com Deus. A liturgia é também força em nosso peregrinar, para que se leve a bom termo, mediante o compromisso transformador da vida, a realização plena do Reino, segundo o plano de Deus.

919. Na Igreja particular, "o bispo deve ser tido como sumo sacerdote de sua grei; dele deriva e depende, de certo modo, a vida em Cristo dos seus fiéis" (SC 41).

920. O homem é um ser sacramental; no nível religioso exprime suas relações com Deus num conjunto de sinais e símbolos; Deus, igualmente, os utiliza quando se comunica com os homens. Toda a criação é de certa forma, sacramento de Deus, porque no-lo revela.

921. Cristo "é imagem de Deus invisível" (Cl 1,15). Como tal, é o sacramento primordial e radical do Pai: aquele que me viu, viu o Pai" (Jo 14,9).

922. A Igreja é, por sua vez, sacramento de Cristo para comunicar aos homens a vida nova. Os sete sacramentos da Igreja concretizam e atualizam esta realidade sacramental para as diversas situações da vida.

923. Por isso, não basta recebê-los de forma passiva, mas sim inserindo-nos vitalmente na comunhão eclesial. Pelos sacramentos Cristo continua, mediante a ação da Igreja, a encontrar-se com os homens e salvá-los.

A celebração eucarística, centro da sacramentalidade da Igreja e presença mais plena de Cristo no meio da humanidade, é o centro e ponto culminante de toda a vida sacramental.

924. A renovação litúrgica deve ser orientada por critérios pastorais fundados na própria natureza da liturgia e de sua função evangelizadora.

925. A reforma e renovação litúrgicas fomentam a participação, que conduz à comunhão. A participação plena, consciente e ativa na liturgia é fonte primária e necessária do Espírito verdadeiramente cristão. Por isso, as considerações pastorais, salva sempre a observância das normas litúrgicas, devem superar o mero rubricismo.

926. Os sinais, importantes em qualquer ação litúrgica, devem ser empregados de maneira viva e digna, com o pressuposto duma catequese adequada. As adaptações previstas na Constituição Sacrosanctum Concilium e nas normas pastorais posteriores são indispensáveis para se conseguir um rito acomodado às nossas necessidades, especialmente às do povo simples, tendo-se em conta suas legítimas expressões culturais.

927. Nenhuma atividade pastoral pode-se realizar sem referência à liturgia. As celebrações litúrgicas supõem uma iniciação à fé, mediante o anúncio evangelizador, a catequese e a pregação bíblica; esta é a razão de ser dos cursos e encontros pré-sacramentais.

928. Qualquer celebração deve ter, por sua vez, projeção evangelizadora e catequética adaptada às diversas assembléias de fiéis, pequenos grupo, crianças, grupos populares, etc.

929. As celebrações da Palavra, com uma abundante, variada e bem escolhida leitura da Sagrada Escritura, são de muito proveito para a comunidade, principalmente onde não há presbíteros e, sobretudo, para a realização do culto dominical.

930. A homilia, como parte da liturgia, é ocasião privilegiada para se expor o mistério de Cristo no aqui e agora da comunidade, partindo dos textos sagrados, relacionando-os com o sacramento e aplicando-os à vida concreta. Sua preparação deve ser esmerada e sua duração, proporcionada às outras partes da celebração.

931. Quem preside à celebração é o animador da comunidade que, por sua atuação, favorece a participação dos fiéis; donde a importância duma forma digna e adequada de celebrar.

932. O exemplo de Cristo orante: o Senhor Jesus, que passou pela terra fazendo o bem e anunciando a Palavra, dedicou, sob o impulso do Espírito, muitas horas à oração, falando com seu Pai com filial confiança e incomparável intimidade e dando exemplo a seus discípulos, aos quais ensinou expressamente a orar. O cristão, movido pelo Espírito Santo, há de fazer da oração motivo de sua vida diária e de seu trabalho; a oração cria nele um clima de louvor e agradecimento ao Senhor aumenta-lhe a fé, conforta-o na esperança operosa, leva-o a entregar-se aos irmãos e a ser fiel na faina apostólica, torna-o capaz de formar comunidade. A Igreja que ora em seus membros une-se à oração de Cristo.

933. A oração em família: a família cristã, evangelizada e evangelizadora, deve seguir o exemplo de Cristo orante. Assim, a sua oração manifesta e sustenta a vida da Igreja doméstica, na qual se acolhe o germe do Evangelho que cresce para tornar todos os seus membros capazes de serem apóstolos e fazerem da família um núcleo de evangelização.

934. A liturgia não esgota toda a atividade da Igreja. Recomendam-se os exercícios piedosos do povo cristão, contanto que sejam conformes às normas e leis da Igreja, derivem, de certa maneira, da liturgia e a ela conduzam. O mistério de Cristo é uno e, em sua riqueza, inclui manifestações e modos diversos de chegar aos homens. Graças a sua rica herança religiosa e em virtude da urgência das circunstâncias de tempo e lugar, as comunidades cristãs tornam-se evangelizadoras ao viverem a oração.

935. A piedade popular conduz ao amor de Deus e dos homens e ajuda as pessoas e os povos a tomarem consciência de sua responsabilidade na realização do próprio destino. A autêntica piedade popular, baseada na palavra de Deus, encerra valores evangelizadores que ajudam a aprofundar a fé do povo.

936. A expressão da piedade popular deve respeitar os elementos culturais nativos.

937. Para constituir um elemento eficaz de evangelização, a piedade popular precisa duma constante purificação e clarificação, e levar, não só à pertença à Igreja, mas também à vivência cristã e a um compromisso com os irmãos.

938. Dar à liturgia sua verdadeira dimensão de ponto culminante e manancial da atividade da Igreja (SC 10).

939. Celebrar a fé, na liturgia, como encontro com Deus e com os irmãos, como festa de comunhão eclesial, como fortalecimento em nosso peregrinar e como compromisso de nossa vida cristã. Dar especial importância à liturgia dominical.

940. Revalorizar a força dos "sinais" e sua teologia.

Na liturgia, celebrar a fé com expressões culturais obedecendo a uma sadia criatividade. Promover adaptações adequadas particularmente aos grupos étnicos e ao povo simples (grupos populares); atentando, porém, a que a liturgia não seja instrumentalizada para fins alheios à sua natureza, respeitem-se fielmente as normas da Santa Sé e, na celebrações litúrgicas, evitem-se arbitrariedades.

941. Estudar a função catequética e evangelizadora da liturgia.

942. Promover a formação dos agentes de pastoral litúrgica, por meio duma autêntica teologia que os leve a um compromisso vital.

943. Procurar oferecer aos presidentes das celebrações litúrgicas condições aptas para aprimorarem sua função e conseguirem uma comunicação viva com a assembléia; pôr um especial esmero na preparação da homilia, cujo valor evangelizador é grande.

944. Fomentar as celebrações da palavra dirigidas por diáconos ou leigos (homens ou mulheres).

945. Preparar e realizar com esmero a liturgia dos sacramentos, a das grandes festividades e a que se realiza nos santuários.

946. Aproveitar como ocasiões propícias de evangelização a celebração da palavra nos funerais e nos atos de piedade popular.

947. Promover a música sacra, como serviço eminente que corresponde à índole de nossos povos.

- 948.** Respeitar o patrimônio artístico religioso e fomentar a criatividade artística adaptada às novas formas litúrgicas.
- 949.** Incrementar as celebrações transmitidas pelo rádio e televisão, levando em conta a natureza da liturgia e a índole dos respectivos meios de comunicação utilizados.
- 950.** Fomentar os encontros preparatórios para a celebração dos sacramentos.
- 951.** Aproveitar as possibilidades oferecidas pelos novos rituais dos sacramentos. Os sacerdotes dediquem-se de maneira especial a administrar o sacramento da reconciliação.
- 952.** A diocese, na sua pastoral de conjunto, a paróquia e as comunidades menores (comunidades eclesiais de base e família) integrem em seus programas evangelizadores a oração pessoal e comunitária.
- 953.** Procurar que todas as atividades na Igreja (como sejam reuniões, uso de meios de comunicação social, obras sociais, etc.) sejam ocasião e escola de oração.
- 954.** Utilizar os seminários, mosteiros, escolas e outros centros de formação como lugares privilegiados para orar, irradiar vida de oração e formar mestres da mesma.
- 955.** Os sacerdotes, religiosos e leigos comprometidos, salientem-se por seu exemplo de oração e pelo ensino da mesma ao Povo de Deus.
- 956.** Promover as obras que fomentem a santificação do trabalho e a oração dos enfermos e inválidos.
- 957.** Fomentar as formas de piedade popular que contribuam para fortalecer a oração pessoal, familiar de grupo e comunitária.
- 958.** Incluir os grupos de oração na pastoral orgânica para que orientem seus membros para a liturgia a evangelização e o compromisso social.
- 959.** Esmerem-se os agentes de pastoral por recuperar os valores evangelizadores da piedade popular em suas diversas manifestações, quer pessoais, quer coletivas.
- 960.** Tome-se a piedade popular como ponto de partida para conseguir que a fé do povo ganhe maturidade e profundidade; para isso, esta piedade popular basear-se-á na palavra de Deus e no sentido de pertença à Igreja.
- 961.** Não se prive o povo de suas expressões de piedade popular. Caso algo tenha que mudar, proceda-se gradualmente e recorra-se a uma prévia catequese para conseguir algo melhor.
- 962.** Orientar os sacramentos ao reconhecimento dos benefícios de Deus e à tomada de consciência do compromisso que o cristão tem no mundo.
- 963.** Apresentar a devoção a Maria e aos santos como realização neles da Páscoa de Cristo e recordar que elas devem conduzir à vivência da Palavra e ao testemunho de vida”.

Nota:5

João Paulo II, Encontro com os Bispos do Brasil, em Fortaleza 10/07/1980, 6, 1: “No meio de vosso povo, que vos diz hoje como os discípulos a Jesus: ensinai-nos a orar (Lc 11,1), sede *mestres de oração*. Sois os primeiros liturgos de vossas Igrejas. Com elas e para elas celebrais os mistérios sacramentais, especialmente a Eucaristia. Mais ainda, sois os primeiros responsáveis por fazer rezar o vosso povo e os primeiros zeladores de uma oração litúrgica digna e fervorosa. É importante que, em comunhão com vossos Presbitérios, envideis todos os esforços para uma sadia renovação litúrgica em vossas Dioceses, evitando por uma parte um apego injustificável a formas litúrgicas que foram úteis no passado, mas não teriam hoje maior sentido, e, por outro lado, os abusos litúrgicos, a experimentação, prolongada em matéria litúrgica, o império do subjetivismo, a anarquia, coisas que rompem a verdadeira unidade, desorientam gravemente os fiéis, prejudicam a beleza e a profundidade das celebrações. Como Bispos, deve ser um de vossos cuidados maiores, o de cuidar da pureza e da nobreza das celebrações litúrgicas, certos de que isso, longe de prejudicar, dá melhores chances à Liturgia, à Liturgia no Brasil”.

Mensagem ao Episcopado Brasileiro, 1986, n. 3: “...Bem conscientes de que não podem abdicar de sua específica missão episcopal para assumir tarefas temporais, os Senhores lamentam, por outro lado, a inquietante escassez dos leigos devidamente preparados para assumir esses últimos desafios. Mas sei que poso manter vivo o apelo que tive ocasião de reiterar no correr da Visita ad limina, para que uma prioridade importante e inadiável na ação dos Senhores seja a de formar leigos, quer entre os construtores da sociedade pluralista(cf. Documento de Puebla, IV parte, capítulo III), quer entre as massas populares, quer nos ambientes operários e rurais, quer entre os jovens, sempre em vista da sua presença atuante nas tarefas temporais. Formar leigos significa favorecer-lhes a aquisição de verdadeira competência e habilitação no campo em que devem atuar; mas significa, sobretudo, educá-los na fé e no conhecimento da doutrina da Igreja naquele mesmo campo.

Nota:6

cf. **SC**, passim.

Nota:7

cf. **Is 55,10-11:** “Da mesma forma como a chuva e a neve, que caem do céu e para lá não voltam sem antes molhar a terra, tornando-a fecunda e fazendo-a germinar, a fim de produzir semente para o semeador e alimento para quem precisa comer, assim acontece com a minha palavra que sai de minha boca: ela não volta para mim sem efeito, sem ter realizado o que eu quero e sem ter cumprido com sucesso a missão para a qual eu a mandei”.

Hb 4,12: “Nós também recebemos como eles uma boa notícia. Mas a mensagem que eles ouviram, de nada lhes adiantou, pois não permaneceram unidos na fé com aqueles que tinham ouvido”.

Nota:8

cf. **Jo 4,23:** “Mas está chegando a hora, e é agora, em que os verdadeiros adoradores vão adorar o Pai em espírito e verdade. Porque são estes os adoradores que o Pai procura”.

Nota:9

cf. **SC 5:** “Deus quer que todos os homens sejam salvos e alcancem o reconhecimento da verdade (1Tm 2, 4). Falou outrora aos pais, pelos profetas, de muitos modos e maneiras (Hb 1, 1). Quando veio a plenitude dos tempos, enviou seu Filho, Verbo encarnado, ungido pelo Espírito Santo, para evangelizar

os pobres e curar os corações feridos, como médico do corpo e da alma, mediador entre Deus e os homens. Sua humanidade, unida à pessoa do Verbo, foi o instrumento de nossa salvação. Em Cristo realizou-se nossa perfeita reconciliação e nos foi dado acesso à plenitude do culto divino.

Cristo Senhor, especialmente pelo mistério pascal de sua paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão, em que morrendo destruiu a nossa morte e, ressuscitando, restaurou-nos a vida, realizou a obra da redenção dos homens e, rendendo a Deus toda glória, como foi prenunciado nas maravilhas de que foi testemunha o povo do Antigo Testamento. Do lado de Cristo, morto na cruz, brotou o admirável mistério da Igreja”.

Nota:10

Instrução sobre a liberdade cristã e a libertação, n 51: “Mas é, antes de tudo, pela força do seu Mistério Pascal que Cristo nos libertou. Por sua obediência perfeita na cruz e pela glória da sua ressurreição, o Cordeiro de Deus tirou o pecado do mundo e abriu-nos o caminho da libertação definitiva.

Por nosso serviço e nosso amor, mas também pelo oferecimento de nossas provações e sofrimentos, nós participamos do único sacrifício redentor de Cristo, completando em nós o que falta das tribulações de Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja (Cl 1,24), na expectativa da ressurreição dos mortos”.

Nota:11

cf. **Hb 9,14:** “Muito mais o sangue de Cristo que, com um Espírito eterno, se ofereceu a Deus como vítima sem mancha! Ele purificará das obras da morte a nossa consciência, para que possamos servir ao Deus vivo”.

Nota:12

cf. **Rm 12,1:** “Irmãos, pela misericórdia de Deus, peço que vocês ofereçam os próprios corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. Esse é o culto autêntico de vocês”.

Nota:13

cf. **SC 10:** “Mas a liturgia é o cume para o qual tende toda a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de que promana sua força. Os trabalhos apostólicos visam a que todos, como filhos de Deus, pela fé e pelo batismo, se reúnam para louvar a Deus na Igreja, participar do sacrifício e da ceia do Senhor.

A liturgia também leva os fiéis a serem *unânimes na piedade*, depois de participarem dos *sacramentos pascais*, para que *na vida conservem o que receberam na fé*. A liturgia renova e aprofunda a aliança do Senhor com os homens, na eucaristia, fazendo-os arder no amor de Cristo. Dela, pois, especialmente da eucaristia, como de uma fonte, derrama-se sobre nós a graça e brota com soberana eficácia a santidade em Cristo e a glória de Deus, fim para o qual tudo tende na Igreja”.

Nota:14

cf. **Hb 3,1:** “Por isso, irmãos santos, vocês participam de um chamado que vem do céu; por isso, fixem bem a mente em Jesus, o apóstolo e sumo sacerdote da fé que nós professamos”.

Nota:15

CDC, Cân. 230, § 3: “Onde a necessidade da Igreja o aconselhar, podem também os leigos, na falta de ministros, mesmo não sendo leitores ou acólitos, suprir alguns de seus ofícios, a saber, exercer o ministério da palavra, presidir às orações litúrgicas, administrar o batismo e distribuir a sagrada Comunhão, de acordo com as prescrições do direito”.

Nota:16

cf. **IGMR, 65-66:** “65. O acólito é instituído para servir ao altar e auxiliar o sacerdote e o diácono. Compete-lhe principalmente preparar o altar e os vasos sagrados, bem como distribuir aos fiéis a Eucaristia, da qual é ministro extraordinário.

66. O leitor é instituído para proferir as leituras da Sagrada Escritura, exceto o Evangelho. Pode igualmente propor as intenções para a oração dos fiéis e, faltando o salmista, recitar o salmo entre as leituras.

O leitor, possui na celebração eucarística uma função própria, que ele mesmo deve desempenhar, ainda que estejam presentes ministros de ordem superior.

Para que os fiéis, ao ouvirem as leituras divinas, concebam no coração um suave e vivo afeto pelas Sagradas Escrituras, é necessário que os leitores, mesmo que não tenham sido instituídos para isso, sejam realmente capazes de desempenhá-la e se preparem cuidadosamente”.

Nota:17

LG 10-12: “10. O Cristo Senhor, constituído pontífice dentre os homens (cf. Hb 5, 1-5) fez do novo povo um reino de sacerdotes para Deus, seu Pai (Ap 1, 6; cf. 5, 9-10). Os batizados são consagrados pela regeneração e pela unção do Espírito Santo. Todas as ações dos cristãos são como hóstias oferecidas: proclamam a força daquele que nos libertou das trevas para vivermos na sua luz admirável (cf. 1Pd 2, 4-10). Sendo assim, todos os discípulos de Cristo se oferecem como hóstia viva, santa e agradável a Deus (cf. At 2, 42-47), testemunham Cristo em toda parte e a todos que procuram dão a razão de sua esperança na vida eterna (cf. 1Pd 3, 15).

Há uma diferença de essência e não apenas de grau entre o sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico. Contudo, ambos participam a seu modo do mesmo sacerdócio de Cristo e mantêm, por isso, estreita relação entre si. O sacerdócio ministerial, em virtude do poder sagrado que o caracteriza, visa à formação e governo do povo sacerdotal, realiza o sacrifício eucarístico em nome de Cristo e o oferece, em nome do povo. Os fiéis por sua vez, em virtude de seu sacerdócio régio, tomam parte na oblação eucarística. Exercem contudo seu sacerdócio na recepção dos sacramentos, na oração e na ação de graças, no testemunho da vida santa, na abnegação e na prática da caridade.

11. A índole sagrada e a constituição orgânica da comunidade sacerdotal se efetivam nos sacramentos e na prática cristã. Incorporados à Igreja pelo batismo, os fiéis recebem o caráter que os qualifica para o culto. Por outro lado, renascidos como filhos de Deus, devem professar a fé que receberam de Deus, por intermédio da Igreja.

O sacramento da confirmação os vincula ainda mais intimamente à Igreja e lhes confere de modo especial a força do Espírito Santo. Daí a obrigação maior de difundir e defender a fé, pela palavra e pelas obras, como verdadeiras testemunhas de Cristo.

Participando do sacrifício eucarístico, fonte e ápice de toda a vida cristã, os fiéis oferecem a Deus a vítima divina e se oferecem com ela. Juntamente com os ministros, cada um a seu modo, têm todos um papel específico a desempenhar na ação litúrgica, tanto na oblação como na comunhão. Alimentando-se todos com o corpo de Cristo, demonstram de maneira concreta a unidade do povo de Deus, proclamada e realizada pelo sacramento da eucaristia.

Os fiéis que procuram o sacramento da penitência obtêm da misericórdia de Deus o perdão da ofensa que lhe fizeram. Ao mesmo tempo, reconciliam-se com a Igreja, que ofenderam ao pecar e que contribuíram para sua conversão pelo amor, pelo exemplo e pelas orações.

Pela sagrada unção dos enfermos e pela oração dos sacerdotes, a Igreja inteira recomenda os doentes ao Senhor, para seu alívio e salvação (cf. Tg 5, 14). Exorta-os a se unirem livremente à paixão e à morte de Cristo (cf. Rm 8, 17; Cl 1, 24; 2Tm 2, 11-12; 1Pd 4, 13), dando assim sua contribuição para o bem do povo de Deus.

Os fiéis marcados pelo sacramento da ordem são igualmente constituídos, em nome de Cristo, para conduzir a Igreja pela palavra e pela graça de Deus.

Finalmente os fiéis se dão o sacramento do matrimônio, manifestação e participação da unidade e do amor fecundo entre Cristo e sua Igreja (cf. Ef 5, 32). Ajudam-se mutuamente a se santificar na vida conjugal, no acolhimento e na educação dos filhos. Contam, por isso, com um dom específico e um lugar próprio ao seu estado de vida, no povo de Deus. A família procede dessa união. Nela nascem os novos membros da sociedade humana que, batizados, se tornarão filhos de Deus pela graça do Espírito Santo e perpetuarão o povo de Deus através dos séculos. A família é uma espécie de Igreja doméstica. Os pais são os primeiros anunciadores da fé e devem cuidar da vocação própria de cada um dos filhos, especialmente da vocação sagrada.

Todos os fiéis, de qualquer estado ou condição, de acordo com o caminho que lhes é próprio, são chamados pelo Senhor à perfeição da santidade, que é a própria perfeição de Deus e, por isso, dispõem de tais e de tantos meios.

12. O povo santo de Deus participa da função profética de Cristo. Dá o testemunho vivo de Cristo, especialmente pela vida de fé e de amor, e oferece a Deus a hóstia de louvor como fruto dos lábios que exaltam o seu nome (cf. Hb 13, 15). O conjunto dos fiéis ungidos pelo Espírito Santo (cf. 1Jo 2, 20.27) não pode errar na fé. Esta sua propriedade peculiar se manifesta pelo senso sobrenatural da fé, comum a todo o povo, desde os bispos até o último fiel leigo, demonstrado no acolhimento universal a tudo o que diz respeito à fé e aos costumes. O senso da fé é despertado e sustentado pelo Espírito de verdade. Graças a este senso, o povo de Deus, seguindo fielmente o magistério sagrado, não obedece a uma palavra humana, mas à palavra de Deus (cf. 1Ts 2, 13) transmitida aos fiéis de uma vez por todas (Jd 3). A ela adere firmemente, entende-a em profundidade e a aplica melhor à própria vida.

Mas não é só pelos sacramentos e pelos ministérios que o Espírito Santo santifica, dirige e fortalece o povo de Deus. Distribuindo os seus dons a cada um, conforme quer (1Cor 12, 11), o Espírito Santo distribui graças especiais aos fiéis das mais variadas condições, tornando-os aptos e dispostos a assumir os trabalhos e funções úteis à renovação e ao maior desenvolvimento da Igreja, de acordo com o que está escrito: Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito, para utilidade de todos (1Cor 12, 7). Todos esses carismas, dos mais extraordinários aos mais simples e mais difundidos devem ser acolhidos com ação de graças e satisfação, pois correspondem às necessidades da Igreja e lhe são úteis. Não se deve porém cobiçar temerariamente os dons extraordinários nem esperar deles, com presunção, frutos significativos nos trabalhos apostólicos. A apreciação sobre os dons e seu exercício ordenado no seio da Igreja pertence aos que a presidem, que têm especial mandato de não abafar o Espírito, mas tudo provar e reter o que é bom (cf. 1Ts 5, 12.19-21)".

AA 2: "A Igreja nasceu para estender o reinado de Cristo a toda parte, em vista da glória de Deus Pai e de virem a se tornar, todos os seres humanos, participantes efetivos da redenção salvadora contribuindo assim para que o mundo inteiro se volte para Cristo. Toda a atividade do corpo místico ordenada para esse fim merece o nome de apostolado. A Igreja o exerce de inúmeras formas, por intermédio de todos os seus membros. A vocação cristã é vocação ao apostolado. Assim como no corpo vivo nenhum membro fica inteiramente passivo, mas participa da vida e da ação de todo o corpo, no corpo de Cristo, a Igreja, o corpo inteiro cresce, através da rede de articulações, que são os membros (Ef 4, 16). Neste corpo a junção entre os membros e sua união é de tal natureza, que o membro que não contribui segundo sua capacidade para o crescimento do corpo não vale nada nem para si mesmo nem para a Igreja.

Na Igreja, há diversidade de ministérios, mas unidade de missão. Cristo outorgou aos apóstolos e seus sucessores o poder de ensinar, santificar e governar em seu nome. Os leigos, também participantes das funções sacerdotal, profética e real de Cristo, cumprem seu papel na missão de todo o povo de Deus na Igreja e no mundo. Exercem um verdadeiro apostolado ao atuar em vista da evangelização e da santificação dos seres humanos ou quando se esforçam por imbuir do espírito do Evangelho as coisas temporais, contribuindo para seu pleno desenvolvimento. Sua ação dá assim testemunho inequívoco de Cristo e aproveita à salvação de todos. Sendo próprio dos leigos viver no meio do mundo e dos afazeres humanos, Deus os chama a exercer aí seu apostolado, no fervor do espírito cristão, como fermento do mundo".

AG 21: "A Igreja só está verdadeiramente fundada, só alcança a plenitude de sua vida e só constitui um sinal adequado de Cristo no meio dos seres humanos, quando, juntamente com a hierarquia, compõe-se de um laicato verdadeiro e ativo. O Evangelho não penetra em profundidade nas pessoas nem na vida e na atividade de um povo senão por intermédio da presença ativa dos leigos. Por isso é preciso pensar em constituir logo um laicato cristão maduro, desde a implantação da Igreja.

Os fiéis leigos pertencem ao mesmo tempo ao povo de Deus e à sociedade civil. Pertencem ao povo em que nasceram, pela educação recebida, tornaram-se participantes de seus tesouros culturais, a eles estão ligados por uma série de vínculos sociais, envidam os mesmos esforços para progredir, dedicam-se às mesmas profissões, enfrentam os mesmos problemas, que, juntos, se esforçam por resolver. Mas pertencem também a Cristo, por cuja fé e batismo foram regenerados na Igreja, para que sejam de Cristo por suas obras a fim de que, por intermédio de Cristo, tudo venha a estar sujeito a Deus e Deus se torne tudo em todos.

O principal dever dos leigos, mulheres e homens, é dar testemunho de Cristo, pela vida e pela palavra, no grupo social em que vivem e na esfera de sua profissão. São chamados a manifestar o novo homem criado por Deus em santidade e verdade, no âmbito da sociedade em que vivem e de sua pátria, de acordo com as suas tradições nacionais. Devem primar pelo conhecimento de sua própria cultura, conservá-la e saná-la de seus limites, ajudá-la a evoluir em consonância com as exigências modernas, procurando sempre mais aperfeiçoá-la, a fim de que a fé em Cristo e a vida da Igreja deixem de ser estranhas à sociedade em que vivem, mas comecem a compenetrá-la e a transformá-la.

Estejam unidos a seus cidadãos por uma caridade sincera, para que se lhes torne manifesto o novo laço de unidade e de amor universal, haurido na participação do mistério de Cristo. Difundam a fé de Cristo entre aqueles a que estão unidos pelos laços da vida e da profissão. Obrigação tanto mais urgente quanto um grande número de pessoas não pode ouvir o Evangelho e reconhecer a Cristo senão por intermédio dos que lhe são mais próximos. Onde for possível, sejam os leigos preparados para colaborar com a missão mais específica da hierarquia de anunciar o Evangelho e comunicar a doutrina cristã para contínuo fortalecimento da Igreja.

Que os ministros da Igreja valorizem ao máximo o apostolado leigo. Cuidem de sua formação como membros de Cristo, que devem ter consciência de sua responsabilidade em relação a todos os seres humanos. Seja-lhes comunicado o mistério de Cristo em toda sua profundidade. Sejam iniciados na metodologia prática cristã e assistidos em suas dificuldades, de acordo com a constituição conciliar sobre a Igreja e o decreto a respeito do apostolado dos leigos.

Respeitadas as funções e responsabilidades próprias, tanto dos pastores como dos fiéis, a nova Igreja dará um consistente testemunho de Cristo, tornando-se sinal luminoso dos dons com que ele nos cumulou a todos".

IGMR, 58: "Na assembléia reunida para a Missa, cada um tem o direito e o dever de contribuir com a sua participação, de modo diferente segundo a diversidade de função e de ofício. Por isso todos, ministros ou fiéis, no desempenho de sua função, façam tudo e só aquilo que lhes compete, de tal sorte que, pela própria organização da celebração, a Igreja apareça tal como é constituída em suas diversas funções e ministérios".

Nota:18

cf. **SC 30:** "Para promover a participação ativa do povo, recorram-se a aclamações, respostas, salmodia, antífonas, cânticos, assim como a gestos ou atitudes corporais. Nos momentos devidos, porém, guarde-se o silêncio sagrado".

Nota:19

cf. **SC 7:** "Para realizar tal obra, Cristo está sempre presente à sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas. Presente ao sacrifício da missa, na pessoa do ministro, *pois quem o oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que então se ofereceu na cruz*, mas, especialmente presente sob as espécies eucarísticas. Presente, com sua força, nos sacramentos, pois, quando alguém batiza é o próprio Cristo que batiza. Presente por sua palavra, pois é ele quem fala quando se lê a Escritura na Igreja. Presente, enfim, na oração e no canto da Igreja, como prometeu *estar no meio dos dois ou três que se reunissem em seu nome* (Mt 18, 20).

Cristo age sempre e tão intimamente unido à Igreja, sua esposa amada, que esta glorifica perfeitamente a Deus e santifica os homens, ao invocar seu Senhor e, por seu intermédio, prestar culto ao eterno Pai. Com razão se considera a liturgia o exercício do sacerdócio de Cristo, em que se manifesta por sinais e se realiza a seu modo a santificação dos seres humanos, ao mesmo tempo que o corpo místico de Cristo presta culto público perfeito à sua cabeça.

Toda celebração litúrgica, pois, como obra de Cristo sacerdote e de seu corpo, a Igreja, é ação sagrada num sentido único, não igualado em eficácia nem grau por nenhuma outra ação da Igreja".

Nota:20

cf. **Puebla 917:** "O Pai, por Cristo e no Espírito, santifica a Igreja e, por ela, o mundo; mundo e Igreja por sua vez, por Cristo e no Espírito, dão glória ao Pai".

Nota:21

cf. **Puebla 894:** "A comunidade que, na liturgia, celebra alegremente a Páscoa do Senhor, tem o compromisso de dar testemunho, de catequizar, educar e comunicar a Boa Nova por todos os meios a seu alcance.

Sente outrossim a necessidade de entrar em comunhão e diálogo com os homens do nosso Continente que buscam a verdade".

Nota:22

cf. **Jo 10,10:** "O ladrão só vem para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância".

Is 44,23: "Céus, gritem de alegria, porque Javé agiu; exultem, profundeza da terra; gritem de alegria, montanhas, junto com a floresta e todas as suas árvores, porque Javé redimiu Jacó e demonstrou seu poder em Israel".

Nota:23

cf. **Rm 8,26:** "Do mesmo modo, também o Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza, pois nem sabemos o que convém pedir; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis".

Nota:24

cf. **Lc 7,47**: “Por essa razão, eu declaro a você: os muitos pecados que ela cometeu estão perdoados, porque ela demonstrou muito amor. Aquele a quem foi perdoado pouco, demonstra pouco amor”.

Nota:25

cf. **Cl 1,24**: “Agora eu me alegro de sofrer por vocês, pois vou completando em minha carne o que falta nas tribulações de Cristo, a favor do seu corpo, que é a Igreja”.

Nota:26

cf. **SC 8**: “Na liturgia da terra, participamos, e, de certa maneira, antecipamos a liturgia do céu, que se celebra na cidade santa, a Jerusalém para a qual caminhamos, em que Cristo, sentado à direita do Pai, é como que o ministro das coisas santas e do verdadeiro tabernáculo. Juntamente com todos os anjos do céu, cantamos um hino de glória ao Senhor. Celebrando a memória dos santos, esperamos participar um dia de seu convívio. Vivemos na expectativa do salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo, até o dia em que se tornar manifesta a nossa vida e tomarmos parte, com ele, em sua glória.”

Nota:27

cf. **Lv 26,12**: “Eu caminharei com vocês. Serei o Deus de vocês, e vocês serão o meu povo”.

Nota:28

cf. II Parte : “Orientações pastorais sobre a celebração eucarística:

197. Tendo em mente o que vimos na I PARTE, vamos agora considerar apenas a *missa dominical celebrada com o povo*. Esta é a forma de celebração denominada “típica” pela *Instrução Geral sobre o Missal Romano* (cf. nº 77-78). Eventualmente, pela escassez de padres, pode acontecer, especialmente em ambientes rurais, que esta forma, infelizmente, só deva realizar-se em dias de semana.

198. Estas celebrações da comunidade reunida para a Ceia no Dia do Senhor, embora tenham uma unidade fundamental, são muito diferentes, dependendo do lugar e dos grupos de pessoas. Não é o mesmo celebrar no centro da cidade ou na periferia, na capela rural ou numa catedral, com muitos fiéis ou poucas pessoas numa CEB. O mesmo se pode dizer de celebrações no Norte, Nordeste, ou no Extremo Sul. Não se pode deixar de levar em consideração estas particularidades, em consequência do princípio: o sujeito da celebração é a Igreja reunida em assembléia, com suas particularidades próprias.

199. É com profundo respeito por esta diversidade da Igreja reunida para a celebração que foram elaboradas as orientações que se seguem. Elas hão de contribuir para uma celebração mais ativa, consciente e frutuosa da missa na Igreja no Brasil, que quer dar novo ânimo à vida litúrgica.

200. Estas orientações pastorais não substituem a *Instrução Geral sobre o Missal Romano* e demais diretrizes dos Dicastérios Romanos ou as orientações do Episcopado. Querem, apenas, sublinhar alguns pontos que parecem mais importantes, interpretando-os à luz da realidade do nosso povo, simples e sedento da Palavra.

201. Queremos incentivar as comunidades a valorizar ainda mais a celebração da missa e encorajar pastores e Equipes de Pastoral Litúrgica a prosseguirem no esforço de tornar mais evidentes suas riquezas. A celebração da Ceia do Senhor é, de fato, o grande momento da ação do Espírito Santo sobre a comunidade. Nela se realiza o verdadeiro encontro celebrativo de irmãos, num momento comunitário, festivo, participativo e orante, que brota do chão da vida, ao mesmo tempo, ponto de partida e de chegada da vida cristã.

202. Primeiramente se trata de alguns elementos que dizem respeito à missa em geral, mas do ponto de vista pastoral, complementando as considerações da I PARTE. Em seguida, se abordam, pormenorizadamente, as diversas partes da missa.

A. A celebração da eucaristia

1. Celebração da Eucaristia e Comunidade

203. Ser cristão é fundamentalmente, pelo Batismo, seguir o caminho de Cristo na vida e entrar como Igreja na caminhada pascal do Senhor. A celebração da missa, como toda celebração, é sempre tempo especial, que os batizados tomam para fazer o memorial da ação de Deus em favor de seu povo: o que Deus fez ontem, faz hoje e fará sempre. A vida antecede e sucede à celebração, porque celebrar é um momento de nossa vida, mas diferente da labuta cotidiana. Existência cristã e celebração estão intimamente relacionadas, pois a vida precisa de momentos de celebração para ser vivida em Cristo.

204. Com frequência, porém, no Brasil como em outras partes, sente-se um anseio para que a relação entre Liturgia e vida apareça melhor na celebração. Ora, na Eucaristia-Páscoa do Senhor, é onde a vida se articula mais com a celebração; pois a missa é que melhor celebra a Morte e Ressurreição de Cristo, acontecimento fundante não só da Liturgia, mas de toda a História.

205. Celebrar o mistério de Cristo é celebrar Cristo em nossa vida e a nossa vida em Cristo. À luz do mistério pascal, a caminhada do continente latino-americano, marcado pelo mal e em busca de uma libertação integral, deve ser interpretada como processo pascal. Portanto, não é alheia à celebração.

206. As comunidades, na sua caminhada, saberão como integrar Liturgia e vida. A tradição litúrgica da Igreja lhes apontará outros dois caminhos: a aculturação e a integração dos acontecimentos na celebração.

207. A fidelidade à linguagem litúrgica nos dará segurança no aproveitamento desse terreno novo. Sobretudo na missa, forma mais freqüente e mais freqüentada de Liturgia, deve transparecer prevalentemente a ação e não só longa comunicação verbal. Uma leitura dramatizada, uma procissão em ritmo de dança estão nessa perspectiva.

A missa, que sempre comportou os elementos visuais que ajudam a oração, pode hoje beneficiar-se com os modernos recursos, como slides, posters, vídeos e retro-projetores.

208. A recomendação para dar não só valor, mas “grande valor” ao canto e à música nos leva a insistir neste particular.

Fundamental é que a assembléia se expresse a seu modo e por isso, ela escolha e até, sem excluir outros, componha seus próprios cantos. Para que o povo tenha formação para isso e produza letra e música adequadas à missa e outras celebrações, é preciso educá-lo. Um subsídio, por exemplo, é o hinário publicado pela CNBB.

209. Além disso, é necessário ampliar a área do canto, hoje ainda um tanto restrita em nosso meio. A Oração eucarística, nas partes permitidas ou ao menos o Prefácio e a narração da Instituição; as leituras ou a sua conclusão são um campo quase inexplorado ainda. E as aclamações, pelo seu valor de diálogo, comunicação e participação dos fiéis, devem ter mais incentivo e ser mais variadas: cantos, palmas ou vivas.

210. Os instrumentos musicais disponíveis em cada região podem ser admitidos no culto divino a juízo e com o consentimento do Bispo Diocesano contanto que sejam adequados ao uso litúrgico ou possam a ele se adaptar, condigam com a dignidade do templo e favoreçam realmente a edificação dos fiéis.

2. Preparação da Celebração da Eucaristia

211. Todas as recomendações e perspectivas acima lembradas exigem que a missa não seja uma celebração improvisada ou rotineira, mas preparada com esmero.

212. A missa renovada pelo Vaticano II é “ação de Cristo e do Povo de Deus hierarquicamente organizado”, reunido em assembléia, onde cada um tem o direito e o dever de participar segundo a diversidade de ministérios, funções e ofícios.

213. Mas não basta a mera distribuição de tarefas ou a simples escolha de cantos, como muitas vezes ocorre, fazendo o povo ser apenas executor de funções e não verdadeiro agente da ação litúrgica.

214. Por isso, é necessário envolver a comunidade de modo mais amplo e mais ativo, por exemplo, na seleção e ensaio dos cantos e na preparação prévia das leituras bíblicas: na escolha de gestos e ritos expressivos, conforme seus costumes, bem como possa sugerir pistas para monições e introduções. Pode ainda colaborar na escolha do rito penitencial, com eventuais questionamentos ou invocações, propondo intenções para a Oração dos fiéis, e até sugestões para a homília.

215. Sobre tudo nesta busca de uma missa sempre bem preparada, é indispensável ter uma Equipe estável de Pastoral Litúrgica, distinta eventualmente de Equipes de Celebração. Não há evidentemente normas quanto a constituição e ao funcionamento de uma Equipe de Pastoral Litúrgica. As experiências das comunidades são importantes neste ponto. Assim a Equipe de Pastoral Litúrgica é aquela que, de modo estável, se preocupa com a vida litúrgica da comunidade local, que celebra não somente a Eucaristia, mas também os outros sacramentos e sacramentais.

216. A Equipe há de reunir pessoas que tenham dom e capacidade ou que já exerçam ou gostariam de exercer funções específicas na celebração. O ideal é que ela reflita a assembléia na sua diversificação de idades, sensibilidades e engajamentos nas diversas dimensões da pastoral da Igreja. A renovação periódica dos seus membros, para evitar monopólios, cansaço, rotina e permitir efetivamente a participação da comunidade, é muito importante.

217. Quanto às Equipes de Celebração, além de estarem abertas à participação para um número maior e mais variável de pessoas, podem ser constituídas por grupos definidos, sob a orientação da Equipe de Pastoral Litúrgica. A Paróquia terá então a equipe dos jovens, dos casais, das catequistas, do quartelão, do bairro ou do movimento, que vão se revezando na animação das missas e dos sacramentos.

218. O padre participará o mais possível da preparação. De qualquer forma, antes da celebração, por exemplo, através de uma folha-roteiro e de um breve encontro, o sacerdote e cada um dos que irão exercer uma função particular, saibam quais os textos, cantos, ritos, orações que lhes competem, “pois a boa ordenação da celebração é importante para a participação de todos”.

219. Haverá certamente muitas maneiras de se preparar uma celebração. Indicamos uma, ao lado de outras possíveis:

220. *1º Passo:* situar a celebração no Tempo litúrgico e na vida da comunidade.

1) *Situar a celebração no Tempo litúrgico:* ver o Domingo e o Tempo litúrgico. Por exemplo: IV Domingo da Páscoa, Evangelho do Bom Pastor. No início de um novo Tempo litúrgico será útil aprofundar o sentido do Tempo, discutir algumas características próprias que darão um estilo à sua celebração. Não se celebra do mesmo jeito na Quaresma ou no Tempo pascal.

221. 2) *Situar a celebração na vida da comunidade:* auscultar os acontecimentos que marcam a vida de nossa comunidade que passaram ou que vêm: sociais, religiosos; do dia-a-dia, da comunidade, da região; nacionais, internacionais... Para enraizar a celebração no chão da vida, na história onde nos atinge o mistério de Cristo que celebramos, é bom ver a realidade que marca as nossas vidas.

222. 3) *Ver outros acontecimentos que marcam a celebração:* por exemplo, uma data especial, dia da Bíblia, mês de maio, dia das mães, aniversário do pároco e outros já citados, marcarão a oração dos fiéis, o rito penitencial, a homília.

223. 4) *Ver com quem se vai celebrar:* o conhecimento da assembléia com suas características próprias, sem esquecer os grupos minoritários, é importante, também, para situar a celebração no tempo e na história.

224. *2º Passo:* Aprofundar as leituras.

Neste segundo passo da preparação lêem-se os textos bíblicos à luz dos acontecimentos da vida e do mistério celebrado (1º passo). Convém iniciar pelo Evangelho que é a leitura principal do mistério de Cristo celebrado; e, a seguir, a 1ª leitura, o salmo responsorial e a 2ª leitura.

225. Opera-se, então, o confronto entre a Palavra de Deus e a vida ajudado pelas perguntas: o que dizem as leituras? o que significam para a nossa vida? como podem orientar o nosso agir? quais os desafios de nossa realidade hoje? como a palavra de Deus ilumina nossa realidade? como ligamos a Palavra com o mistério celebrado?

226. *3º Passo:* Exercício de criatividade.

À luz dos passos anteriores – vida da comunidade, Tempo litúrgico, Palavra de Deus – procura-se, num exercício de criatividade, fazer surgir idéias, mesmo sem ordem, à maneira de uma tempestade mental. Selecionar depois as idéias a respeito de ritos, símbolos, cantos, para os ritos da entrada, o ato penitencial, o gesto da paz, a proclamação das leituras etc.

227. *4º Passo:* Elaborar o roteiro da celebração, levando em conta os passos anteriores.

Define-se primeiramente o tom da celebração, isto é, o estilo global que convém a uma missa de Páscoa, ou de 7º Dia, ou com crianças... A seguir, passando em revista as diversas partes da missa, escolhem-se os cantos, os ritos etc., para cada momento da mesma, registrando tudo numa folha-roteiro, que servirá de guia para os diversos ministros.

228. Aí também se distribuem as tarefas e os serviços; anotam-se coisas a fazer antes da celebração, como cartazes decoração, ensaios etc; e também o que deve ser feito durante a celebração: não só o que fazer, mas quem o faz e quando.

B. As partes da celebração eucarística

229. A missa compõe-se das seguintes partes: A) Ritos iniciais; B) Liturgia da Palavra; C) Liturgia Eucarística; D) Rito de Encerramento. É importante que saibamos reconhecer estas diversas partes, que formam a espinha dorsal da celebração, pois é no interior deste esquema fundamental que serão feitas as escolhas que visam a eficácia pastoral.

230. Ao considerar as diversas partes da celebração, sublinhamos apenas aquelas que parecem mais importantes nas circunstâncias pastorais diversificadas da Igreja no Brasil, à luz da caminhada de 25 anos de celebração da Eucaristia, desde o Vaticano II.

1. Ritos iniciais da missa: formar assembléia, “entrar no clima da celebração”.

231. O ESQUEMA RITUAL

Canto de abertura

Sinal da Cruz, Saudação, Acolhida

Ato penitencial

Hino “Glória a Deus”

Oração do dia

AMÉM

232. As partes que precedem a Liturgia da Palavra, isto é, introdução eventual à celebração pelo(a) animador(a), “entrada dos ministros, saudação, ato penitencial, Senhor, tende piedade, Glória e Oração do dia (Coleta) têm caráter de exórdio, introdução, preparação”. Por isso mesmo tem grande importância para uma boa celebração.

233. “Esses ritos têm por finalidade fazer com que os fiéis reunidos constituam a comunidade celebrante, se disponham a ouvir atentamente a Palavra de Deus e celebrar dignamente a Eucaristia”.

234. Para suscitar estas disposições poderá ser oportuno, sempre segundo as circunstâncias locais, desenvolver ou sublinhar mais um ou outro elemento inicial, evitando acentuar tudo ao mesmo tempo.

235. O *Diretório para missas com crianças* prevê, para evitar a dispersão, que se possa “omitir um ou outro elemento do rito inicial”, exceto a Oração do dia (Coleta) e sem que nenhum seja sempre desprezado.

236. Em certas circunstâncias tradicionais, o Missal Romano prevê também a omissão parcial ou total dos ritos iniciais, excetuada a Oração do dia, quando outros ritos precedem e integram a liturgia do dia, por exemplo, no Domingo de Ramos e da Paixão e na Apresentação do Senhor, após a procissão. Nestes casos, os ritos de bênção e procissão desempenharão também a função dos ritos iniciais, que é a de constituir a assembléia, bastando a Oração do dia e o Glória, quando previsto. O mesmo poderá dar-se, se oportuno, em certas circunstâncias de nossas comunidades, por exemplo, na Festa do Padroeiro ou encerramento do mês de Maio etc., quando a missa segue imediatamente a procissão solene. Também no caso de integração da Liturgia das Horas com a missa, há substituição de ritos iniciais. Nunca há de faltar, no entanto, a Oração do dia (Coleta), que é a mais tradicional forma de abertura de uma celebração.

Entrada

237. Nossas celebrações costumam ser precedidas por breves palavras iniciais do(a) animador(a). Mais do que uma exortação ou de uma introdução temática, é preferível situar a celebração deste Domingo particular no contexto do Tempo litúrgico e das circunstâncias concretas da vida da comunidade; evocar algumas grandes intenções subjacentes à oração, suscitar atitudes de oração e convidar ao início da celebração com o canto da entrada.

238. Enquanto o sacerdote entra com os demais ministros, a assembléia é convidada a levantar-se, para dar início à celebração com o canto da entrada.

A finalidade deste canto é justamente dar início à celebração, criar o clima que vai promover a união orante da comunidade e introduzir no mistério do Tempo litúrgico ou da festa. Por isso, pode ser útil prolongar o tempo deste primeiro canto, para que atinja a sua finalidade.

239. Este canto de abertura acompanha também a entrada do sacerdote e dos ministros. Onde for possível, é conveniente valorizar uma verdadeira procissão de entrada do sacerdote e dos demais ministros, que prestarão um serviço específico na celebração: acólitos, ministros extraordinários da Comunhão, leitores e outros ministros, como, por exemplo, os que vão ler as intenções da Oração dos fiéis, os que vão trazer as oferendas, eventualmente, cantores etc. Estes ministros, oportunamente, tomarão lugar no presbitério.

240. Há possibilidade de uma grande variedade nesta procissão. O Missal Romano prevê, se oportuno, o uso de cruz processional acompanhada de velas acesas, turíbulo já aceso, livro dos Evangelhos ou Lecionário. Outras circunstâncias poderão sugerir novos elementos como círio pascal, água benta, bandeira do padroeiro numa festa de santo, ramos, cartazes com dizeres, participação de representantes da comunidade (adultos, jovens, crianças).

241. A introdução da dança litúrgica na procissão de entrada, onde for conveniente e a juízo e consentimento do Bispo Diocesano, poderá ser de grande proveito para criar o clima de celebração festiva da fé.

242. Não havendo nenhuma possibilidade de procissão de entrada, como ocorre frequentemente em capelas com muita gente, o sacerdote poderá fazer primeiramente a saudação, para convidar, em seguida, o povo a cantar o canto inicial.

243. Para saudar o povo reunido, expressando a presença do Senhor nele e o mistério da Igreja, o sacerdote é convidado a usar uma fórmula ritual de inspiração bíblica à qual o povo responde com uma fórmula conhecida e sempre a mesma.

Eventualmente, a saudação ritual ganhará mais significado se for cantada.

244. É desejável que após esta saudação ritual haja uma palavra mais espontânea de introdução do sacerdote ou de outro ministro idôneo.

Uma sadia criatividade saberá desenvolver com fruto diversas inovações possíveis como: saudação espontânea aos presentes, em particular aos visitantes ou novos membros da comunidade que se apresentam; a categorias específicas, conforme as circunstâncias (jovens, casais, mães etc.), seguida eventualmente por um breve canto de boas vindas. A motivação para a celebração pode incluir intenções da assembléia, ou acontecimentos a comemorar à luz do mistério pascal. Oportunamente, gestos da assembléia poderão intervir, por exemplo, acolher-se mutuamente através de saudações aos vizinhos, bater palmas, dar vivas em honra do Cristo Ressuscitado, a Nossa Senhora, ao Padroeiro(a) em dia de festa etc.

245. Em tudo isso, trata-se de ajudar a criar um ambiente acolhedor, fraterno e formar uma verdadeira comunhão na fé, usando de discernimento e variedade, conforme as circunstâncias do Tempo litúrgico, de lugar e de cultura.

Ato penitencial

246. "Em seguida, o sacerdote convida ao ato penitencial, realizado então por toda a comunidade, por uma confissão geral, sendo concluído com a absolvição geral".

247. Geralmente, entre nós, o ato penitencial é um momento importante da celebração, valorizado por uma sadia criatividade. Muito bem acolhido em nossas comunidades, tem como função preparar a assembléia para "ouvir a Palavra de Deus e celebrar dignamente os santos mistérios".

248. Além de celebrar a misericórdia divina, duas atitudes básicas podem ser sublinhadas: o reconhecer-se pecador, culpado e necessitado de purificação, na atitude do publicano descrita em Lucas 18,9-14, e o reconhecer-se pecador como expressão de "temor" diante da experiência do Deus Santo e Misericordioso, a exemplo de Pedro, conforme Lucas 5,8 e Isaías 6,1-7. De acordo com as circunstâncias, pode-se acentuar um ou outro aspecto.

249. O Missal Romano prevê o seguinte esquema:

Introdução do rito pelo sacerdote
momento de silêncio
fórmulas várias para reconhecer-se pecador:
a) Confesso a Deus (Ato de contrição)
b) Versículos: Tende compaixão...
c) Forma litânica: invocação à escolha e resposta:
Senhor, tende piedade...
Conclusão: absolvição geral

250. Temos, pois, os seguintes elementos: a) introdução pelo sacerdote; b) parte central do rito, que permite a intervenção de outros ministros que não sejam o sacerdote; c) conclusão com a absolvição geral, onde o sacerdote também se inclui para deixar claro que não se trata do sacramento da Penitência.

Todo o rito, por sua vez, pode ser substituído pelo Rito da Bênção e Aspersão da água.

O ponto central do rito comporta, além de um tempo de silêncio, fórmulas diversas de reconhecer-se pecador: 1) Ato de contrição (Confesso a Deus); 2) Versículos: Tende compaixão...; 3º Forma litânica com invocações à escolha e resposta: Senhor, tende piedade de nós.

251. Este esquema, respeitando o espírito da variedade, poderá ser usado com grande flexibilidade. Um ministro que não seja o sacerdote poderá orientar o momento de silêncio com um exame de consciência para cada um olhar a sua vida e deixar que Deus olhe o seu coração ou orientar as invocações livres do "Senhor, tende piedade".

252. Existe a possibilidade de o rito penitencial integrar ou ser complementado por cantos populares de caráter penitencial, refrões variados, atitudes corporais (inclinarse, ajoelhar-se, erguer as mãos em súplica, bater no peito, fechar os olhos, colocar a mão no coração etc.), símbolos (objetos ou gestos), bem como de elementos visuais (cartazes, slides...) que se julgarem mais aptos para externar os sentimentos de penitência e de conversão.

253. Os tempos penitenciais como a Quaresma e outros, quando não se canta o Glória, serão mais propícios para um rito penitencial mais desenvolvido, de acordo com a pedagogia do Ano litúrgico, permitindo assim maior variedade.

254. Embora se deva educar a consciência moral, cuidar-se-á para não se cair nem no perigo do moralismo nem no de acusação aos outros nem ainda no psicologismo aético; devem ser valorizadas sobretudo as dimensões teológicas, experienciais e libertadoras do amor de Deus e da reconciliação.

255. O rito penitencial bem realizado pode tornar-se um lugar importante para o ministério pastoral da educação ao senso do pecado pessoal, comunitário, social e do ministério da reconciliação de toda a Igreja, que encontra o seu ápice de sacramentalidade no Batismo e na Penitência.

Kyrie eleison – Senhor, tende piedade

256. De vez em quando convém valorizar o "Senhor, tende piedade" em si, sem ser integrado no rito penitencial, como "canto em que os fiéis aclamam o Senhor e imploram a sua misericórdia", a sua atenção. É uma aclamação pela qual podemos louvar o Senhor Jesus pelo perdão, por "olhar por nós" na sua misericórdia.

Glória

257. O Glória é um hino antiquíssimo e venerável, pelo qual a Igreja glorifica a Deus Pai e ao Cordeiro. Não constitui uma aclamação trinitária.

Oração do dia (Coleta)

258. "A seguir o sacerdote convida o povo a rezar; todos conservam-se em silêncio com o sacerdote por alguns instantes, tomando consciência de que estão na presença de Deus e formulando interiormente os seus pedidos".

259. Se os ritos anteriores tiveram bastante dinamismo, é fácil para o sacerdote motivar com poucas palavras o povo para uma oração silenciosa de alguns instantes. Será um verdadeiro momento de recolhimento profundo, onde se experimentará a presença de Deus que fala nos corações.

260. A oração presidencial, a seguir, rezada pelo sacerdote reassumindo em Cristo toda a oração do povo, exprime em geral a índole da celebração. O tom de voz e a maneira de rezar, o gesto de mãos abertas, que o povo, eventualmente, poderia acompanhar, uma palavra melhor explicitada, ajudarão a fazer deste momento o lugar de uma verdadeira súplica a Deus Pai, expressão de sua vida e de sua experiência religiosa.

261. A coleção das Orações do dia (Coletas), as Orações sobre as oferendas e Depois da Comunhão do Missal Romano constituem um acervo de valor teológico inestimável. Nem sempre, no entanto, a sua linguagem e conteúdo correspondem às sensibilidades culturais de nosso tempo. Por isso, na 2ª edição típica do Missal Romano a ser aprovada pela Sé Apostólica, a CNBB oferece uma tradução mais popular dessas orações dos domingos, e uma série de Orações do dia alternativas para cada um dos domingos dos Anos A, B e C, inspiradas no Evangelho do dia.

2. Liturgia da Palavra: Celebrar a Palavra

262. Resumindo, a Liturgia da Palavra da missa é constituída a) pelo anúncio da Palavra (organização das leituras, incluindo o Salmo), b) sua atualização na homilia e c) a resposta à Palavra no Creio e na Oração dos fiéis.

Deus fala seu povo reunido responde
1ª leitura
Antigo Testamento e Atos dos Apóstolos
<.....o salmo
2ª leitura
Epístolas e Apocalipse
.....> Aclamação
Evangelho
<..... Aclamação
<.....homilia.....>
Creio
Oração dos fiéis
AMÉM

A Liturgia da Palavra é um diálogo entre Deus e o seu Povo.

O desafio da Liturgia da Palavra

263. A experiência nos mostra que celebrar a Palavra de Deus não é fácil. Apesar de o nosso povo gostar da Bíblia, muitas vezes a Liturgia da Palavra aparece como uma sucessão enfadonha de leituras e comentários enfileirados um após outros; em conseqüência, cai-se facilmente no discurso catequético, moralizador, doutrinal, ideológico.

264. Além disso é difícil deixar claro que a Palavra de Deus é antes de tudo um *Eu* que se dirige ao *Tu* do seu povo reunido dialogicamente; e mais ainda, que neste diálogo a Palavra é, efetivamente, Palavra eficaz do Deus libertador que cria vida nova.

265. Mas duas experiências bem sucedidas mostram caminhos possíveis. O primeiro refere-se às CEBs ou outros grupos mais homogêneos, que conseguiram uma maior partilha da Palavra no confronto entre Bíblia e vida das comunidades ou grupos. O segundo caminho, na linha da tradição romana e mais adequado aos grandes grupos, acentua certos ritos, que não são necessários nos grupos anteriores. A Liturgia da Palavra, comporta ações simbólicas como gestos, elementos visuais, música etc.

As leituras

266. "A parte principal da Liturgia da Palavra é constituída pelas leituras da Sagrada Escritura e pelos cantos que ocorrem entre elas, sendo desenvolvida e concluída pela homilia, a profissão de fé e a oração universal ou dos fiéis".

267. As leituras podem ser introduzidas com breves palavras, aptas a prender a atenção dos ouvintes e a facilitar a compreender o texto. Nunca se substitua a proclamação da Palavra de Deus por qualquer outra leitura.

Quanto ao modo de proclamar as leituras, em textos mais longos, pode-se distribuir entre os diversos leitores, tal como para a proclamação da Paixão do Senhor na Semana Santa. Tenha-se sempre o cuidado de preparar os leitores para que possam desempenhar digna e convenientemente o seu ministério.

268. Nunca se omita a proclamação do texto bíblico, embora este possa, a seguir, ser recontado, parafraseado ou dramatizado por um ou mais dos presentes, sob a responsabilidade de quem preside.

269. "Para os domingos e solenidades estão marcadas três leituras, isto é, do Profeta, do Apóstolo e do Evangelho, que levam o povo fiel a compreender a continuidade da obra da salvação, segundo a admirável pedagogia divina. Portanto, é muito desejável que estas três leituras sejam realmente feitas;

contudo, por motivos de ordem pastoral e decisão da Conferência Episcopal, pode-se permitir em algumas regiões o uso de apenas duas leituras".

De fato, a CNBB, na XI Assembléia Geral em 1970 decidiu que, por motivos pastorais, possam ser feitas duas leituras apenas na celebração, mantendo-se sempre o texto do Evangelho. Para a escolha eventual entre as duas primeiras leituras atente-se para o maior fruto dos fiéis. "Jamais se escolha um texto unicamente por ser mais breve ou mais fácil".

270. A proclamação do Evangelho deve aparecer como ponto alto da Liturgia da Palavra. A tradição romana sempre valorizou com ritos expressivos tanto o Livro dos Evangelhos quanto a sua proclamação: Procissão do livro e canto de aclamação, persignação, incensação, leitura ou canto solene, beijo do livro, aclamações antes e depois da leitura.

271. Convém que nas nossas comunidades, conforme as circunstâncias específicas, encontremos, dentro da variedade de gestos possíveis, ritos que permitirão valorizar e realçar o próprio Livro dos Evangelhos e a sua proclamação solene. Por isso, evitar-se-á usar simples folhetos para a proclamação das leituras da Palavra de Deus.

272. Não faltarão, onde for possível, antes da proclamação do Evangelho um verdadeiro canto de aclamação e "após o Evangelho, a aclamação do povo segundo o costume da região", oportunamente cantada e acompanhada de gestos, cantos, vivas etc.

273. Poder-se-ia em certos lugares valorizar por uma procissão a busca ou entrada do Livro dos Evangelhos, a não ser que se tenha feito no início da liturgia da Palavra ou no rito da Entrada.

Salmo responsorial

274. Entre as leituras cante-se um salmo que favoreça a meditação da palavra escutada, sobretudo quando é brevemente salientada esta sua função. Este salmo responsorial, Palavra de Deus, é parte integrante da Liturgia da Palavra e seu texto acha-se diretamente ligado à respectiva leitura. Onde não for oportuno proferir o salmo do dia, sobretudo se cantado, pode-se recorrer a outro salmo adequado. Podem-se cantar refrões de caráter popular apropriados em lugar do refrão do salmo. Dar-se-á sempre preferência à escolha de um salmo em lugar de outro canto de meditação, pois importa superar aos poucos o costume de se cantar aqui outro canto religioso que não seja salmo. A missa é para os cristãos leigos quase o único lugar onde podem descobrir a riqueza inesgotável dos salmos.

Homilia

275. Diferente do sermão ou de outras formas de pregação, a homilia (que significa conversa familiar) é parte integrante da Liturgia da Palavra e, como tal, fica reservada ao sacerdote ou ao diácono. É de desejar que haja homilia também nas celebrações em dia de semana.

276. É função da homilia atualizar a Palavra de Deus, fazendo a ligação da Palavra escutada nas leituras com a vida e a celebração. É importante que se procure mostrar a realização da Palavra de Deus na própria celebração da Ceia do Senhor. A homilia procura despertar as atitudes de ação de graças, de sacrifício, de conversão e de compromisso, que encontram sua densidade sacramental máxima na Liturgia eucarística.

277. Os fiéis, congregados para formar uma Igreja pascal, a celebrar a festa do Senhor presente no meio deles, esperam muito dessa pregação e dela poderão tirar fruto abundante, contanto que ela seja simples, clara, direta e adaptada, profundamente aderente ao ensinamento evangélico e fiel ao magistério da Igreja. Para isso é necessário que a homilia seja bem preparada, relativamente curta e procure prender a atenção dos fiéis.

278. Onde for possível, convém que a homilia seja preparada em equipe com a participação de alguns cristãos leigos para que se possa levar em conta não só "o mistério celebrado, como as necessidades particulares dos ouvintes".

279. Onde for oportuno, convém que a homilia procure despertar a participação ativa da assembléia, por meio do diálogo, aclamações, gestos, refrões apropriados. Ainda, segundo as circunstâncias, o sacerdote poderá convidar os fiéis a dar depoimentos, contar fatos de vida, expressar suas reflexões, sugerir aplicações concretas da Palavra de Deus. E finalmente, fazer algumas perguntas sobre o que falaram as leituras, como elas iluminam a nossa vida; e até que ponto a celebração da Eucaristia a realiza.

280. Conforme o caso a dramatização da Palavra, discreta e permitida pela Liturgia, poderá ser excelente complementação da homilia, sobretudo nas comunidades menores e mais simples.

O Símbolo ou Profissão de fé

281. "O Símbolo ou Profissão de fé, na missa, tem por objetivo levar o povo a dar o seu assentimento e resposta à Palavra de Deus ouvida nas leituras e na homilia, bem como recordar-lhe a regra da fé antes de iniciar a celebração da Eucaristia".

282. Além do Símbolo niceno-constantinopolitano, que deveria ser usado mais freqüentemente, é muito útil para as celebrações com o povo o Símbolo dos apóstolos na sua forma direta ou, em casos especiais, na forma dialogada, como ocorre no rito do Batismo, no dia da Crisma e na Vigília Pascal. Eventualmente refrões cantados e adequados podem integrar sua recitação. É um abuso substituir o Creio por formulações que não expressam a fé como é professada nos símbolos mencionados.

Oração universal ou dos fiéis

283. A Oração dos fiéis ou Oração universal, de modo geral, tornou-se nas comunidades um momento bom, variado e de bastante participação, "onde o povo, exercendo a sua função sacerdotal, reza por toda a humanidade".

284. Na formulação das intenções, sem negligenciar a abertura para os grandes problemas e acontecimentos da Igreja universal, dar-se-á espaço para as necessidades mais sentidas pela comunidade; convém estimular a formulação de preces diretamente pelo povo, especialmente, em grupos menores. Dar-se-á oportunidade, por exemplo, na última intenção a que todos possam colocar suas intenções, rezando ao mesmo tempo em silêncio. É bom que se eduquem os fiéis sobre o sentido comunitário da oração, evitando-se intenções de caráter meramente pessoal ou em número tão elevado que prejudique o ritmo da celebração.

285. É conveniente uma maior criatividade para as respostas, que serão, oportunamente, cantadas. Ao sacerdote cabe introduzir e concluir a Oração dos fiéis.

3. Liturgia Eucarística: Celebrar a Ceia pascal

286. Celebrando o memorial do Senhor, a Igreja, na Liturgia eucarística, faz o mesmo que Cristo fez na última Ceia.

ÚLTIMA CEIA	LITURGIA EUCARÍSTICA
Ele tomou o pão...o cálice	= Preparação das oferendas
deu graças	= Oração eucarística
partiu o pão	= Fração do pão
e deu	= Comunhão

287. De fato:

1) *Tomou o pão, o cálice.* Na preparação das oferendas levam-se à mesa do altar o pão, o vinho e a água, isto é, aqueles elementos que Cristo tomou em suas mãos;

2) *Deu graças.* Na Oração eucarística rendem-se graças a Deus por toda a obra salvífica e as oferendas tornam-se Corpo e Sangue de Cristo;

3) *Partiu o pão.* Pela fração do mesmo pão manifesta-se a Unidade dos fiéis.

4) *Deu:* Pela comunhão os fiéis recebem o Corpo e o Sangue do Senhor como os apóstolos o receberam das mãos do próprio Cristo.

288. Cuidar-se-á, na catequese e na pregação para que os fiéis possam facilmente reconhecer esta estrutura fundamental da Liturgia eucarística.

3.1. Preparação das Oferendas: Ele tomou o pão, ele tomou o cálice.

289. "No início da Liturgia eucarística são levadas ao altar as oferendas, que se converterão no Corpo e Sangue de Cristo".

290. No conjunto da celebração, após a Liturgia da Palavra e antes de iniciar-se a Oração eucarística, a preparação das oferendas representa um momento de pausa, de descanso para a assembléia, um momento visual. Por isso, convém tomar o tempo necessário de maneira que a Oração eucarística, a seguir, tenha um destaque melhor, como retomada do diálogo.

291. Prepara-se a mesa condignamente e trazem-se as oferendas. Neste momento, o sacerdote pode assentar-se. É conveniente que membros da própria assembléia participem da preparação desta mesa e levem em procissão as oferendas do pão e do vinho para o sacrifício eucarístico. "Embora os fiéis já não tragam de casa, como outrora, o pão e o vinho destinados à Liturgia, o rito de levá-los ao altar conserva a mesma força e significado espiritual".

292. "Também são recebidos o dinheiro ou outros donativos oferecidos pelos fiéis para os pobres ou para a igreja ou recolhidos no recinto da mesma; serão, no entanto, colocados em lugar conveniente, fora da mesa eucarística". Onde for possível, pode ser mais expressivo que todos possam aproximar-se para depositar a sua oferta em lugar adequado. As ofertas da assembléia fazem parte da ação litúrgica. Por isso não devem ser abolidas.

293. Em certas ocasiões a procissão tornar-se-á mais expressiva se levar também para junto do altar ofertas simbólicas alusivas à comemoração realizada naquele dia ou a algum aspecto da vida da comunidade. Os cristãos, outrora, para expressar a sua participação no sacrifício eucarístico, eram muito sensíveis à oferta do pão, do vinho e de dádivas para os pobres. Hoje, uma nova sensibilidade simbólica nos faz atentos ao fato de que o pão e o vinho, que o Senhor usou na Ceia, são frutos da terra e do trabalho de homens e mulheres. Portanto, outros frutos e instrumentos do mesmo trabalho podem ser aqui apresentados.

294. O ofertório verdadeiro realiza-se na Oração eucarística, após a Narrativa da Instituição ou Consagração, no momento da oblação do Corpo e Sangue de Cristo. "Por ela a Igreja, em particular, a assembléia reunida oferece ao Pai, no Espírito Santo, a hóstia imaculada; ela deseja, porém, que os fiéis não apenas ofereçam a hóstia imaculada, mas aprendam a oferecer a si próprios, e se aperfeiçoem, cada vez mais, pela mediação de Cristo, na união com Deus e com o próximo, para que finalmente Deus seja tudo em todos".

295. A oferta apresentada na hora da apresentação das oferendas é, ao nível do simbólico, uma antecipação daquela oblação e deve significar as pessoas entregando-se a Deus através de suas ofertas "em" Cristo. Oferecer os frutos da terra e do trabalho, que de Deus recebemos, é um gesto de amor, uma maneira de reconhecer que ele é nosso Pai.

296. O canto do ofertório, se houver, acompanha a procissão das oferendas e se prolonga pelo menos até que os dons tenham sido colocados sobre o altar. O canto não deve necessariamente falar de ofertas, mas pode recordar a vida do povo de modo condizente com o ato litúrgico ou simplesmente harmonizar-se com a celebração do mistério do dia de acordo com a tradição.

297. O ofertório pode ser momento propício para valorizar gestos da assembléia. Onde expressões corporais forem bem aceitas poderão ser admitidas na procissão das ofertas.

3.2. A Oração eucarística: Ele deu graças.

298. Uma iniciação à Eucaristia ajudará a perceber que a *Oração eucarística* forma um todo, que comporta diversos elementos:

Estrutura da prece eucarística
Diálogo inicial
Prefácio – SANTO
Epiclese (invocação do Espírito Santo)
Narrativa da Instituição – Consagração
Anamnese (memorial) e Oblação
Epiclese de comunhão
Intercessões

Doxologia final AMÉM

299. Portanto esta venerável oração contém:

a) O Prefácio (no sentido aqui de proclamação pública) expressa a *ação de graças*, o *louvor a Deus* por toda a obra da salvação ou por um de seus aspectos, e termina com b) a aclamação do Santo. c) Segue então a *Epiclese* ou invocação do Espírito Santo sobre os dons, d) a *narração da instituição ou consagração*, que Cristo encerrou, dizendo: Fazei isto em memória de mim; e) por isso, segue a *anamnese* ou oração da *memória* de Cristo que leva à f) *oblação* pela qual a Igreja reunida, realizando essa memória, oferece ao Pai, no Espírito Santo, a “hóstia imaculada” e se oferece a si mesma a Cristo; g) *epiclese de comunhão*, pois o Espírito é quem congrega na unidade da Igreja, Corpo místico de Cristo; h) vêm então as *intercessões* pelas quais se expressa que a Eucaristia é celebrada em comunhão com toda a Igreja, tanto celeste como terrestre e por todos os membros vivos e falecidos; i) A *doxologia* final (glorificação de Deus) será cantada ou pronunciada só pelo presidente e confirmada e concluída pelo “AMÉM” do povo.

300. Sendo memorial de Cristo, a Eucaristia não consiste apenas em renovar os gestos da Ceia, mas também em renovar os gestos de Cristo na páscoa de sua vida, morte e ressurreição: louvor ao Pai a partir das circunstâncias de nossa Igreja caminhante, oferecer o sacramento memorial do sacrifício de Cristo, mas ao mesmo tempo oferecer-nos a nós mesmos na nossa páscoa, páscoa de Cristo na páscoa da gente, páscoa da gente na páscoa de Cristo.

301. Antes de iniciar o *Prefácio*, lembrando o que foi anunciado na Palavra, o presidente da celebração pode chamar a atenção de todos para o acontecimento central da missa, que torna presente o sacrifício de Cristo na Ceia eucarística e a participação dos fiéis na mesma.

Este também pode ser um dos momentos oportunos para recordar os motivos de ação de graças da comunidade e uni-los à grande ação de graças da Igreja, a Eucaristia.

302. Dentre o leque de Prefácios e Orações eucarísticas, constantes do Missal, é importante que sejam escolhidos os que mais se adaptem à celebração do dia e à comunidade.

303. A Oração eucarística é “centro e cume de toda a celebração”. Não basta, porém, afirmá-lo; é preciso que, de fato, no conjunto da missa se reze de tal modo esta Oração que ela apareça como momento alto do Santo Sacrifício. Além da escolha da Prece mais apropriada, é importante o modo de o presidente proferir a Oração, procurando a maior comunicação possível e a participação da assembléia através das aclamações. Sendo celebração, procurar-se-à valorizar todos os elementos simbólicos que, pela sua natureza, podem contribuir para realçar este momento da celebração: o canto, os gestos, a voz e as atitudes do sacerdote, dos ministros e da assembléia e, se oportuno, o uso tradicional de campainhas, sinos, incenso etc.

304. Como já notamos, é particularmente importante valorizar o canto, tanto por parte do sacerdote (Prefácio, Narração da Instituição, Anamnese, Doxologia final), quanto nas partes da assembléia: Santo, Aclamações diversas, segundo as Orações eucarísticas, aclamação do *Amém* final.

305. Considerando que as aclamações constituem uma forma de participação ativa da comunidade na grande Oração eucarística de quem preside, convém valorizar tais aclamações conforme a índole do povo. Para intensificar essa participação ativa do povo, as aclamações sejam de, preferência, cantadas e oportunamente acompanhadas de gestos.

306. Convém que se valorize da melhor maneira possível, em particular o *Amém* conclusivo da Oração eucarística, por exemplo, enfatizando-o através do canto, da repetição ou de outro modo.

3.3. Os ritos da Comunhão: Ele partiu o pão e o deu; tomai, comei; tomai, bebei

307. Introdução ao

- PAI NOSSO
Livrai-nos... (embolismo)
Vosso é o Reino (doxologia)

Oração pela Paz

- Que a paz do Senhor...
- Gesto de paz

- FRAÇÃO DO PÃO
+ canto: Cordeiro de Deus:
- CONVITE À COMUNHÃO: Felizes
Apresentação: Eis o cordeiro
“Senhor, eu não sou digno...”
Comunhão (+ canto)

interiorização

- ORAÇÃO após a Comunhão
AMÉM

308. “Terminada a Oração eucarística, seguem-se sempre o Pai-nosso, a Fração do Pão e o convite para a Comunhão, pois estes elementos são de grande importância na estrutura desta parte da missa”.

309. Sendo a Celebração eucarística a Ceia pascal, convém que, segundo a ordem do Senhor, o seu Corpo e Sangue sejam recebidos como alimento espiritual pelos fiéis, devidamente preparados. Esta é a finalidade da Fração do Pão e dos outros ritos preparatórios, pelos quais os fiéis são imediatamente encaminhados à Comunhão”.

310. O *Pai-nosso*, sobretudo quando cantado, é especialmente apto para estimular o sentimento de fraterna solidariedade cristã. Este sentimento pode, além disso, ser expresso por gestos, desde que se harmonizem com os gostos e costumes do povo. Por ser a Oração que o Senhor nos ensinou, não deve ser nunca substituída por outros cantos, parafraseando o Pai-nosso, que poderão, no entanto, ser aproveitados em outros momentos.

311. *O rito da paz.* “Neste rito, os fiéis imploram a paz e a unidade para a Igreja e toda a família humana e exprimem mutuamente a caridade antes de participar do mesmo pão”.

312. Espontaneamente as nossas comunidades acolheram e perceberam o rito da saudação da paz como momento de confraternização alegre em Cristo. É momento privilegiado para realçar o compromisso da comunicação da paz a todos indistintamente. Paz recebida como dom.

313. Seria conveniente não realizar o rito da paz sempre da mesma maneira, mas, pelo contrário, usar da criatividade e variar. Por exemplo, a saudação poderá ser simplificada ou omitida por completo nos tempos penitenciais; ela será realçada, pelo contrário, em tempos de festa.

Ocasionalmente, o gesto facultativo da saudação poderá ser realizado em outro momento da celebração: por exemplo nos ritos de entrada da missa, como saudação fraterna; no ato penitencial em sinal de reconciliação; após a homilia ou antes da apresentação das oferendas, também como, perdão das ofensas ou, se deixado para o fim da missa, como gesto de despedida ou cumprimento (pêsames, parabéns etc.).

314. *“Eles o reconheceram na fração do pão”.* “O gesto de partir o pão, realizado por Cristo na última Ceia, deu nome à toda a Ação eucarística na época apostólica; este rito possui não apenas uma razão prática, mas significa que nós, sendo muitos, pela comunhão do único Pão da Vida, que é o Cristo, formamos um único corpo”.

315. Para de novo realçar o gesto de partir o pão e o seu significado é conveniente que a “matéria da Celebração eucarística pareça realmente um alimento... e que o sacerdote possa, de fato, partir a hóstia em diversas partes e distribuí-la ao menos a alguns fiéis”. Na estrutura da Ceia, é aqui o lugar próprio da fração como gesto ritual de fazer o que Cristo fez e não durante a Narrativa da Instituição (Consagração).

316. Durante a fração, o povo canta ou diz o “Cordeiro de Deus”, entoado pela assembléia. A saudação da paz não deve ofuscar a importância deste momento do rito.

317. É conveniente igualmente “usar uma única patena de maior dimensão, onde se coloque tanto o pão para o sacerdote como para os ministros e fiéis”.

318. “A *Comunhão* realiza mais plenamente o seu aspecto de sinal quando sob as duas espécies. Sob esta forma manifesta-se mais perfeitamente o sinal do banquete eucarístico e se exprime de modo mais claro a vontade divina de realizar a nova e eterna Aliança no Sangue do Senhor, assim como a relação entre o banquete eucarístico e o banquete escatológico no reino do Pai”.

319. Por isso, dever-se-ia fazer esforço necessário para que “os fiéis recebam o Corpo de Cristo em hóstias consagradas na mesma missa enquanto possível, e participem do cálice pelo menos nos casos previstos”. Seria recomendável que participassem do cálice os “ministros que desempenham uma função na missa”; para os casos previstos confira-se a Instrução Geral sobre o Missal Romano, n.242, de 1 a 14, aos se acrescentar por lei universal da missa da Vigília pascal. É também permitido que os Ordinários possam estabelecer casos particulares.

320. A distribuição da Comunhão sob duas espécies exige cuidados especiais, conforme as circunstâncias locais. As instruções litúrgicas insistem que apareça claramente, através da pessoa de um ministro que preside a distribuição, o sinal de Cristo que na Ceia “dá” a seus discípulos, em comunhão, o seu Corpo entregue, o seu Sangue derramado. Por isso, a comunhão deve ser sempre recebida da mão do ministro. Os pastores tenham o cuidado de orientar os fiéis sobre a Comunhão na mão.

321. O sacerdote é o ministro ordinário não só da consagração, mas também, juntamente com o diácono, da distribuição da Comunhão.

322. “Enquanto o sacerdote e os fiéis recebem o Sacramento, entoa-se o Canto da Comunhão, que exprime, pela unidade das vozes, a união espiritual dos comungantes, demonstra a alegria dos corações e torna mais fraterna a procissão dos que vão receber o Corpo de Cristo. O canto começa quando o sacerdote comunga, prolongando-se oportunamente, enquanto os fiéis recebem o Corpo de Cristo. Durante a Comunhão há lugar também para um fundo de música instrumental, concluído o canto.

323. *Interiorização após a Comunhão.* “Terminada a distribuição da Comunhão, se for oportuno, o sacerdote e os fiéis oram por algum tempo em silêncio, podendo a assembléia entoar ainda um hino ou outro canto de louvor”.

324. É particularmente útil deixar espaço após a distribuição da Comunhão para um momento de interiorização. Segundo as circunstâncias, será orientado por quem preside ou outro ministro.

325. Este poderá ser nas comunidades outro momento de grande flexibilidade, usado como criatividade: silêncio, meditação, oração, canto, visando um aprofundamento do mistério celebrado etc. Em geral, as Antífonas da Comunhão do Missal, recebidas da tradição, retomam uma frase central do Evangelho ou do mistério do dia. Elas nos fornecem assim uma indicação precisa quanto à maneira de como pode ser apresentada e aprofundada a Comunhão eucarística à luz da Palavra de Deus.

326. A *Oração presidencial após a Comunhão*, na qual se “imploram os frutos do mistério celebrado”, aparecerá facilmente como conclusão deste momento de interiorização. “O sacerdote... recita a Oração depois da Comunhão, que pode ser precedida de um momento de silêncio, a não ser que já se tenha guardado silêncio após a Comunhão”. A Oração depois da Comunhão constitui propriamente a conclusão do rito da Comunhão e de toda a missa. Por meio dela estabelece-se a relação entre a Celebração eucarística e a vida eucarística do cristão.

4. Ritos finais da missa: A despedida

327. “Terminada a Oração depois da Comunhão, podem ser feitas, se necessário, breves comunicações ao povo”.

Os avisos que dizem respeito à vida da comunidade serão dados, de preferência, pelas próprias pessoas que estão ligadas a tais iniciativas, sob a responsabilidade de quem preside. Não se omitirão comunicações sobre atividades de outras comunidades e da Igreja universal.

328. Este parece ser também o momento mais adequado para as breves homenagens, que as comunidades gostam de prestar em dias especiais antes de se dispersarem.

329. Eventualmente, antes de encerrar-se a celebração, será útil uma mensagem final, na qual se exorte a comunidade a testemunhar pela vida a realidade celebrada.

330. Um canto final, se parecer oportuno, embora não previsto no Missal, encontrará maior receptividade neste momento do que mais tarde.

331. Nos tempos litúrgicos mais ricos ou em certos momentos especiais da vida das comunidades, a bênção final será enriquecida pelas bênçãos solenes à escolha ou orações sobre o povo. Nada impede que no caso de acontecimentos especiais celebrados na missa da comunidade, tais como bodas e jubileus, bem como outras circunstâncias semelhantes, a bênção final inclua uma bênção especial para o casal ou pessoas determinadas.

332. De qualquer modo, haja no fim da missa, na medida do possível, uma verdadeira despedida humana e fraterna.

Observação final

333. As presentes orientações visam oferecer às Igrejas locais e suas comunidades pistas que favoreçam a participação do povo na missa, incentivada e proposta pelo Vaticano II.

334. Os frutos pastorais que delas se esperam dependem do cuidado com que estas orientações forem introduzidas. Faz-se necessária uma adequada preparação das Comunidades e de seus ministros, observando-se diligentemente o discernimento pastoral quanto à sua oportunidade e conveniência de acordo com a realidade local.

335. Evitar-se-ão os abusos, sempre possíveis, na medida em que formarmos os agentes de pastoral para uma sadia criatividade, fomentando positivamente a Liturgia em todas as suas expressões e favorecendo a sua linguagem própria no universo da fé."

Nota:29

"Na linguagem litúrgica, o conjunto de tais orações e hinos compostos pela Igreja é chamado de Eucologia."

Nota:30

cf. Puebla 922: "A Igreja é, por sua vez, sacramento de Cristo para comunicar aos homens a vida nova. Os sete sacramentos da Igreja concretizam e atualizam esta realidade sacramental para as diversas situações da vida".

Nota:31

cf. Congregação para o Culto Divino, Diretório para as celebrações Dominicais na Ausência do Presbítero, de 02.06.1988, Doc. Pont. 2024, Vozes 1989.

Nota:32

cf. SC 6: "Como foi enviado pelo Pai, também Cristo enviou os apóstolos no Espírito Santo, para pregar o Evangelho a toda criatura, anunciando que o Filho de Deus, por sua morte e ressurreição, nos libertou do poder de satanás e da morte, fazendo-nos entrar no reino do Pai. Ao mesmo tempo que anunciavam, realizavam a obra da salvação pelo sacrifício e pelos sacramentos, através da liturgia. Pelo batismo, os homens são inseridos no mistério pascal de Cristo, participando de sua morte, de sua sepultura e de sua ressurreição, recebem o espírito de adoção, como filhos, *no qual clamamos: Abba, Pai* (Rm 8, 15) e se tornam os verdadeiros adoradores que o Pai procura. Todas as vezes que participamos da ceia do Senhor, anunciamos a sua morte, até que venha. No próprio dia de Pentecostes, em que a Igreja se manifestou ao mundo, *os que receberam a palavra de Pedro, foram batizados e perseveravam na doutrina dos apóstolos, na partilha do pão e nas orações... louvando a Deus e sendo estimados por todo o povo* (At 2, 41-47). Desde então, a Igreja nunca deixou de se reunir para celebrar o mistério pascal, lendo o *que dele se fala em todas as escrituras* (Lc 24, 27), celebrando a eucaristia, *em que se representa seu triunfo e sua vitória sobre a morte*, dando igualmente graças a *Deus pelo dom inefável* (2Cor 9, 15) em Cristo Jesus, para louvor de sua glória (Ef 1, 12), na força do Espírito Santo".

Nota:33

SC 35: "Promovam-se celebrações da palavra de Deus nas vigílias das grandes festas, em certos dias da quaresma e do advento, nos domingos e dias santos, principalmente nos lugares em que não há sacerdotes. Nesse caso a celebração pode ser presidida por um diácono ou por outro delegado do bispo."

Nota:34

cf. SC 7: "Para realizar tal obra, Cristo está sempre presente à sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas. Presente ao sacrifício da missa, na pessoa do ministro, *pois quem o oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que então se ofereceu na cruz*, mas, especialmente presente sob as espécies eucarísticas. Presente, com sua força, nos sacramentos, pois, quando alguém batiza é o próprio Cristo que batiza. Presente por sua palavra, pois é ele quem fala quando se lê a Escritura na Igreja. Presente, enfim, na oração e no canto da Igreja, como prometeu *estar no meio dos dois ou três que se reunissem em seu nome* (Mt 18, 20).

Cristo age sempre e tão intimamente unido à Igreja, sua esposa amada, que esta glorifica perfeitamente a Deus e santifica os homens, ao invocar seu Senhor e, por seu intermédio, prestar culto ao eterno Pai.

Com razão se considera a liturgia o exercício do sacerdócio de Cristo, em que se manifesta por sinais e se realiza a seu modo a santificação dos seres humanos, ao mesmo tempo que o corpo místico de Cristo presta culto público perfeito à sua cabeça.

Toda celebração litúrgica, pois, como obra de Cristo sacerdote e de seu corpo, a Igreja, é ação sagrada num sentido único, não igualado em eficácia nem grau por nenhuma outra ação da Igreja."

Nota:35

cf. Mt 18,20: "Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou aí no meio deles".

Nota:36

cf. DCDAP, 22.

Nota:37

cf. CDC, cân. 907: "Na celebração eucarística, não é permitido aos diáconos e leigos proferir as orações, especialmente a oração eucarística, ou executar as ações próprias do sacerdote celebrante".

Nota:38

cf. DCDAP, 12.

Nota:39

cf. DCDAP, 29.

Nota:40

CDC, cân. 230, § 3: “Onde a necessidade da Igreja o aconselhar, podem também os leigos, na falta de ministros, mesmo não sendo leitores ou acólitos, suprir alguns de seus ofícios, a saber, exercer o ministério da palavra, presidir às orações litúrgicas, administrar o batismo e distribuir a sagrada Comunhão, de acordo com as prescrições do direito”.

Nota:41

cf. DCDAP, 42.

Nota:42

cf. DCDAP, 45 e 48.

Nota:43

cf. **Ritual de Bênçãos**, 27.

Nota:44

cf. **IGLH 7:** “Especial e estreitíssima relação existe entre Cristo e aquelas pessoas que ele assume como membros do seu Corpo, que é a Igreja, através do sacramento da regeneração. Com efeito, da Cabeça se difundem por todo o corpo as riquezas do Filho: a comunhão no Espírito, a verdade, a vida e a participação em sua filiação divina, que se manifestava em toda a sua oração, enquanto ele vivia neste mundo.

O corpo todo da Igreja participa também do sacerdócio de Cristo, de sorte que os batizados, pela regeneração e unção do Espírito Santo, são consagrados como casa espiritual e sacerdócio santo, e se tornam aptos para exercer o culto da Nova Aliança, culto que não provém de nossas forças, mas dos méritos e dom de Cristo.

Deus não podia outorgar à humanidade dom maior que o de lhe dar por cabeça o seu Verbo, pelo qual criou todas as coisas, e de a incorporar ao Verbo como membro, de modo que ele fosse ao mesmo tempo Filho de Deus e Filho do Homem, um só Deus com o Pai e um só homem com os seres humanos. Assim, quando na oração falamos a Deus, não separemos dele o Filho. Quando o Corpo do Filho está orando, não separe de si sua cabeça. O mesmo é único Salvador do seu Corpo, Nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, ore também por nós, ore em nós, e nós oremos a ele. Ele reza por nós como nosso sacerdote, reza em nós como nossa cabeça, e nós rezamos a ele como nosso Deus. Reconheçamos, pois, nele a vossa voz e sua voz em nós.

Portanto, a dignidade da oração cristã tem sua raiz na participação da mesma piedade do Unigênito para com o Pai e daquela oração que lhe dirigiu durante sua vida terrena e que agora continua, sem interrupção, em toda a Igreja e em cada um de seus membros, em nome e pela salvação de todo gênero humano”.

Nota:45

cf. **Lc 18,1:** “Jesus contou aos discípulos uma parábola, para mostrar-lhes a necessidade de rezar sempre, sem nunca desistir”.

1Ts 5,17: “Rezem sem cessar”.

Nota:46

IGLH, 20-32: “20. A Liturgia das Horas, como as demais ações litúrgicas, não é ação particular, mas algo que pertence a todo o corpo da Igreja e o manifesta e atinge. O caráter eclesial de sua celebração aparece principalmente quando é realizado pela Igreja particular, o que aliás se recomenda de modo especial. É de fato na Igreja particular, com seu bispo, rodeado por seus presbíteros e ministros, que está verdadeiramente e opera a Una, Santa, Católica e Apostólica Igreja de Cristo. Embora não estando presente o bispo, o cabido de cônegos ou presbíteros outros, tal celebração deve sempre ser feita, considerando a realidade das horas e, quando possível, com participação do povo. Isso vale também para os cabidos colegiados.

21. Celebrem as Horas principais, se possível comunitariamente na Igreja, os demais grupos de fiéis. Entre eles se destacam as paróquias, por serem células da diocese, governadas localmente por um pastor que faz as vezes do bispo e que de algum modo representam a Igreja visível estabelecida por toda a terra.

22. Portanto, quando os fiéis são chamados à Liturgia das Horas, e se reúnem, unindo seus corações e vozes, manifestam a Igreja que celebra o mistério de Cristo.

23. É função dos que receberam a ordem sagrada ou que foram investidos de particular missão canônica convocar e dirigir a oração da comunidade: Trabalhem para que todos os que se encontram sob seus cuidados vivam unânimes na oração. Cuidem, pois, de convidar os fiéis e formá-los com a devida catequese para a celebração comunitária das principais partes da Liturgia das Horas, sobretudo nos domingos e festas. Ensinem-lhes a dela participarem de modo a fazerem autêntica oração. Por isso, ajudem-nos com a devida instrução a entenderem o sentido cristão dos salmos, de sorte que, pouco a pouco, sejam levados a maior gosto e prática na oração da Igreja.

24. As comunidades de cônegos, monges, monjas e outros religiosos que, em virtude da Regra ou das Constituições, recitam a Liturgia das Horas na íntegra ou em parte, quer em comum quer em rito particular, representam de modo especial a Igreja orante. Com efeito, mostram mais plenamente a imagem da Igreja que, sem cessar e em uníssono, louva ao Senhor. Elas cumprem, particularmente mediante a oração, o dever de colaborar na edificação e progresso de todo o Corpo Místico de Cristo e no bem das Igrejas particulares. Isso vale sobretudo para os que se dedicam à vida contemplativa.

25. Os ministros sagrados e todos os clérigos, que não estejam obrigados por outros motivos à celebração comunitária, quando vivem em comunidade ou se reúnem, procurem celebrar em comum pelo menos alguma parte da Liturgia das Horas, sobretudo Laudes e Vésperas.

26. Aos religiosos de ambos os sexos e aos membros de qualquer Instituto de perfeição não obrigados à celebração comunitária, recomenda-se encarecidamente que se reúnam entre si ou com o povo para celebrarem juntos essa Liturgia, ao menos em parte.

27. Os grupos de leigos, em qualquer lugar em que se encontrem reunidos, são convidados a cumprir essa função da Igreja, celebrando parte da Liturgia das Horas, seja qual for o motivo pelo qual se reuniram: oração, apostolado ou qualquer outra razão. Convém que aprendam a adorar a Deus Pai em espírito e verdade, antes de tudo na ação litúrgica, e tenham presente que, mediante o culto público e a oração, atingem toda a humanidade e podem fazer muito pela salvação de todo o mundo.

Finalmente, convém que a família, qual santuário doméstico da Igreja, não apenas reze a Deus em comum, mas celebre além disso algumas partes da Liturgia das Horas segundo pareça oportuno, inserindo-se com isso mais intimamente na Igreja.

28. Aos ministros sagrados se confia de maneira tão especial a Liturgia das Horas que, embora não havendo povo, deverão celebrá-la fazendo, obviamente, as necessárias adaptações. A Igreja os encarrega da Liturgia das Horas, para que esta missão da comunidade seja desempenhada, ao menos por eles de maneira certa e constante, e a oração de Cristo continue sem cessar na Igreja.

Representando a Cristo de modo eminente e visível, o bispo é o grande sacerdote de sua grei. Dele, de certo modo, deriva e depende a vida de seus fiéis em Cristo. Por isso, entre os membros de sua Igreja, o bispo deve ser o primeiro na oração. E sua oração, ao recitar a Liturgia das Horas, se faz sempre em nome da Igreja e pela Igreja que lhe foi confiada.

Unidos ao bispo e a todo o presbítero, os presbíteros, representantes especiais, também eles, de Cristo sacerdote, participam da mesma função, rogando a Deus por todo o povo que lhes foi confiado e mesmo pelo mundo inteiro.

Todos esses desempenham o serviço do bom Pastor, que roga pelos seus, para que tenham vida e sejam perfeitos na unidade. Na Liturgia das Horas, que a Igreja lhes oferece, não só encontram uma fonte de piedade e alimento de sua oração pessoal, mas nutram e incentivem, através de intensa contemplação, sua atividade pastoral e missionária para proveito de toda a Igreja de Deus.

29. Portanto, os bispos, os presbíteros e os diáconos que se preparam para o presbiterato e que receberam da Igreja (cf. n. 17) o encargo de celebrar a Liturgia das Horas, cumpram cada dia integralmente o seu curso, observando a realidade das Horas, na medida do possível.

Antes de tudo, dispensem a devida importância às Horas, que são como o eixo dessa Liturgia, ou seja, Laudes e Vésperas. Tenham o cuidado de não omiti-las a não ser por razões graves.

Além disso, recitem fielmente o Ofício das Leituras, que acima de tudo é uma celebração litúrgica da palavra de Deus. Dessa forma, cumprem diariamente o ministério que lhes é próprio, pela razão peculiar de acolher a palavra de Deus, mediante a qual se tornarão mais perfeitos discípulos do Senhor e hão de saborear mais profundamente as insondáveis riquezas de Cristo.

Para melhor santificar o dia todo, colocarão também todo o seu interesse em recitar a Hora média e as Completas. Com estas concluem a obra de Deus antes de se deitarem, e a Deus se confiam.

30. Os diáconos permanentes, que também receberam o mandato da Igreja, rezem, todos os dias, ao menos a parte da Liturgia das Horas que a Conferência Episcopal tiver estabelecido.

31. a) Os cabidos catedrais e as colegiadas devem recitar em coro as partes da Liturgia das Horas que lhes são fixadas pelo direito comum ou particular.

Cada membro desses cabidos, além das Horas que todos os ministros sagrados devem recitar, são obrigados a rezar em particular as Horas não recitadas em cabido.

b) As comunidades religiosas obrigadas à Liturgia das Horas e cada um de seus membros celebrem as Horas, segundo a norma de seu direito particular, salvo o que prescreve o n.29 a respeito daqueles que receberam a Ordem Sagrada.

Contudo, as comunidades obrigadas ao coro celebrem diariamente o curso integral das Horas em coro; fora do coro, porém, os membros recitem as Horas, segundo o direito particular, ressalvado sempre o prescrito no n.29.

32. Às demais comunidades religiosas e a cada um de seus membros recomenda-se que, tanto quanto permitirem as condições em que se encontram, celebrem algumas partes da Liturgia das Horas, que é a oração da Igreja e que faz todos os que estão dispersos terem um só coração e uma só alma. O mesmo se recomenda aos leigos".

SC 100: "Os pastores procurem celebrar em comum, na igreja, as principais horas, pelo menos as vésperas, nos domingos e dias festivos. Recomenda-se que os leigos recitem o ofício, em comum com os sacerdotes, entre si ou mesmo individualmente".

CDC, Cân. 1174: "§ 1. Têm obrigação de rezar a liturgia das horas os clérigos, de acordo com o cân. 276, § 2, n.3, e, conforme suas constituições, os membros de institutos de vida consagrada e sociedade de vida apostólica.

§ 2. Também os outros fiéis são vivamente convidados, de acordo com as circunstâncias, a participarem da liturgia das horas, já que é ação da Igreja".

Nota:47

SC 106: "Por tradição apostólica, que remonta ao próprio dia da ressurreição do Senhor, a Igreja celebra o mistério pascal no oitavo dia da semana, que veio a ser convenientemente denominado domingo, isto é, dia do Senhor. Nesse dia, os fiéis devem se reunir para ouvir a palavra de Deus e participar da eucaristia, dando graças a Deus, *que nos fez renascer para uma esperança viva, ressuscitando Jesus Cristo dentre os mortos* (1Pd 1, 3). O domingo é o principal dia de festa. Como tal deve ser proposto com convicção aos fiéis, para que se torne um dia de alegria e de descanso. É o fundamento e o cerne do ano litúrgico. Nenhuma outra celebração, a não ser de primeiríssima importância, lhe deve passar à frente".

Nota:48

cf. **Puebla 322**: “A liberdade implica sempre aquela capacidade que todos temos, em princípio, de dispor de nós mesmos, a fim de irmos construindo uma comunhão e uma participação que hão de se plasmar em realidades definitivas, em três planos inseparáveis: a relação do homem com o mundo como senhor, com as pessoas como irmão e com Deus como filho”.

Nota:49

cf. **Jo 1,12**: “Ela, porém, deu o poder de se tornarem filhos de Deus a todos aqueles que a receberam, isto é, àqueles que acreditam no seu nome”.

Gl 3,26: “De fato, vocês todos são filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo”.

Nota:50

cf. **At 2,26**: “Por isso, meu coração se alegra, minha língua exulta e minha carne repousa com esperança”.

Nota:51

cf. **Jo 17,21**: “para que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti. E para que também eles estejam em nós, a fim de que o mundo acredite que tu me enviaste”.

Nota:52

Gn 1,28: “E Deus os abençoou e lhes disse: ‘Sejam fecundos, multipliquem-se, encham e submetam a terra; dominem os peixes do mar, as aves do céu e todos os seres vivos que rastejam sobre a terra’”.

Nota:53

SC 100: “Os pastores procurem celebrar em comum, na igreja, as principais horas, pelo menos as vésperas, nos domingos e dias festivos. Recomenda-se que os leigos recitem o ofício, em comum com os sacerdotes, entre si ou mesmo individualmente”.

Normas Gerais sobre o Ano Litúrgico e o Calendário, 18: “Como o Cristo realizou a obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus principalmente pelo seu mistério pascal, quando morrendo destruiu a nossa morte e ressuscitando renovou a vida, o sagrado Tríduo Pascal da Paixão e Ressurreição do Senhor resplandece como o ápice de todo o ano litúrgico. Portanto, a solenidade da Páscoa goza no ano litúrgico a mesma culminância do domingo em relação à semana”.

Nota:54

cf. **S. Agostinho, Sermão 219**.

Nota:55

cf. **Normas Gerais sobre o Ano Litúrgico e o Calendário, 22**: “Os cinquenta dias entre o domingo da Ressurreição e o domingo de Pentecostes sejam celebrados com alegria e exultação, como se fossem um só dia de festa, ou melhor, como um grande domingo. É principalmente nesses dias que se canta o *Aleluia*”.

Nota:56

cf. **Jo 1,14**: “E a Palavra se fez homem e habitou entre nós. E nós contemplamos a sua glória: glória do Filho único do Pai, cheio de amor e fidelidade”.

Nota:57

cf. **Jo 2,19 e 21**: “Jesus respondeu: Destruam esse Templo, e em três dias eu o levantarei. Mas o Templo de que Jesus falava era o seu corpo”.

Nota:58

cf. **Prefácio da dedicação de uma Igreja, A**.

Nota:59

cf. **Prefácio da dedicação de uma Igreja, B**.

Nota:60

cf. **Prefácio da dedicação de uma Igreja, B**.

Nota:61

cf. **Rito da dedicação de uma Igreja, Introdução, no. 2**.

Nota:62

cf. **IGMR 253**: “Para celebrar a eucaristia, o povo de Deus se reúne na igreja ou, na falta desta, em outro lugar conveniente, digno de tão grande mistério. As igrejas e os demais lugares devem prestar-se à execução das ações sagradas e à ativa participação dos fiéis. Além disso, os edifícios sagrados e os objetos destinados ao culto sejam realmente dignos e belos, sinais e símbolos das coisas divinas”.

Nota:63

cf. **IGMR 257-277**: “257. O povo de Deus, que se reúne para a Missa, constitui uma assembléia orgânica e hierárquica que se exprime pela diversidade de funções e ações, conforme cada parte da celebração. Por isso, convém que a disposição geral do edifício sagrado seja tal que ofereça uma imagem da assembléia reunida, permita uma conveniente disposição de todas as coisas e permita a cada um exercer corretamente a sua função.

Os fiéis e a escola dos cantores ocuparão lugares que lhes favoreçam uma participação ativa.

Os sacerdotes e seus ministros ocuparão presbitério, isto é, aquele lugar da Igreja que manifesta a sua função, onde cada um respectivamente, presidirá à oração, anunciará a palavra de Deus e servirá ao altar.

Tudo isso, além de exprimir a ordenação hierárquica e a diversidade de funções, deve constituir uma unidade íntima e coerente pela qual se manifeste com evidência a unidade de todo o povo de Deus. A natureza e beleza do local e de todas as alfaías alimentem a piedade dos fiéis e manifestem a santidade dos ministérios celebrados.

258. Convém que o presbitério se distinga da nave da Igreja, por elevação, ou por especial estrutura e ornato. Seja bastante amplo para que os ritos sagrados se desenrolem comodamente.

259. O altar, onde se torna presente o sacrifício da cruz sob os sinais sacramentais, é também a mesa do Senhor, na qual o povo de Deus é convidado a participar por meio da Missa; é ainda o centro da ação de graças que se realiza pela Eucaristia.

260. A celebração da Eucaristia, em lugar destinado ao culto, deve ser feita num altar fixo ou móvel; fora do lugar sagrado, porém, sobretudo quando é celebrada de modo ocasional, pode-se usar uma mesa apropriada, sempre com toalha e corporal.

261. Chama-se altar fixo quando é construído de tal forma que esteja unido ao pavimento, e não possa ser removido; móvel, quando pode ser removido.

262. O altar-mor seja construído afastado da parede, a fim de ser facilmente circundado e nele se possa celebrar de frente para o povo. Ocupe um lugar que seja de fato o centro para onde espontaneamente se volte a atenção de toda a assembléia dos fiéis.

O altar-mor, via de regra, seja fixo e consagrado.

263. Segundo tradicional e significativo costume da Igreja, a mesa do altar fixo seja de pedra, e mesmo de pedra natural. Contudo, pode-se também usar outro material digno, sólido e esmeradamente trabalhado, a juízo da Conferência Episcopal.

Os pés ou a base de sustentação da mesa podem ser feitos de qualquer material, contanto que digno e sólido.

264. O altar móvel pode ser construído de qualquer material nobre e sólido, condizente com o uso litúrgico e de acordo com as tradições e costumes das diversas regiões.

265. Tanto os altares fixos como os altares móveis são consagrados conforme o rito descrito nos livros litúrgicos; os altares móveis, porém, poderão receber apenas a bênção. Não é necessário uma pedra consagrada sobre altar móvel ou a mesa onde se celebra a Missa fora do local sagrado (cf. n.260).

266. Convém manter o uso de incluir no altar a ser consagrado, ou de depositar sob o mesmo relíquias de santos, ainda que não sejam mártires. Cuide-se, porém, de verificar a autenticidade de tais relíquias.

267. Os altares secundários sejam em pequeno número e, nas igrejas novas, colocados em capelas separadas de certa forma da nave da igreja.

268. Em reverência para com a celebração do memorial do Senhor e o banquete em que se comungam o seu Corpo e o Sangue, ponha-se sobre o altar ao menos uma toalha, que combine, por seu formato, tamanho e decoração, com a forma do mesmo altar.

269. Os candelabros, requeridos pelas ações litúrgicas para manifestarem nossa reverência e o caráter festivo da celebração, sejam colocados, como parecer melhor, sobre o altar ou junto dele, levando em conta as proporções do altar e do presbitério, de modo a formarem um conjunto harmonioso e que não impeça os fiéis de verem aquilo que se realiza ou se coloca sobre o altar.

270. Haja também sobre o altar ou perto dele uma cruz que seja bem visível para a assembléia reunida.

271. A cadeira do sacerdote celebrante deve manifestar a sua função de presidir a assembléia e dirigir a oração. Por isso, o seu lugar mais apropriado é de frente para o povo no fundo do presbitério, a não ser que a estrutura do templo ou outras circunstâncias o impeçam, por exemplo, se a demasiada distância tornar difícil a comunicação entre o sacerdote e a assembléia. Evite-se toda espécie de trono. Coloquem-se as cadeiras dos ministros no local mais apropriado do presbitério, para que possam facilmente cumprir as suas funções.

272. A dignidade da Palavra de Deus requer na igreja um lugar condigno de onde possa ser anunciada e para onde se volte espontaneamente a atenção dos fiéis no momento da liturgia da palavra.

De modo geral, convém que esse lugar seja uma estrutura estável e não uma simples estante móvel. Seja disposto de tal modo em relação à forma da igreja que os ministros possam ser vistos e ouvidos facilmente pelos fiéis.

Da estante são proferidas as leituras, o salmo responsorial e o precônio pascal; também, se for conveniente, a homilia e a oração universal ou dos fiéis.

É menos conveniente que usem esta estante o comentador, o cantor ou o dirigente do povo.

273. Disponham-se os lugares dos fiéis com todo o cuidado, de sorte que possam participar devidamente das ações sagradas com os olhos e o espírito. Convém que haja habitualmente para eles bancos ou cadeiras; mas seja reprovado o costume de reservar lugares para determinadas pessoas. Disponham-se as cadeiras ou bancos de tal forma que os fiéis possam facilmente assumir as posições requeridas pelas diferentes partes da celebração e aproximar-se sem dificuldades da Sagrada Comunhão.

Cuide-se de que os fiéis possam não só ver o sacerdote ou os outros ministros, mas também, graças aos instrumentos técnicos modernos, ouvi-los com facilidade.

274. A escola dos cantores, segundo a disposição de cada igreja, deve ser colocada de tal forma que se manifeste claramente sua natureza, isto é, que faz parte da assembléia dos fiéis, onde desempenha um papel particular. Sua posição deve favorecer o desempenho de sua função litúrgica e permitir que todos os membros possam participar plenamente da Missa, inclusive pela Comunhão.

275. O órgão e outros instrumentos musicais legitimamente aprovados sejam colocados em tal lugar que possam sustentar o canto da escola e do povo e possam ser facilmente ouvidos por todos, quando tocados sozinhos.

276. É sumamente recomendável que o lugar onde se conserva a SS. Eucaristia se encontre numa capela que favoreça a adoração e a oração particular dos fiéis. Não sendo isto possível, em vista da estrutura de cada igreja e de legítimos costumes locais, seja o SS. Sacramento colocado em um altar ou, fora do altar, em lugar de honra da igreja, devidamente decorado.

277. A SS. Eucaristia seja conservada num único tabernáculo, sólido e inviolável. Por isso haja, normalmente, um único tabernáculo em cada igreja."

Nota:64

cf. **IGMR 289s.**: "III. Os vasos sagrados. - 289. Entre as coisas necessárias para a celebração da Missa, honram-se especialmente os vasos sagrados e, entre eles, o cálice e a patena, onde se oferecem, consagram e consomem o pão e o vinho.

290. Os vasos sagrados sejam feitos de material sólido e considerado nobre em cada região. A Conferência Episcopal decidirá a esse respeito. Sejam, contudo, preferidos os materiais que não se quebrem nem se alterem facilmente.

291. Os cálices e outros vasos destinados a receber o Sangue do Senhor tenham a copa feita de matéria que não absorva líquidos. O pé pode ser feito de outro material sólido e digno.

292. Os vasos sagrados destinados a receber as hóstias, tais como a patena, o cibório, a teca, o ostensório e outros semelhantes podem ser feitos também de outros materiais apreciados em algumas regiões; por exemplo, o marfim ou certas madeiras mais duras, contanto que convenham ao uso sagrado.

293. Para consagrar as hóstias, é conveniente usar uma única patena de maior dimensão, onde se coloca tanto o pão para o celebrante como para os ministros e os fiéis.

294. Os vasos sagrados de metal sejam normalmente dourados por dentro, tratando-se de metal oxidável; quando de metal inoxidável ou mais nobre que o ouro, não é necessária a douração.

295. Quanto à forma dos vasos sagrados, o artista tem a liberdade de confeccioná-los de acordo com os costumes de cada região, contanto que se coadunem com o uso litúrgico a que são destinados.

296. Quanto à benção ou consagração dos vasos sagrados, observem-se os ritos prescritos nos livros litúrgicos”.

Nota:65

cf. **IGMR 307-310:** “307. As diferentes cores das vestes litúrgicas visam manifestar externamente o caráter dos mistérios celebrados, e também a consciência de uma vida cristã que progride com o desenrolar do ano litúrgico.

308. Com relação à cor das vestes litúrgicas, seja observado o uso tradicional, a saber:

a) O branco é usado nos Ofícios e Missas do tempo pascal e do Natal do Senhor, bem como nas suas festas e memórias, exceto as da Paixão; nas festas e memórias da Bem-aventurada Virgem Maria, dos Santos Anjos, dos Santos não Mártires, na festa de Todos os Santos (1 de novembro), de São João Batista (24 de junho), de São João Evangelista (27 de dezembro), da Cátedra de São Pedro (22 de fevereiro) e da Conversão de São Paulo (25 de janeiro).

b) O vermelho é usado no domingo da Paixão e na Sexta-feira Santa; no domingo de Pentecostes, nas celebrações da Paixão do Senhor; nas festas dos Apóstolos e Evangelistas e nas celebrações dos Santos Mártires.

c) O verde se usa nos Ofícios e Missas do tempo comum.

d) O roxo é usado no tempo do Advento e da Quaresma. Pode também ser usado nos Ofícios e Missas pelos mortos.

e) O preto pode ser usado nas Missas pelos mortos.

f) O rosa pode ser usado nos domingos *Gaudete* (III do Advento) e *Laetare* (IV da Quaresma).

As Conferências Episcopais, contudo, podem determinar e propor à Santa Sé adaptações que correspondam às necessidades e ao caráter de cada povo.

309. Em dias de maior solenidade podem ser usadas vestes litúrgicas mais nobres, mesmo que não sejam da cor do dia.

310. As Missas Rituais são celebradas com a cor própria, a branca ou a festiva; as Missas por diversas circunstâncias com a cor própria do dia ou do tempo, ou com a cor roxa, se tiverem cunho penitencial, por exemplo nos. 23, 28, 40; as Missas votivas com a cor que convém à Missa a ser celebrada, ou também com a cor própria do dia ou do tempo.”

Nota:66

cf. **IGMR 297:** “Na Igreja, que é o Corpo de Cristo, nem todos os membros desempenham a mesma função. Esta diversidade de ministérios se manifesta exteriormente no exercício do culto sagrado pela diversidade das vestes litúrgicas, que por isso devem ser um sinal da função de cada ministro. Convém que as vestes litúrgicas contribuam para a beleza da ação sagrada.”

Nota:67

At 2,42: “Eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, no partir do pão e nas orações”.

Nota:68

cf. **At 2,27:** “Porque não me abandonarás na região dos mortos, nem permitirás que o teu santo conheça a corrupção”.

Nota:69

cf. **1Cor 12,4-11:** “Existem dons diferentes, mas o Espírito é o mesmo; diferentes serviços, mas o Senhor é o mesmo; diferentes modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos. A um, o Espírito dá a palavra de sabedoria; a outro, a palavra de ciência segundo o mesmo Espírito; a outro, o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom das curas; a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, o dom de falar em línguas; a outro ainda, o dom de as interpretar. Mas é o único e mesmo Espírito quem realiza tudo isso, distribuindo os seus dons a cada um, conforme ele quer”.

Nota:70

cf. **Estudos da CNBB 42**, p.85.

Nota:71

SC 37 e 38: “37. A Igreja não pretende impor a uniformidade litúrgica. Mostra-se flexível diante de tudo que não esteja vinculado necessariamente à fé e ao bem de toda a comunidade. Interessa-lhe manter e incentivar as riquezas e os dons das diversas nações e povos. Tudo, pois, que não estiver ligado indissolavelmente a erros ou superstições deve ser levado em consideração, conservado e até promovido, podendo mesmo, em certos casos, ser assimilado pela liturgia, desde que esteja em harmonia com o modo de ser e o verdadeiro espírito litúrgico.

38. Mantida a unidade substancial do rito romano, admitem-se, na própria revisão dos livros litúrgicos, legítimas variações e adaptações aos diversos grupos, regiões e povos, principalmente nas missões, devendo-se prever essas variações na estrutura dos ritos e nas rubricas”.

IGMR 313: “A eficácia pastoral da celebração aumentará certamente, se os textos das leituras, das orações e dos cânticos corresponderem, na medida do possível, às necessidades, à preparação espiritual e à mentalidade dos participantes. Isto se obterá mais facilmente usando-se a múltipla possibilidade de escolha que se descreve adiante.

Por isso, na organização da Missa, o sacerdote levará mais em conta o bem espiritual de toda a assembléia do que o seu próprio gosto. Lembre-se ainda de que a escolha das diversas partes deve ser feita de comum acordo com os ministros e todos os que exerçam alguma função especial, inclusive os fiéis naquilo que se refere a eles de modo mais direto.

Sendo muito grande a possibilidade de escolha para as diversas partes da Missa, é necessário que antes da celebração o diácono, os leitores, o salmista, o cantor, o comentador, a escola saibam cada um quais os textos que lhes competem, para que nada se faça de improviso, pois a harmoniosa organização e execução dos ritos muito contribuem para dispor os fiéis à participação da Eucaristia”.

Nota:72

cf. **SC 23:** “A modificação de cada uma das partes da liturgia deve estar sempre baseada em rigorosos estudos teológicos, históricos e pastorais, para que se mantenha a tradição e se abram os caminhos para uma legítima evolução. Considerem-se também as leis gerais da estrutura e do espírito da liturgia, a experiência, as modificações já introduzidas e, finalmente, aquelas que provêm de indultos já obtidos. Nenhuma inovação seja introduzida senão em função da utilidade da Igreja, com base em exigências reconhecidamente verdadeiras e com toda cautela, procurando novas formas, que provenham como que organicamente das antigas. Evitem-se também, quanto possível, grandes diferenças entre ritos de regiões vizinhas”.

Nota:73

cf. **SC 21:** “Nesta reforma, os textos e os ritos devem vir a exprimir com clareza as realidades santas que significam, para que o povo cristão as perceba com maior facilidade, na medida do possível, e possa participar plena e ativamente da celebração comunitária”.

Nota:74

cf. **Puebla 926:** “Os sinais, importantes em qualquer ação litúrgica, devem ser empregados de maneira viva e digna, com o pressuposto duma catequese adequada. As adaptações previstas na Constituição Sacrosanctum Concilium e nas normas pastorais posteriores são indispensáveis para se conseguir um rito acomodado às nossas necessidades, especialmente às do povo simples, tendo-se em conta suas legítimas expressões culturais”.

Nota:75

cf. **SC 37 a 39:** “37. A Igreja não pretende impor a uniformidade litúrgica. Mostra-se flexível diante de tudo que não esteja vinculado necessariamente à fé e ao bem de toda a comunidade. Interessa-lhe manter e incentivar as riquezas e os dons das diversas nações e povos. Tudo, pois, que não estiver ligado indissolivelmente a erros ou superstições deve ser levado em consideração, conservado e até promovido, podendo mesmo, em certos casos, ser assimilado pela liturgia, desde que esteja em harmonia com o modo de ser e o verdadeiro espírito litúrgico.

38. Mantida a unidade substancial do rito romano, admitem-se, na própria revisão dos livros litúrgicos, legítimas variações e adaptações aos diversos grupos, regiões e povos, principalmente nas missões, devendo-se prever essas variações na estrutura dos ritos e nas rubricas.

39. Compete à autoridade eclesiástica territorial, de acordo com o art. 22 § 2, definir essas modificações, dentro dos limites das edições oficiais dos livros litúrgicos, especialmente no que respeita à administração dos sacramentos, aos sacramentais, às procissões, à língua litúrgica, à música e à arte sagradas, segundo as normas fundamentais desta constituição”.

Nota:76

cf. **At 2,4.6:** “Todos ficaram repletos do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem. Quando ouviram o barulho, todos se reuniram e ficaram confusos, pois cada um ouvia, na sua própria língua, os discípulos falarem”.

Nota:77

cf. **SC 9 e 10:** “9. A sagrada liturgia não é a única atividade da Igreja, pois, antes de ter acesso à liturgia é preciso ser conduzido à fé e se converter. *Como invocar se não crêem? Como crer, se não ouvem? Como ouvir, sem pregador? Como haverá pregação sem missão?* (Rm 10, 14-15).

Por isso, a Igreja anuncia a salvação aos que não crêem, para que todos os homens reconheçam a Deus, o verdadeiro, e seu enviado, Jesus Cristo, convertam-se e façam penitência. Já aos que crêem, deve pregar a fé e a penitência, administrar os sacramentos, ensinar a observar tudo que Cristo ordenou, estimular à prática da caridade, da piedade e do apostolado, que mostram que os fiéis não são deste mundo, mas estão aqui como luz do mundo, para glorificar ao Pai diante dos homens.

A liturgia é o cume e a fonte da vida da Igreja

10. Mas a liturgia é o cume para o qual tende toda a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de que promana sua força. Os trabalhos apostólicos visam a que todos, como filhos de Deus, pela fé e pelo batismo, se reúnam para louvar a Deus na Igreja, participar do sacrifício e da ceia do Senhor.

A liturgia também leva os fiéis a serem *unânimes na piedade*, depois de participarem dos *sacramentos pascaís*, para que *na vida conservem o que receberam na fé*. A liturgia renova e aprofunda a aliança do Senhor com os homens, na eucaristia, fazendo-os arder no amor de Cristo. Dela, pois, especialmente da eucaristia, como de uma fonte, derrama-se sobre nós a graça e brota com soberana eficácia a santidade em Cristo e a glória de Deus, fim para o qual tudo tende na Igreja”.

Nota:78

cf. **SC 44 a 46**: “44. A autoridade territorial eclesiástica competente, de acordo com o art. 22 § 2, deve constituir uma comissão litúrgica que conte com o auxílio de pessoas qualificadas em ciência litúrgica, música, arte sacra e pastoral. A comissão procurará manter um instituto de pastoral litúrgica, que inclua leigos especialistas nessas matérias. Compete à mesma comissão, sob a autoridade eclesiástica territorial acima mencionada, conduzir a pastoral litúrgica em sua área e promover os estudos e as experiências necessárias, sempre que se tratar de propor adaptações à sé apostólica.

45. Nos mesmos moldes, se constitua em cada diocese uma comissão litúrgica para promover a ação litúrgica sob a orientação do bispo.

Pode ser conveniente constituir uma comissão única, de várias dioceses, para se chegar a um entendimento comum sobre o que fazer.

46. Além da comissão litúrgica, podem ser criadas uma comissão de música e outra, de arte sacra.

Mas é preciso então que estas três comissões trabalhem em perfeito entendimento e, freqüentemente, reúnam-se numa mesma comissão”.

Nota:79

cf. **Doc. da CNBB 30, n.4**: “A unidade da formação e espiritualidade própria do presbítero exigem a procura de uma integração orgânica e equilibrada das virtudes humanas, cristãs e especificamente ministeriais do candidato ao presbiterato. A procura de unidade da formação, além de ser um aspecto de todo o trabalho pedagógico (cf. acima, VI, 4), exige um entrosamento efetivo da formação espiritual com a formação intelectual, especialmente com os estudos teológicos, e sobretudo com a vida comunitária e a experiência pastoral. A unidade dos diversos aspectos da formação encontram expressão privilegiada nas celebrações litúrgicas”.

Estudos da CNBB 51, n 39-40: “39. É oportuno distinguir, no âmbito da Filosofia Sistemática, diversas disciplinas. A variedade de enfoques e de docentes, porém, não tornará a formação filosófica mais rica e completa, se não houver esforço convergente das diversas disciplinas, para que o estudante possa perceber as relações entre elas e a unidade fundamental da Filosofia.

40. As Diretrizes Básicas estabelecem o elenco e a carga horária mínima das disciplinas (cf. Diretrizes, no. 178).

Dentre as diversas possibilidades de ordená-las, sugere-se aqui um esquema que quer ressaltar sua articulação com eixo central:

a) Antropologia Filosófica (o homem como subjetividade, e como pessoa; a corporeidade e a sexualidade);

b) O Homem como ser de linguagem (lógica, teoria do conhecimento, hermenêutica);

c) O Homem como ser de sociabilidade efetiva (família, sociedade, estado...);

d) O Homem como ser histórico (cultura e trabalho);

e) O Homem como ser ético;

f) O Homem e a transcendência (ontologia e teodicéia)”.

Nota:80

cf. **SC 14 e 18**: “14. A Igreja deseja ardentemente que todos os fiéis participem das celebrações de maneira consciente e ativa, de acordo com as exigências da própria liturgia e por direito e dever do povo cristão, em virtude do batismo, como *raça eleita, sacerdócio régio, nação santa e povo adquirido* (1Pd 2, 9; cf. 2, 4-5).

Procure-se, por todos os meios, restabelecer e favorecer a participação plena e ativa de todo o povo na liturgia. Ela é a fonte primeira e indispensável do espírito cristão. Os pastores de almas devem, pois, orientar para ela toda sua ação pastoral.

Para que isto aconteça, é indispensável que os próprios pastores estejam profundamente imbuídos do espírito e da força da liturgia, tornando-se capazes de ensiná-la aos outros. Deve-se, pois, antes de tudo, dar uma boa formação litúrgica aos clérigos. Por isso, o concílio decidiu estabelecer o que segue.

18. Os sacerdotes que trabalham na vinha do Senhor, tanto seculares como religiosos, disponham do suporte necessário para exercer a liturgia de maneira a entender sempre o que estão fazendo e a viver uma vida litúrgica em comunhão com os fiéis que lhe foram confiados”.

Nota:81

cf. **SC 29 e 30**: “29. Os acólitos, leitores, comentadores e cantores exercem um verdadeiro ministério litúrgico. Desempenhem, pois, as suas funções com devoção e ordenadamente, como convém à dignidade do ministério e ao que o povo de Deus deles exige, com todo o direito.

Desde cedo, portanto, estejam todos imbuídos do espírito da liturgia e sejam devidamente iniciados no desempenho correto de seus respectivos papéis.

Participação ativa dos fiéis

30. Para promover a participação ativa do povo, recorram-se a aclamações, respostas, salmodia, antifonas, cânticos, assim como a gestos ou atitudes corporais. Nos momentos devidos, porém, guarde-se o silêncio sagrado.”

IGMR, 62-73: “62. Na celebração da Missa os fiéis constituem o povo santo, o povo adquirido e o sacerdócio régio, para dar graças a Deus e oferecer o sacrifício perfeito, não apenas pelas mãos do sacerdote, mas também juntamente com ele, e aprender a oferecer-se a si próprios. Esforçem-se, pois, por manifestar isto através de um profundo senso religioso e da caridade para com os irmãos que participam da mesma celebração.

Por isso evitem qualquer tipo de individualismo ou divisão, considerando sempre que todos têm um único Pai nos céus e, por este motivo, são todos irmãos entre si.

Formem um único corpo, seja ouvindo a Palavra de Deus, seja tomando parte nas orações e no canto, ou sobretudo na oblação comum do sacrifício e na comum participação da mesa do Senhor. Tal unidade se manifesta muito bem quando todos os fiéis realizam em comum os mesmos gestos e assumem as mesmas atitudes externas.

Os fiéis não se recusem a servir com alegria ao Povo de Deus, sempre que solicitados para algum serviço particular na celebração.

63. Entre os fiéis, a escola dos cantores ou coro exerce uma função litúrgica própria. Cabe-lhe executar devidamente as partes que lhes são próprias, conforme os diversos gêneros de cantos, e promover a ativa participação dos fiéis no canto. O que se diz da escola dos cantores vale também, com as devidas ressalvas, para os outros músicos, sobretudo para o organista.

64. Convém que haja um cantor ou mestre de coro para dirigir e sustentar o canto do povo. Mesmo não havendo coro, compete ao cantor dirigir os diversos cantos, com a devida participação do povo.

65. O acólito é instituído para servir ao altar e auxiliar o sacerdote e o diácono. Compete-lhe principalmente preparar o altar e os vasos sagrados, bem como distribuir aos fiéis a Eucaristia, da qual é ministro extraordinário.

66. O leitor é instituído para proferir as leituras da Sagrada Escritura, exceto o Evangelho. Pode igualmente propor as intenções para a oração dos fiéis e, faltando o salmista, recitar o salmo entre as leituras.

O leitor possui na celebração eucarística uma função própria, que ele mesmo deve desempenhar, ainda que estejam presentes ministros de ordem superior.

Para que os fiéis, ao ouvirem as leituras divinas, concebam no coração um suave e vivo afeto pelas Sagradas Escrituras, é necessário que os leitores, mesmo que não tenham sido instituídos para isso, sejam realmente capazes de desempenhá-la e se preparem cuidadosamente.

67. Compete ao salmista proclamar o salmo ou outro cântico bíblico colocado entre as leituras. Para bem exercer a sua função é necessário que saiba salmodiar e tenha boa pronúncia e dicção.

68. Os outros ministros exercem funções no presbitério ou fora dele.

No presbitério: os que são designados como ministros extraordinários para administrar a Comunhão bem como os que levam o Missal, a cruz, os castiçais, o pão, o vinho, a água e o turíbulo.

Fora do presbitério:

a) O comentador, que dirige aos fiéis explicações e exortações visando a introduzi-los na celebração e dispô-los para entendê-la melhor. Convém que as exortações do comentador sejam cuidadosamente preparadas, sóbrias e claras.

Ao desempenhar seu cargo, fica em pé em lugar adequado, voltado para os fiéis, mas é menos conveniente que suba à estante.

b) Os que, em certas regiões, acolhem os fiéis às portas da igreja e os levam aos seus lugares e organizam as suas procissões.

c) Os que fazem as coletas na igreja.

69. É conveniente, sobretudo nas Igrejas e comunidades maiores, que haja alguém designado como cerimoniário a fim de que as ações sagradas sejam devidamente organizadas e exercidas com decoro, ordem e piedade pelos ministros.

70. Todas as funções inferiores às do diácono poderão ser exercidas por leigos de sexo masculino, mesmo que não tenham sido instituídos para isso. As funções fora do presbitério poderão também ser confiadas a mulheres, segundo o prudente parecer do reitor da Igreja.

A Conferência Episcopal pode permitir que mulher idônea faça as leituras que precedem o Evangelho e proponha as intenções para a oração dos fiéis e determinar mais exatamente o lugar apto donde anuncie a palavra de Deus na assembléia litúrgica.

71. Achando-se presentes várias pessoas aptas a exercerem o mesmo ministério, nada impede que distribuam entre si as várias partes do mesmo ofício. Por exemplo, um diácono pode ser destinado a recitar as partes cantadas e outro, ao ministério do altar; havendo várias leituras, é bom que sejam distribuídas entre diversos leitores; e assim por diante.

72. Se na Missa com o povo houver apenas um ministro, ele poderá exercer diversas funções.

73. A preparação prática de cada celebração litúrgica, sob a direção do reitor da igreja e ouvidos também os fiéis naquilo que diretamente lhes concerne, seja feita de comum acordo por todos aqueles a quem diz respeito, seja quanto aos ritos, seja quanto ao aspecto pastoral e musical".

Nota:82

cf. **Estudos da CNBB 51, n. 42:** "Destaque particular deve ser dado à Filosofia da Religião, de modo que esta disciplina possa constituir ponte entre o curso de Filosofia e o curso de Teologia".

Nota:83

cf. **CELAM**, Adaptar a Liturgia, n 57.

Nota:84

cf. **Instrução Geral sobre o Missal Romano**, n.77-78.

Nota:85

SC 120: "O órgão de tubos ocupa lugar de destaque na Igreja latina, como instrumento musical tradicional, cujo som dá um brilho particular às cerimônias da Igreja e ajuda a mente a se elevar a Deus.

Os demais instrumentos, de acordo com a autoridade territorial competente, segundo as normas dos artigos 22, § 2, 37 e 40, e com seu consentimento, podem ser admitidos, desde que adaptados à dignidade do templo e contribuam, de fato, para a edificação dos fiéis".

Nota:86

IGMR 1: "A celebração da Missa, como ação de Cristo e do povo de Deus hierarquicamente ordenado, é o centro de toda a vida cristã tanto para a Igreja universal como local, e também para cada um dos fiéis. Pois nela se encontra tanto o ápice da ação pela qual Deus santifica o mundo em Cristo, como o do culto que os homens oferecem ao Pai, adorando-o pelo Cristo, Filho de Deus. Além disso, nela são de tal modo lembrados, no decorrer do ano, os mistérios da redenção, que eles se tornam de certo modo presentes. As demais ações sagradas e todas as atividades da vida cristã a ela estão ligadas, dela decorrendo ou a ela sendo ordenadas".

Nota:87

cf. **SC 28**: “Em todas as celebrações litúrgicas, ministro e fiéis, no desempenho de sua função, façam somente aquilo e tudo aquilo que convém à natureza da ação, de acordo com as normas litúrgicas”.

Nota:88

cf. **IGMR, 65-69**: “65. O acólito é instituído para servir ao altar e auxiliar o sacerdote e o diácono. Compete-lhe principalmente preparar o altar e os vasos sagrados, bem como distribuir aos fiéis a Eucaristia, da qual é ministro extraordinário.

66. O leitor é instituído para proferir as leituras da Sagrada Escritura, exceto o Evangelho. Pode igualmente propor as intenções para a oração dos fiéis e, faltando o salmista, recitar o salmo entre as leituras.

O leitor possui na celebração eucarística uma função própria, que ele mesmo deve desempenhar, ainda que estejam presentes ministros de ordem superior.

Para que os fiéis, ao ouvirem as leituras divinas, concebam no coração um suave e vivo afeto pelas Sagradas Escrituras, é necessário que os leitores, mesmo que não tenham sido instituídos para isso, sejam realmente capazes de desempenhá-la e se preparem cuidadosamente.

67. Compete ao salmista proclamar o salmo ou outro cântico bíblico colocado entre as leituras. Para bem exercer a sua função é necessário que saiba salmodiar e tenha boa pronúncia e dicção.

68. Os outros ministros exercem funções no presbitério ou fora dele.

No presbitério: os que são designados como ministros extraordinários para administrar a Comunhão bem como os que levam o Missal, a cruz, os castiçais, o pão, o vinho, a água e o turíbulo.

Fora do presbitério:

a) O comentador, que dirige aos fiéis explicações e exortações visando a introduzi-los na celebração e dispô-los para entendê-la melhor. Convém que as exortações do comentador sejam cuidadosamente preparadas, sóbrias e claras.

Ao desempenhar seu cargo, fica em pé em lugar adequado, voltado para os fiéis, mas é menos conveniente que suba à estante.

b) Os que, em certas regiões, acolhem os fiéis às portas da igreja e os levam aos seus lugares e organizam as suas procissões.

c) Os que fazem as coletas na igreja.

69. É conveniente, sobretudo nas Igrejas e comunidades maiores, que haja alguém designado como cerimoniário a fim de que as ações sagradas sejam devidamente organizadas e exercidas com decoro, ordem e piedade pelos ministros”.

Nota:89

cf. **IGMR, 313**: “A eficácia pastoral da celebração aumentará certamente, se os textos das leituras, das orações e dos cânticos corresponderem, na medida do possível, às necessidades, à preparação espiritual e à mentalidade dos participantes. Isto se obterá mais facilmente usando-se a múltipla possibilidade de escolha que se descreve adiante.

Por isso, na organização da Missa, o sacerdote levará mais em conta o bem espiritual de toda a assembléia do que o seu próprio gosto. Lembre-se ainda de que a escolha das diversas partes deve ser feita de comum acordo com os ministros e todos os que exerçam alguma função especial, inclusive os fiéis naquilo que se refere a eles de modo mais direto.

Sendo muito grande a possibilidade de escolha para as diversas partes da Missa, é necessário que antes da celebração o diácono, os leitores, o salmista, o cantor, o comentador, a escola saibam cada um quais os textos que lhes competem, para que nada se faça de improviso, pois a harmoniosa organização e execução dos ritos muito contribuem para dispor os fiéis à participação da Eucaristia”.

Nota:90

cf. **IGMR, 24-57**: “24. As partes que precedem a Liturgia da Palavra, isto é, entrada, saudação, ato penitencial, Kyrie, Glória e coleta, têm o caráter de exórdio, introdução e preparação.

Esses ritos têm por finalidade fazer com que os fiéis, reunindo-se em assembléia, constituam uma comunhão e se disponham para ouvir atentamente a palavra de Deus e celebrar dignamente a Eucaristia.

Entrada: **25.** Reunido o povo, enquanto o sacerdote entra com os ministros, começa o canto de entrada. A finalidade desse canto é abrir a celebração, promover a união da assembléia, introduzir no mistério do tempo litúrgico ou da festa, e acompanhar a procissão do sacerdote e dos ministros.

26. O canto é executado alternadamente pela escola dos cantores e pelo povo, ou pelo cantor e pelo povo, ou só pelo povo ou só pela escola. Pode-se usar ou a antífona com seu salmo, do Gradual Romano ou do Gradual Simples, ou então outro cântico condizente com a ação sagrada e com a índole do dia ou do tempo, cujo texto tenha sido aprovado pela Conferência Episcopal.

Não havendo canto à entrada, a antífona proposta no Missal é recitada pelos fiéis, ou por alguns deles, ou pelo leitor; ou então, pelo próprio sacerdote, após a saudação.

27. Chegando ao presbitério, o sacerdote e os ministros saúdam o altar. Em seguida, em sinal de veneração, o sacerdote e o diácono beijam o altar; e o sacerdote o incensa se for oportuno.

28. Executado o canto de entrada, o sacerdote e toda a assembléia fazem o sinal da cruz. A seguir o sacerdote, pela saudação, expressa à comunidade reunida a presença do Senhor. Esta saudação e a resposta do povo exprimem o mistério da Igreja reunida.

Ato penitencial: **29.** Após a saudação do povo, o sacerdote ou um outro ministro idôneo poderá, com breves palavras, introduzir os fiéis na Missa do dia. Em seguida, o sacerdote convida ao ato penitencial, realizado então por toda a comunidade por uma confissão geral, sendo concluído com a absolvição dada pelo sacerdote.

30. Depois do ato penitencial inicia-se o Kyrie eleison, a não ser que já tenha sido rezado no próprio ato penitencial. Tratando-se de um canto em que os fiéis aclamam o Senhor e imploram a sua misericórdia, é normalmente executado por todos, participando dele o povo e a escola ou o cantor.

Via de regra, cada aclamação é repetida duas vezes, não se excluindo porém, por causa da índole das diversas línguas ou da música e das circunstâncias, um número maior de repetições ou a intercalação de um breve tropo. Se o Kyrie não for cantado, seja recitado.

31. O Glória, hino antiquíssimo e venerável, pelo qual a Igreja, congregada no Espírito Santo, glorifica e suplica a Deus Pai e ao Cordeiro, é cantado ou pela assembléia dos fiéis ou pelo povo que alterna com a escola, ou pela própria escola. Se não for cantado, deve ser recitado por todos, juntos ou alternadamente.

É cantado ou recitado aos Domingos, exceto no tempo do Advento e da Quaresma, nas solenidades e festas e ainda em celebrações especiais mais solenes.

32. A seguir o sacerdote convida o povo a rezar; todos se conservam em silêncio com o sacerdote por alguns instantes, tomando consciência de que estão na presença de Deus e formulando interiormente os seus pedidos. Depois o sacerdote diz a oração que se costuma chamar coleta. Ela exprime a índole da celebração e dirige pelas palavras do celebrante uma súplica a Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo.

O povo, unido-se à súplica do sacerdote e dando-lhe o seu assentimento, faz sua a oração pela aclamação Amém.

Na Missa diz-se uma única coleta; valendo o mesmo para as orações sobre as oferendas e depois da comunhão.

A Coleta termina pela conclusão longa, isto é: quando se dirige ao Pai: *Per Dominum nostrum Jesum Christum Filium tuum, qui tecum vivit et regnat in unitate Spiritus Sancti, Deus, per omnia saecula saeculorum*;

quando se dirige ao Pai, mas no final menciona o Filho: *Qui tecum vivit et regnat in unitate Spiritus Sancti, Deus, per omnia saecula saeculorum*;

quando se dirige ao Filho: *Quis vivit et regnas cum Deo Patre in unitate Spiritus Sancti, Deus, per omnia saecula saeculorum*.

As orações sobre as oferendas e depois da Comunhão terminam com a conclusão breve, ou seja:

quando dirigidas ao Pai: *Per Christum Dominum nostrum*;

quando dirigidas ao Pai, mas no final mencionam o Filho: *Qui vivit et regnat in saecula saeculorum*;

quando dirigidas ao Filho: *Qui vivit et regnas in saecula saeculorum*;

33. A parte principal da Liturgia da Palavra é constituída pelas leituras da Sagrada Escritura e pelos cânticos que ocorrem entre elas, sendo desenvolvida e concluída pela homilia, a profissão de fé e a oração universal ou dos fiéis. Pois nas leituras explanadas pela homilia Deus fala ao seu povo, revela o mistério da redenção e da salvação, e oferece alimento espiritual; e o próprio Cristo, por sua palavra, se acha presente no meio dos fiéis. Pelos cânticos, o povo se apropria dessa palavra de Deus e a ele adere pela profissão de fé. Alimentado por essa palavra, reza na oração universal pelas necessidades de toda a Igreja e pela salvação do mundo inteiro.

34. Mediante as leituras é preparada para os fiéis a mesa da palavra de Deus e abrem-se para eles os tesouros da Bíblia. Como por tradição o ofício de proferir as leituras não é função presidencial, mas ministerial, convém que via de regra o diácono, ou na falta dele outro sacerdote, leia o Evangelho; o leitor faça as demais leituras. Mas na falta do diácono ou de um outro.

35. Deve-se manifestar a maior veneração por ocasião da leitura do Evangelho. A própria Liturgia o ensina, uma vez que a cerca, mais do que as outras, de honra especial: tanto por parte do ministro delegado para anunciá-la, que se prepara pela benção ou oração, como por parte dos fiéis que pelas aclamações reconhecem e professam que Cristo está presente e lhes fala, e que ouvem de pé a leitura. Realçam-no ainda os sinais de veneração prestados ao livro dos Evangelhos.

36. À primeira leitura segue-se o salmo responsorial ou gradual, que é parte integrante da Liturgia da Palavra. O salmo normalmente é tirado do lecionário, pois cada um de seus textos se acha diretamente ligado à respectiva leitura; assim a escolha do salmo depende das leituras. Mas, para que o povo possa mais facilmente recitar o refrão salmódico, foram escolhidos alguns textos de responsórios e de salmos para os diversos tempos do ano e as várias categorias de Santos, que poderão ser empregados em lugar do texto correspondente à leitura, sempre que o salmo é cantado.

O salmista ou cantor do salmo, na estante ou outro lugar adequado, profere os versículos do salmo perante toda a assembléia que o escuta sentada, geralmente participando pelo refrão, a não ser que o salmo seja proferido de modo direto, isto é, sem refrão.

Quando se canta, pode-se usar, além do salmo marcado no Lecionário, um gradual do Gradual Romano ou um salmo responsorial ou aleluiático do Gradual Simples, como se encontram nesses livros.

37. Após a segunda leitura vem o Aleluia ou outro canto de acordo com o tempo litúrgico:

a) o Aleluia é cantado em todos os tempos, exceto a Quaresma, sendo iniciado por todos ou pela escola ou cantor, podendo ser repetido; os versículos são tirados do Lecionário ou do Gradual;

b) o outro canto consiste num versículo antes do Evangelho ou num segundo salmo ou trato, como se encontram no Lecionário ou no Gradual.

38. Havendo apenas uma leitura antes do Evangelho:

a) no tempo em que se diz o Aleluia, pode haver um salmo aleluiático, ou um salmo e o Aleluia com seu versículo, ou então apenas um salmo ou o Aleluia;

b) no tempo em que não se diz o Aleluia, pode haver um salmo ou um versículo antes do Evangelho.

39. O salmo que ocorre após a leitura, se não for cantado, seja recitado. Mas o Aleluia ou o versículo antes do Evangelho podem ser omitidos, quando não são cantados.

40. As seqüências são facultativas, exceto nos dias da Páscoa e de Pentecostes.

41. A homilia é uma parte da liturgia e vivamente recomendada, sendo indispensável para nutrir a vida cristã. Convém que seja uma explicação de algum aspecto das leituras da Sagrada Escritura ou de um outro texto do Ordinário ou do Próprio da Missa do dia, levando em conta tanto o mistério celebrado, como as necessidades particulares dos ouvintes.

42. Aos domingos e festas de preceito haja homilia em todas as Missas celebradas com participação do povo; também é recomendada nos outros dias, sobretudo nas férias do Advento, Quaresma e Tempo Pascal, como ainda em outras festas e ocasiões em que o povo acorre à Igreja em maior número.

Via de regra é o próprio sacerdote celebrante quem profere a homilia.

43. O símbolo ou profissão de fé, na celebração da Missa, tem por objetivo levar o povo a dar seu assentimento e resposta à palavra de Deus ouvida nas leituras e na homilia, bem como recordar-lhe a regra da fé antes de iniciar a celebração da Eucaristia.

44. O símbolo deve ser dito pelo sacerdote com o povo aos domingos e solenidades; pode-se também dizê-lo em celebrações especiais de caráter mais solene.

Quando cantado, deve sê-lo por todo o povo, seja por inteiro, seja alternadamente.

45. Na oração universal ou oração dos fiéis, exercendo a sua função sacerdotal, o povo suplica por todos os homens. Convém que normalmente se faça esta oração nas Missas com o povo, de tal sorte que se reze: pela Santa Igreja, pelos governantes, pelos que sofrem necessidades, por todos os homens e pela salvação de todo o mundo.

46. Normalmente serão estas as séries de intenções:

- a) pelas necessidades da Igreja,
- b) pelos poderes públicos e pela salvação de todo o mundo,
- c) pelos que sofrem qualquer dificuldade,
- d) pela comunidade local.

No entanto, em algum celebração especial, tal como Confirmação, Matrimônio, Exéquias, as intenções podem referir-se mais estreitamente àquelas circunstâncias.

47. Cabe ao sacerdote celebrante dirigir a oração, convidando os fiéis a rezar, por meio de uma breve exortação, concluindo com uma súplica. Convém que o diácono, o cantor ou algum outro profira as intenções. Toda a assembléia exprime a sua súplica, seja por uma invocação comum após as intenções proferidas, seja por uma oração em silêncio.

Liturgia eucarística: **48.** Na última Ceia, Cristo instituiu o sacrifício e a ceia pascal, que tornam continuamente presente na Igreja o sacrifício da cruz, quando o sacerdote, representante do Cristo Senhor, realiza aquilo mesmo que o Senhor fez e entregou aos discípulos para que o fizessem em sua memória.

Cristo, na verdade, tomou o pão e o cálice, deu graças, partiu o pão e deu-o a seus discípulos dizendo: Tomai, comei, bebei; isto é o meu Corpo; este é o cálice do meu Sangue. Fazei isto em memória de mim. Por isso a Igreja dispôs toda a celebração da liturgia eucarística em partes que correspondem às palavras e gestos de Cristo. De fato:

1) na preparação das oferendas levam-se ao altar o pão e o vinho com água, isto é, aqueles elementos que Cristo tomou em suas mãos;

2) na Oração Eucarística rendem-se graças a Deus por toda a obra salvífica, e as oferendas tornam-se Corpo e Sangue de Cristo;

3) pela fração do mesmo pão manifesta-se a unidade dos fiéis, e pela comunhão recebem o Corpo e o Sangue do Senhor como os Apóstolos o receberam das mãos do próprio Cristo.

49. No início da liturgia eucarística são levadas ao altar as oferendas que se converterão no Corpo e Sangue de Cristo.

Em primeiro lugar prepara-se o altar ou mesa do Senhor, que é o centro de toda a liturgia eucarística, colocando-se nele o corporal, o purificador, o cálice e o missal, a não ser que se prepare na credência.

A seguir trazem-se as oferendas. É louvável que os fiéis apresentem o pão e o vinho que o sacerdote ou o diácono recebem em lugar conveniente e depõem sobre o altar, proferindo as fórmulas estabelecidas. Embora os fiéis já não tragam de casa, como outrora, o pão e o vinho destinados à liturgia, o rito de levá-los ao altar conserva a mesma força e significado espiritual.

Também são recebidos o dinheiro ou outros donativos oferecidos pelos fiéis para os pobres ou para a igreja, ou recolhidos no recinto da mesma; serão, no entanto, colocados em lugar conveniente, fora da mesa eucarística.

50. O canto do ofertório acompanha a procissão das oferendas e se prolonga pelo menos até que os dons tenham sido colocados sobre o altar. As normas relativas ao modo de cantar são as mesmas que para o canto da entrada. Omite-se a antífona do ofertório, quando não for cantada.

51. Podem-se incensar as oferendas colocadas no altar, bem como o próprio altar, para simbolizar-se deste modo que a oferenda e a oração da Igreja sobem, qual incenso, à presença de Deus. Também o sacerdote e o povo podem ser incensados pelo diácono ou por outro ministro, depois de incensadas as oferendas e o altar.

52. Em seguida o sacerdote lava as mãos, exprimindo por esse rito o seu desejo de purificação interior.

53. Depositadas as oferendas sobre o altar e terminados os ritos que as acompanham, conclui-se a preparação dos dons e prepara-se a Oração Eucarística com o convite aos fiéis a rezarem com o sacerdote, e com a oração sobre as oferendas.

Oração eucarística: **54.** Inicia-se agora a Oração Eucarística, centro e ápice de toda a celebração, prece de ação de graças e santificação. O sacerdote convida o povo a elevar os corações ao Senhor na oração e ação de graças e o associa à prece que dirige a Deus Pai por Jesus Cristo em nome de toda a comunidade. O sentido desta oração é que toda a assembléia se una com Cristo na proclamação das maravilhas de Deus e na oblação do sacrifício.

55. Podem distinguir-se do seguinte modo os principais elementos que compõem a Oração Eucarística:

- a) a ação de graças (expressa principalmente no Prefácio) em que o sacerdote, em nome de todo o povo santo, glorifica a Deus e lhe rende graças por toda a obra da salvação ou por um dos seus aspectos, de acordo com o dia, a festa ou o tempo.
- b) a aclamação, pela qual toda a assembléia, unindo-se aos espíritos celestes, canta ou recita o Sanctus; esta aclamação, parte da própria Oração Eucarística, é proferida por todo o povo com o sacerdote;

c) a epiclese, na qual a Igreja implora por meio de invocações especiais o poder divino, para que os dons oferecidos pelos homens sejam consagrados, isto é, se tornem o Corpo e Sangue de Cristo, e que a hóstia imaculada se torne a salvação daqueles que vão recebê-la em comunhão;

d) a narrativa da instituição e consagração, quando pelas palavras e ações de Cristo se realiza o sacrifício que ele instituiu na última Ceia, ao oferecer o seu Corpo e Sangue sob as espécies de pão e vinho, e entregá-los aos Apóstolos como comida e bebida, dando-lhes a ordem de perpetuar este mistério;

e) a anamnese, pela qual, cumprindo a ordem recebida do Cristo Senhor através dos apóstolos, a Igreja faz a memória do próprio Cristo, lembrando principalmente a sua bem-aventurada paixão, a gloriosa ressurreição e a Ascensão aos céus;

f) a oblação, pela qual a Igreja, em particular a assembléia atualmente reunida, realizando esta memória, oferece ao Pai, no Espírito Santo, a hóstia imaculada; ela deseja, porém, que os fiéis não apenas ofereçam a hóstia imaculada, mas aprendam a oferecer-se a si próprios, e se aperfeiçoem, cada vez mais, pela mediação do Cristo, na união com Deus e com o próximo, para que finalmente Deus seja tudo em todos;

g) as intercessões, pelas quais se exprime que a Eucaristia é celebrada em comunhão com toda a Igreja, tanto celeste como terrestre, que a oblação é feita por ela e por todos os seus membros vivos e mortos, que foram chamados a participar da redenção e da salvação obtidas pelo Corpo e Sangue de Cristo;

h) a doxologia final que exprime a glorificação de Deus, e é confirmada e concluída pela aclamação do povo.

Exige a Oração Eucarística que todos a escutem com reverência e em silêncio, dela participando pelas aclamações previstas no próprio rito.

56. Sendo a celebração eucarística a ceia pascal, convém que, segundo a ordem do Senhor, o seu Corpo e Sangue sejam recebidos como alimento espiritual pelos fiéis devidamente preparados. Esta é a finalidade da fração do pão e os outros ritos preparatórios, pelos quais os fiéis são imediatamente encaminhados à Comunhão:

a) a oração do Senhor: nesta oração pede-se o pão de cada dia, que lembra para os cristãos o pão eucarístico e pede-se a purificação dos pecados, a fim de que as coisas santas sejam verdadeiramente dadas aos santos. O sacerdote profere o convite, todos os fiéis recitam a oração com o celebrante, e ele acrescenta sozinho o embolismo, que o povo encerra com a doxologia. Desenvolvendo o último pedido do Pai-nosso, o embolismo suplica que toda a comunidade dos fiéis seja libertada do poder do mal. O convite, a oração, o embolismo e a doxologia com que o povo encerra o rito são cantados ou proferidos em voz alta;

b) segue-se o rito da paz no qual os fiéis imploram a paz e a unidade para a Igreja e toda a família humana, e exprimem mutuamente a caridade, antes de participar do mesmo pão; quanto ao próprio rito da paz, seja estabelecido pelas Conferências Episcopais de acordo com a índole e os costumes dos povos, o modo de realizá-lo;

c) o gesto de partir o pão, realizado por Cristo na última Ceia, deu nome a toda a ação eucarística na época apostólica; este rito possui não apenas uma razão prática, mas significa que nós, sendo muitos, pela comunhão do único Pão da vida, que é o Cristo, formamos um único corpo (1Cor 10,17);

d) a mistura do pão com o vinho: o sacerdote coloca no cálice uma partícula da hóstia;

e) o Agnus Dei: durante a fração do pão e sua mistura com o vinho, a escola ou o cantor canta a invocação Agnus Dei, à qual o povo responde; se não for cantada, seja dita em voz alta. Para acompanhar o rito da fração do pão, pode-se repetir essa invocação quantas vezes for necessário, terminando-se sempre com as palavras dai-nos a paz;

f) a preparação particular do sacerdote: rezando em voz baixa o sacerdote se prepara para receber frutuosamente o Corpo e Sangue de Cristo. Os fiéis fazem o mesmo, rezando em silêncio;

g) a seguir o sacerdote mostra aos fiéis o pão eucarístico que será recebido na Comunhão e convida-os à ceia de Cristo; e, unindo-se aos fiéis, faz uma ato de humildade, usando as palavras do Evangelho;

h) é muito recomendável que os fiéis recebam o Corpo do Senhor em hóstias consagradas na mesma Missa e participem do cálice nos casos previstos, para que, também através dos sinais, a Comunhão se manifeste mais claramente como participação do Sacrifício celebrado;

i) enquanto o sacerdote e os fiéis recebem o Sacramento, entoa-se o canto da Comunhão, que exprime, pela unidade das vozes, a união espiritual dos comungantes, demonstra a alegria dos corações e torna mais fraternal a procissão dos que vão receber o Corpo de Cristo. O canto começa quando o sacerdote comunga, prolongando-se oportunamente, enquanto os fiéis recebem o Corpo de Cristo. Havendo porém um hino após a Comunhão, encerre-se em tempo o canto da Comunhão.

Pode-se empregar a antífona do Gradual Romano, com o salmo ou sem salmo, ou a antífona com o salmo do Gradual Simples, ou outro canto adequado, aprovado pela Conferência Episcopal. O canto é executado só pela escola, ou pela escola ou cantor junto com o povo.

Não havendo canto, a antífona proposta no Missal é recitada pelos fiéis, ou por alguns dentre eles, ou pelo leitor, ou então pelo próprio sacerdote, depois de ter comungado, antes de distribuir a Comunhão aos fiéis;

j) terminada a distribuição da Comunhão, se for oportuno, o sacerdote e os fiéis oram por algum tempo em silêncio, podendo a assembléia entoar ainda um hino, ou outro canto de louvor;

k) na oração depois da comunhão, o sacerdote implora os frutos do mistério celebrado, e o povo, pela aclamação Amém, faz sua a oração.

Rito de encerramento: **57.** O rito de encerramento consta:

a) da saudação e bênção do sacerdote, que em certos dias e ocasiões é enriquecida e expressa pela oração sobre o povo, ou por outra fórmula mais solene;

b) da própria despedida, em que se despede a assembléia, a fim de que todos voltem às suas atividades louvando e bendizendo o Senhor com suas boas obras".

Nota:91

IGMR 1: “A celebração da Missa, como ação de Cristo e do povo de Deus hierarquicamente ordenado, é o centro de toda a vida cristã tanto para a Igreja universal como local, e também para cada um dos fiéis. Pois nela se encontra tanto o ápice da ação pela qual Deus santifica o mundo em Cristo, como o do culto que os homens oferecem ao Pai, adorando-o pelo Cristo, Filho de Deus. Além disso, nela são de tal modo lembrados, no decorrer do ano, os mistérios da redenção, que eles se tornam de certo modo presentes. As demais ações sagradas e todas as atividades da vida cristã a ela estão ligadas, dela decorrendo ou a ela sendo ordenadas”.

Nota:92

cf. **SC 28:** “Em todas as celebrações litúrgicas, ministro e fiéis, no desempenho de sua função, façam somente aquilo e tudo aquilo que convém à natureza da ação, de acordo com as normas litúrgicas”.

Nota:93

cf. **IGMR, 65-69:** “65. O acólito é instituído para servir ao altar e auxiliar o sacerdote e o diácono. Compete-lhe principalmente preparar o altar e os vasos sagrados, bem como distribuir aos fiéis a Eucaristia, da qual é ministro extraordinário.

66. O leitor é instituído para proferir as leituras da Sagrada Escritura, exceto o Evangelho. Pode igualmente propor as intenções para a oração dos fiéis e, faltando o salmista, recitar o salmo entre as leituras.

O leitor possui na celebração eucarística uma função própria, que ele mesmo deve desempenhar, ainda que estejam presentes ministros de ordem superior.

Para que os fiéis, ao ouvirem as leituras divinas, concebam no coração um suave e vivo afeto pelas Sagradas Escrituras, é necessário que os leitores, mesmo que não tenham sido instituídos para isso, sejam realmente capazes de desempenhá-la e se preparem cuidadosamente.

67. Compete ao salmista proclamar o salmo ou outro cântico bíblico colocado entre as leituras. Para bem exercer a sua função é necessário que saiba salmodiar e tenha boa pronúncia e dicção.

68. Os outros ministros exercem funções no presbitério ou fora dele.

No presbitério: os que são designados como ministros extraordinários para administrar a Comunhão bem como os que levam o Missal, a cruz, os castiçais, o pão, o vinho, a água e o turíbulo.

Fora do presbitério:

a) O comentador, que dirige aos fiéis explicações e exortações visando a introduzi-los na celebração e dispô-los para entendê-la melhor. Convém que as exortações do comentador sejam cuidadosamente preparadas, sóbrias e claras.

Ao desempenhar seu cargo, fica em pé em lugar adequado, voltado para os fiéis, mas é menos conveniente que suba à estante.

b) Os que, em certas regiões, acolhem os fiéis às portas da igreja e os levam aos seus lugares e organizam as suas procissões.

c) Os que fazem as coletas na igreja.

69. É conveniente, sobretudo nas igrejas e comunidades maiores, que haja alguém designado como cerimonário a fim de que as ações sagradas sejam devidamente organizadas e exercidas com decoro, ordem e piedade pelos ministros”.

Nota:94

cf. **IGMR, 313:** “A eficácia pastoral da celebração aumentará certamente, se os textos das leituras, das orações e dos cânticos corresponderem, na medida do possível, às necessidades, à preparação espiritual e à mentalidade dos participantes. Isto se obterá mais facilmente usando-se a múltipla possibilidade de escolha que se descreve adiante.

Por isso, na organização da Missa, o sacerdote levará mais em conta o bem espiritual de toda a assembléia do que o seu próprio gosto. Lembre-se ainda de que a escolha das diversas partes deve ser feita de comum acordo com os ministros e todos os que exerçam alguma função especial, inclusive os fiéis naquilo que se refere a eles de modo mais direto.

Sendo muito grande a possibilidade de escolha para as diversas partes da Missa, é necessário que antes da celebração o diácono, os leitores, o salmista, o cantor, o comentador, a escola saibam cada um quais os textos que lhes competem, para que nada se faça de improviso, pois a harmoniosa organização e execução dos ritos muito contribuem para dispor os fiéis à participação da Eucaristia”.

Nota:95

cf. **IGMR, 25:** “Reunido o povo, enquanto o sacerdote entra com os ministros, começa o canto de entrada. A finalidade desse canto é abrir a celebração, promover a união da assembléia, introduzir no mistério do tempo litúrgico ou da festa, e acompanhar a procissão do sacerdote e dos ministros”.

Nota:96

cf. **IGMR, 82-84:** “82. Reunido o povo, o sacerdote e os ministros paramentados dirigem-se ao altar na seguinte ordem:

a) o ministro com o turíbulo aceso, quando se usa incenso;

b) os ministros que, se for oportuno, trazem as velas e entre eles, sendo o caso, outro ministro com a cruz;

c) os acólitos e outros ministros;

d) o leitor, que poderá levar o livro dos Evangelhos;

e) o sacerdote que vai celebrar a Missa.

Antes de iniciar a procissão, o sacerdote, se for o caso, põe incenso no turíbulo.

83. Enquanto se faz a procissão para o altar, canta-se o cântico de entrada (cf. nos. 25-26).

84. Chegando ao altar, o sacerdote e os ministros fazem a devida reverência, isto é, inclinação profunda, ou genuflexão, quando houver tabernáculo com o Santíssimo Sacramento.

Se a cruz for levada na procissão, será colocada junto ao altar ou noutro lugar apropriado; os candelabros levados pelos ministros serão colocados junto ao altar ou sobre a credência; o livro dos Evangelhos, sobre o altar”.

Nota:97

cf. **Diretório das Missas com Crianças, 34**: “Entre os gestos, merecem menção especial as procissões e outras ações que implicam na participação do corpo.

A entrada processional do sacerdote junto com as crianças pode ser útil para fazê-las sentir melhor o vínculo de comunhão que então se estabelece; a participação, ao menos de algumas crianças, na procissão do Evangelho, torna mais significativa a presença de Cristo que proclama a Palavra a seu povo; a procissão das crianças com o cálice e as oferendas expressa melhor o sentido da preparação dos dons; a procissão da comunhão, bem organizada, ajudará a aumentar a piedade das crianças”.

Nota:98

cf. **IGMR, 26**: “Podemos encontrar apoio para esta posição no fato de que quando não há canto à entrada, o sacerdote lê a antífona proposta pelo Missal após a saudação.

O canto é executado alternadamente pela escola dos cantores e pelo povo, ou pelo cantor e pelo povo, ou só pelo povo ou só pela escola. Pode-se usar ou a antífona com seu salmo, do Gradual Romano ou do Gradual Simples, ou então outro cântico condizente com a ação sagrada e com a índole do dia ou do tempo, cujo texto tenha sido aprovado pela Conferência Episcopal.

Não havendo canto à entrada, a antífona proposta no Missal é recitada pelos fiéis, ou por alguns deles, ou pelo leitor; ou então, pelo próprio sacerdote, após a saudação”.

Nota:99

cf. **IGMR, 28**: “Executado o canto de entrada, o sacerdote e toda a assembléia fazem o sinal da cruz. A seguir o sacerdote, pela saudação, expressa à comunidade reunida a presença do Senhor. Esta saudação e a resposta do povo exprimem o mistério da Igreja reunida”.

Nota:100

cf. **IGMR, 29 e 86**: “29. Após a saudação do povo, o sacerdote ou um outro ministro idôneo poderá, com breves palavras, introduzir os fiéis na Missa do dia. Em seguida, o sacerdote convida ao ato penitencial, realizado então por toda a comunidade por uma confissão geral, sendo concluído com a absolvição dada pelo sacerdote.

86. Em seguida, o sacerdote dirige-se à cadeira. Terminado o canto de entrada e estando todos de pé, o sacerdote e os fiéis fazem o sinal da cruz. O sacerdote diz: *Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo*. O povo responde: *Amém*.

Voltado para o povo e abrindo os braços, o sacerdote saúda-o com uma das fórmulas propostas. E ele mesmo, ou outro ministro idôneo, pode, com brevíssimas palavras, introduzir os fiéis na Missa do dia”.

Nota:101

cf. **IGMR, 29**: “Após a saudação do povo, o sacerdote ou um outro ministro idôneo poderá, com breves palavras, introduzir os fiéis na Missa do dia. Em seguida, o sacerdote convida ao ato penitencial, realizado então por toda a comunidade por uma confissão geral, sendo concluído com a absolvição dada pelo sacerdote”.

Nota:102

cf. **IGMR, 24**: “As partes que precedem a Liturgia da Palavra, isto é, entrada, saudação, ato penitencial, Kyrie, Glória e coleta, têm o caráter de exórdio, introdução e preparação.

Esses ritos têm por finalidade fazer com que os fiéis, reunindo-se em assembléia, constituam uma comunhão e se disponham para ouvir atentamente a palavra de Deus e celebrar dignamente a Eucaristia”.

Nota:103

cf. **Missal Romano, Apêndice**.

Nota:104

cf. **Missal Romano, Ordinário da Missa, n 3**.

Nota:105

IGMR, 30: “Depois do ato penitencial inicia-se o Kyrie, eleison, a não ser que já tenha sido rezado no próprio ato penitencial. Tratando-se de um canto em que os fiéis aclamam o Senhor e imploram a sua misericórdia, é normalmente executado por todos, participando dele o povo e a escola ou o cantor.

Via de regra, cada aclamação é repetida duas vezes, não se excluindo porém, por causa da índole das diversas línguas ou da música e das circunstâncias, um número maior de repetições ou a intercalação de um breve tropo. Se o Kyrie não for cantado, seja recitado”.

Nota:106

IGMR, 32: “A seguir o sacerdote convida o povo a rezar; todos se conservam em silêncio com o sacerdote por alguns instantes, tomando consciência de que estão na presença de Deus e formulando interiormente os seus pedidos. Depois o sacerdote diz a oração que se costuma chamar coleta. Ela exprime a índole da celebração e dirige pelas palavras do celebrante uma súplica a Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo.

O povo, unindo-se à súplica do sacerdote e dando-lhe o seu assentimento, faz sua a oração pela aclamação *Amém*.

Na Missa diz-se uma única coleta; valendo o mesmo para as orações sobre as oferendas e depois da comunhão.

A Coleta termina pela conclusão longa, isto é: quando se dirige ao Pai: *Per Dominum nostrum Jesum Christum Filium tuum, qui tecum vivit et regnat in unitate Spiritus Sancti, Deus, per omnia saecula saeculorum*;

quando se dirige ao Pai, mas no final menciona o Filho: *Qui tecum vivit et regnat in unitate Spiritus Sancti, Deus, per omnia saecula saeculorum*;

quando se dirige ao Filho: *Quis vivit et regnas cum Deo Patre in unitate Spiritus Sancti, Deus, per omnia saecula saeculorum*.

As orações sobre as oferendas e depois da Comunhão terminam com a conclusão breve, ou seja:

quando dirigidas ao Pai: *Per Christum Dominum nostrum*;

quando dirigidas ao Pai, mas no final mencionam o Filho: *Qui vivit et regnat in saecula saeculorum*;

quando dirigidas ao Filho: *Qui vivit et regnas in saecula saeculorum*".

Nota:107

cf. **Diretório das Missas com Crianças, 51, nota 44**: "Algumas vezes não basta esta livre escolha, para que as crianças possam considerar as orações como expressão de sua própria vida e de sua experiência religiosa, pois as orações foram feitas para os fiéis adultos. Neste caso nada impede que se adapte o texto do Missal Romano às necessidades das crianças, respeitando, entretanto, sua finalidade e, de certa maneira, sua substância, e evitando tudo o que é estranho ao gênero literário de uma oração presidencial, como, por exemplo, exortações moralizantes e formas de falar demasiado pueris.

Nota 44: Entre os critérios de seleção dos textos bíblicos, há que se pensar mais na qualidade que na quantidade. Uma leitura breve nem sempre é por si mesma a mais adequada à capacidade das crianças que uma leitura mais prolongada. Tudo depende da utilidade espiritual que a leitura lhes pode proporcionar".

Nota:108

cf. **Diretório das Missas com Crianças, 51, nota 44**: "Algumas vezes não basta esta livre escolha, para que as crianças possam considerar as orações como expressão de sua própria vida e de sua experiência religiosa, pois as orações foram feitas para os fiéis adultos. Neste caso nada impede que se adapte o texto do Missal Romano às necessidades das crianças, respeitando entretanto, sua finalidade e, de certa maneira, sua substância, e evitando tudo o que é estranho ao gênero literário de uma oração presidencial, como, por exemplo, exortações moralizantes e formas de falar demasiado pueris.

Nota 44: Entre os critérios de seleção dos textos bíblicos, há que se pensar mais na qualidade que na quantidade. Uma leitura breve nem sempre é por si mesma a mais adequada à capacidade das crianças que uma leitura mais prolongada. Tudo depende da utilidade espiritual que a leitura lhes pode proporcionar".

Nota:109

cf. **Diretório das Missas com Crianças, 47**: "Grande importância merecem os diversos elementos que servem para a melhor compreensão das leituras bíblicas, a fim de que as crianças possam assimilá-las e compreendam, cada vez melhor, a dignidade da Palavra de Deus.

Entre estes elementos estão as monições que precedem as leituras e dispõem as crianças para ouvir atenta e frutuosamente, seja explicando o contexto, seja conduzindo ao próprio texto. Se a Missa é do santo do dia, para a compreensão e ilustração das leituras da Sagrada Escritura pode-se narrar algo referente à vida do santo não só na homilia, como também nas monições antes das leituras bíblicas.

Quando o texto da leitura assim o permitir, pode ser útil distribuir entre várias crianças suas diversas partes, tal como se costuma fazer para a proclamação da paixão do Senhor na semana santa".

Nota:110

cf. **IGMR, 318**: "Para os domingos e solenidades estão marcadas três leituras, isto é: do Profeta, do Apóstolo e do Evangelho, que levam o povo fiel a compreender a continuidade da obra da Salvação, segundo a admirável pedagogia divina.

Portanto, é muito desejável que estas três leituras sejam realmente feitas; contudo, por motivos de ordem pastoral e decisão da Conferência Episcopal, pode-se permitir em algumas regiões o uso de apenas duas leituras. Quando se deve escolher entre as duas primeiras leituras, considerem-se as normas propostas no Lecionário e a intenção de levar os fiéis a um maior conhecimento das Escrituras. Jamais se escolha um texto unicamente por ser mais breve ou mais fácil".

Nota:111

cf. **IGMR, 318**: "Para os domingos e solenidades estão marcadas três leituras, isto é: do Profeta, do Apóstolo e do Evangelho, que levam o povo fiel a compreender a continuidade da obra da Salvação, segundo a admirável pedagogia divina.

Portanto, é muito desejável que estas três leituras sejam realmente feitas; contudo, por motivos de ordem pastoral e decisão da Conferência Episcopal, pode-se permitir em algumas regiões o uso de apenas duas leituras. Quando se deve escolher entre as duas primeiras leituras, considerem-se as normas propostas no Lecionário e a intenção de levar os fiéis a um maior conhecimento das Escrituras. Jamais se escolha um texto unicamente por ser mais breve ou mais fácil".

Nota:112

cf. **IGMR, 35**: "Deve-se manifestar a maior veneração por ocasião da leitura do Evangelho. A própria Liturgia o ensina, uma vez que a cerca, mais do que as outras, de honra especial: tanto por parte do ministro delegado para anunciá-la, que se prepara pela benção ou oração, como por parte dos fiéis que pelas aclamações reconhecem e professam que Cristo está presente e lhes fala, e que ouvem de pé a leitura. Realçam-no ainda os sinais de veneração prestados ao livro dos Evangelhos".

Nota:113

IGMR, 95: "Na estante, o sacerdote abre o livro e diz: *O Senhor esteja convosco*, e a seguir, *Evangelho de Jesus Cristo segundo N.*, fazendo com o polegar o sinal da cruz sobre o livro e sobre si mesmo, na frente, na boca e no peito. Então incensa o livro, se usar incenso. Após a aclamação do povo, proclama o Evangelho. Ao terminar, beija o livro, dizendo em voz baixa: *Que as palavras do Evangelho perdoem os nossos pecados*. Após o Evangelho, faz-se a aclamação do povo, segundo o costume da região".

Nota:114

cf. **IGMR, 36**: "À primeira leitura segue-se o salmo responsorial ou gradual, que é parte integrante da Liturgia da Palavra. O salmo normalmente é tirado do lecionário, pois cada um de seus textos se acha diretamente ligado à respectiva leitura; assim a escolha do salmo depende das leituras. Mas, para que o

povo possa mais facilmente recitar o refrão salmódico, foram escolhidos alguns textos de responsórios e de salmos para os diversos tempos do ano e as várias categorias de Santos, que poderão ser empregados em lugar do texto correspondente à leitura, sempre que o salmo é cantado.

O salmista ou cantor do salmo, na estante ou outro lugar adequado, profere os versículos do salmo perante toda a assembléia que o escuta sentada, geralmente participando pelo refrão, a não ser que o salmo seja proferido de modo direto, isto é, sem refrão.

Quando se canta, pode-se usar, além do salmo marcado no Lecionário, um gradual do Gradual Romano ou um salmo responsorial ou aleluiático do Gradual Simples, como se encontram nesses livros".

Nota:115

CDC, cân. 767, § 1: "Entre as formas de pregação, destaca-se a homilia, que é parte da própria liturgia e se reserva ao sacerdote ou diácono; nela se devem expor, ao longo do ano litúrgico, a partir do texto sagrado, os mistérios da fé e as normas da vida cristã".

Nota:116

cf. **Puebla 930 e 943:** "930.A homilia, como parte da liturgia, é ocasião privilegiada para se expor o mistério de Cristo no aqui e agora da comunidade, partindo dos textos sagrados, relacionando-os com o sacramento e aplicando-os à vida concreta. Sua preparação deve ser esmerada e sua duração, proporcionada às outras partes da celebração.

943. Procurar oferecer aos presidentes das celebrações litúrgicas condições aptas para aprimorarem sua função e conseguirem uma comunicação viva com a assembléia; pôr um especial esmero na preparação da homilia, cujo valor evangelizador é grande".

Nota:117

cf. **IGMR, 41:** "A homilia é uma parte da liturgia e vivamente recomendada, sendo indispensável para nutrir a vida cristã. Convém que seja uma explicação de algum aspecto das leituras da Sagrada Escritura ou de um outro texto do Ordinário ou do Próprio da Missa do dia, levando em conta tanto o mistério celebrado, como as necessidades particulares dos ouvintes".

Nota:118

cf. **Diretório das Missas com Crianças, 24:** "Como a Eucaristia sempre é uma ação de toda a comunidade eclesial, convém que participem da Missa também alguns adultos, não como vigias, senão orando com as crianças e para prestara ajuda que seja necessária".

Nota:119

cf. **IGMR, 43:** "O símbolo ou profissão de fé, na celebração da Missa, tem por objetivo levar o povo a dar seu assentimento e resposta à palavra de Deus ouvida nas leituras e na homilia, bem como recordar-lhe a regra da fé antes de iniciar a celebração da Eucaristia".

Nota:120

IGMR, 46: "Normalmente serão estas as séries de intenções:

- a) pelas necessidades da Igreja,
- b) pelos poderes públicos e pela salvação de todo o mundo,
- c) pelos que sofrem qualquer dificuldade,
- d) pela comunidade local.

No entanto, em algum celebração especial, tal como Confirmação, Matrimônio, Exéquias, as intenções podem referir-se mais estreitamente àquelas circunstâncias".

Nota:121

cf. **IGMR, 47:** "Cabe ao sacerdote celebrante dirigir a oração, convidando os fiéis a rezar, por meio de uma breve exortação, concluindo com uma súplica. Convém que o diácono, o cantor ou algum outro profira as intenções. Toda a assembléia exprime a sua súplica, seja por uma invocação comum após as intenções proferidas, seja por uma oração em silêncio".

Nota:122

cf. **IGMR, 56j, 48:** "56j. Terminada a distribuição da Comunhão, se for oportuno, o sacerdote e os fiéis oram por algum tempo em silêncio, podendo a assembléia entoar ainda um hino, ou outro canto de louvor;

48. Na última Ceia, Cristo instituiu o sacrifício e a ceia pascal, que tornam continuamente presente na Igreja o sacrifício da cruz, quando o sacerdote, representante do Cristo Senhor, realiza aquilo mesmo que o Senhor fez e entregou aos discípulos para que o fizessem em sua memória.

Cristo, na verdade, tomou o pão e o cálice, deu graças, partiu o pão e deu-o a seus discípulos dizendo: Tomai, comei, bebei; isto é o meu Corpo; este é o cálice do meu Sangue. Fazei isto em memória de mim. Por isso a Igreja dispôs toda a celebração da liturgia eucarística em partes que correspondem às palavras e gestos de Cristo. De fato:

- 1) na preparação das oferendas levam-se ao altar o pão e o vinho com água, isto é, aqueles elementos que Cristo tomou em suas mãos;
- 2) na Oração Eucarística rendem-se graças a Deus por toda a obra salvífica, e as oferendas tornam-se Corpo e Sangue de Cristo;
- 3) pela fração do mesmo pão manifesta-se a unidade dos fiéis, e pela comunhão recebem o Corpo e o Sangue do Senhor como os Apóstolos o receberam das mãos do próprio Cristo".

Nota:123

IGMR, 49: "No início da liturgia eucarística são levadas ao altar as oferendas que se converterão no Corpo e Sangue de Cristo.

Em primeiro lugar prepara-se o altar ou mesa do Senhor, que é o centro de toda a liturgia eucarística, colocando-se nele o corporal, o purificador, o cálice e o missal, a não ser que se prepare na credência.

A seguir trazem-se as oferendas. É louvável que os fiéis apresentem o pão e o vinho que o sacerdote ou o diácono recebem em lugar conveniente e depõem sobre o altar, proferindo as fórmulas estabelecidas. Embora os fiéis já não tragam de casa, como outrora, o pão e o vinho destinados à liturgia, o rito de levá-los ao altar conserva a mesma força e significado espiritual.

Também são recebidos o dinheiro ou outros donativos oferecidos pelos fiéis para os pobres ou para a igreja, ou recolhidos no recinto da mesma; serão, no entanto, colocados em lugar conveniente, fora da mesa eucarística”.

Nota:124

IGMR, 49; cf. n 101: “49. No início da liturgia eucarística são levadas ao altar as oferendas que se converterão no Corpo e Sangue de Cristo.

Em primeiro lugar prepara-se o altar ou mesa do Senhor, que é o centro de toda a liturgia eucarística, colocando-se nele o corporal, o purificador, o cálice e o missal, a não ser que se prepare na credência.

A seguir trazem-se as oferendas. É louvável que os fiéis apresentem o pão e o vinho que o sacerdote ou o diácono recebem em lugar conveniente e depõem sobre o altar, proferindo as fórmulas estabelecidas. Embora os fiéis já não tragam de casa, como outrora, o pão e o vinho destinados à liturgia, o rito de levá-los ao altar conserva a mesma força e significado espiritual.

Também são recebidos o dinheiro ou outros donativos oferecidos pelos fiéis para os pobres ou para a igreja, ou recolhidos no recinto da mesma; serão, no entanto, colocados em lugar conveniente, fora da mesa eucarística.

Nota 101: Convém que a participação dos fiéis se manifeste através da oferta do pão e vinho para a celebração da Eucaristia, ou de outras dádivas para prover às necessidades da igreja e dos pobres.

As oblações dos fiéis são recebidas de maneira apropriada pelo sacerdote, auxiliado pelos ministros, e colocadas em lugar adequado; o pão e o vinho para a Eucaristia, por sua vez, são levados ao altar”.

Nota:125

IGMR, 49: “No início da liturgia eucarística são levadas ao altar as oferendas que se converterão no Corpo e Sangue de Cristo.

Em primeiro lugar prepara-se o altar ou mesa do Senhor, que é o centro de toda a liturgia eucarística, colocando-se nele o corporal, o purificador, o cálice e o missal, a não ser que se prepare na credência.

A seguir trazem-se as oferendas. É louvável que os fiéis apresentem o pão e o vinho que o sacerdote ou o diácono recebem em lugar conveniente e depõem sobre o altar, proferindo as fórmulas estabelecidas. Embora os fiéis já não tragam de casa, como outrora, o pão e o vinho destinados à liturgia, o rito de levá-los ao altar conserva a mesma força e significado espiritual.

Também são recebidos o dinheiro ou outros donativos oferecidos pelos fiéis para os pobres ou para a igreja, ou recolhidos no recinto da mesma; serão, no entanto, colocados em lugar conveniente, fora da mesa eucarística”.

Nota:126

cf. **CNBB, Igreja: Comunhão e Missão, Doc. 40, n 265:** “Por ocasião do ofertório da Missa já há uma tradição de associar à apresentação do pão “fruto da terra e do trabalho do homem”, como matéria para a celebração da Eucaristia, também outros objetos, símbolos da realidade social e cultural da comunidade. Esta relação entre liturgia (culto) e cultura deve ser explorada para facilitar a inculturação da fé”.

Nota:127

IGMR, 55f: “A oblação, pela qual a Igreja, em particular a assembléia atualmente reunida, realizando esta memória, oferece ao Pai, no Espírito Santo, a hóstia imaculada; ela deseja, porém, que os fiéis não apenas ofereçam a hóstia imaculada, mas aprendam a oferecer-se a si próprios, e se aperfeiçoem, cada vez mais, pela mediação do Cristo, na união com Deus e com o próximo, para que finalmente Deus seja tudo em todos”.

Nota:128

cf. **Missal Romano, Ordinário da Missa, nn.22-25:** “22. Entre os gestos incluem-se também os movimentos do sacerdote que se aproxima do altar, da apresentação das oferendas, e da aproximação dos fiéis para receberem a comunhão. Convém que tais ações sejam realizadas com dignidade, enquanto se executam cantos apropriados, segundo as normas estabelecidas para cada uma.

23. Oportunamente, como parte da celebração deve-se observar o silêncio sagrado. A sua natureza depende do momento em que ocorre em cada celebração. Assim, no ato penitencial e após o convite à oração, cada fiel se recolhe; após uma leitura ou a homilia, meditam brevemente o que ouviram; após a Comunhão, enfim, louvam e rezam a Deus no íntimo do coração.

24. As partes que precedem a Liturgia da Palavra, isto é, entrada, saudação, ato penitencial, Kyrie, Glória e coleta, têm o caráter de exórdio, introdução e preparação.

Esses ritos têm por finalidade fazer com que os fiéis, reunindo-se em assembléia, constituam uma comunhão e se disponham para ouvir atentamente a palavra de Deus e celebrar dignamente a Eucaristia.

25. Reunido o povo, enquanto o sacerdote entra com os ministros, começa o canto de entrada. A finalidade desse canto é abrir a celebração, promover a união da assembléia, introduzir no mistério do tempo litúrgico ou da festa, e acompanhar a procissão do sacerdote e dos ministros”.

Nota:129

cf. **IGMR, 50:** “O canto do ofertório acompanha a procissão das oferendas e se prolonga pelo menos até que os dons tenham sido colocados sobre o altar. As normas relativas ao modo de cantar são as mesmas que para o canto da entrada. Omite-se a antífona do ofertório, quando não for cantada”.

Nota:130

cf. **IGMR, 55:** “Podem distinguir-se do seguinte modo os principais elementos que compõem a Oração Eucarística:

a) a ação de graças (expressa principalmente no Prefácio) em que o sacerdote, em nome de todo o povo santo, glorifica a Deus e lhe rende graças por toda a obra da salvação ou por um dos seus aspectos, de acordo com o dia, a festa ou o tempo.

b) a aclamação, pela qual toda a assembléia, unindo-se aos espíritos celestes, canta ou recita o Sanctus; esta aclamação, parte da própria Oração Eucarística, é proferida por todo o povo com o sacerdote;

c) a epiclese, na qual a Igreja implora por meio de invocações especiais o poder divino, para que os dons oferecidos pelos homens sejam consagrados, isto é, se tornem o Corpo e Sangue de Cristo, e que a hóstia imaculada se torne a salvação daqueles que vão recebê-la em comunhão;

d) a narrativa da instituição e consagração, quando pelas palavras e ações de Cristo se realiza o sacrifício que ele instituiu na última Ceia, ao oferecer o seu Corpo e Sangue sob as espécies de pão e vinho, e entregá-los aos Apóstolos como comida e bebida, dando-lhes a ordem de perpetuar este mistério;

e) a anamnese, pela qual, cumprindo a ordem recebida do Cristo Senhor através dos apóstolos, a Igreja faz a memória do próprio Cristo, relembrando principalmente a sua bem-aventurada paixão, a gloriosa ressurreição e a Ascensão aos céus;

f) a oblação, pela qual a Igreja, em particular a assembléia atualmente reunida, realizando esta memória, oferece ao Pai, no Espírito Santo, a hóstia imaculada; ela deseja, porém, que os fiéis não apenas ofereçam a hóstia imaculada, mas aprendam a oferecer-se a si próprios, e se aperfeiçoem, cada vez mais, pela mediação do Cristo, na união com Deus e com o próximo, para que finalmente Deus seja tudo em todos;

g) as intercessões, pelas quais se exprime que a Eucaristia é celebrada em comunhão com toda a Igreja, tanto celeste como terrestre, que a oblação é feita por ela e por todos os seus membros vivos e mortos, que foram chamados a participar da redenção e da salvação obtidas pelo Corpo e Sangue de Cristo;

h) a doxologia final que exprime a glorificação de Deus, e é confirmada e concluída pela aclamação do povo.

Exige a Oração Eucarística que todos a escutem com reverência e em silêncio, dela participando pelas aclamações previstas no próprio rito".

Nota:131

cf. **IGMR, 11**: "Da mesma forma cabe ao sacerdote, no desempenho da função de presidente da assembléia, proferir certas exortações e fórmulas de introdução e conclusão previstas no próprio rito. Por sua natureza, tais exortações não devem, necessariamente, ser proferidas na forma contida no Missal, palavra por palavra; por isto, pelo menos em certos casos, será melhor adaptá-las às verdadeiras condições da comunidade. Cabe ao sacerdote presidente também anunciar a palavra de Deus, e dar a bênção final. Pode, além disso, com brevíssimas palavras, introduzir os fiéis na Missa do dia, antes de iniciar a celebração; na liturgia da Palavra, antes de proceder às leituras; na Oração Eucarística, antes do prefácio; pode ainda encerrar toda a ação sagrada antes da despedida".

Nota:132

IGMR, 11: "Da mesma forma cabe ao sacerdote, no desempenho da função de presidente da assembléia, proferir certas exortações e fórmulas de introdução e conclusão previstas no próprio rito. Por sua natureza, tais exortações não devem, necessariamente, ser proferidas na forma contida no Missal, palavra por palavra; por isto, pelo menos em certos casos, será melhor adaptá-las às verdadeiras condições da comunidade. Cabe ao sacerdote presidente também anunciar a palavra de Deus, e dar a bênção final. Pode, além disso, com brevíssimas palavras, introduzir os fiéis na Missa do dia, antes de iniciar a celebração; na liturgia da Palavra, antes de proceder às leituras; na Oração Eucarística, antes do prefácio; pode ainda encerrar toda a ação sagrada antes da despedida".

cf. **Diretório das Missas com Crianças, 22**: "Os princípios da participação ativa e consciente valem, de certa maneira, "a fortiori", se as Missas são celebradas com crianças. Portanto, tudo se faça para fomentar e tornar mais viva e profunda esta participação. Para este fim, confiem ao maior número de crianças ofícios especiais na celebração, tais como: preparar o lugar e o altar (cf. n.29), assumir o ofício de cantor (cf. n.24), cantar no coral, tocar algum instrumento musical (cf. n.32), proclamar as leituras (cf. n.24 e 47), responder durante a homilia (cf. n.48), recitar as intenções da prece dos fiéis, levar as oferendas para o altar, e outras ações semelhantes segundo os costumes dos diversos povos (cf. n.34)".

Nota:133

cf. **IGMR, 54**: "Inicia-se agora a Oração Eucarística, centro e ápice de toda a celebração, prece de ação de graças e santificação. O sacerdote convida o povo a elevar os corações ao Senhor na oração e ação de graças e o associa à prece que dirige a Deus Pai por Jesus Cristo em nome de toda a comunidade. O sentido desta oração é que toda a assembléia se una com Cristo na proclamação das maravilhas de Deus e na oblação do sacrifício".

Nota:134

cf. **Diretório das Missas com Crianças, 53**: "Terminada a Prece eucarística, segue sempre o Paia fração do pão e o convite para a Comunhão, pois estes elementos são de grande importância na estrutura desta parte da Missa".

Nota:135

cf. **IGMR, 56**: "Sendo a celebração eucarística a ceia pascal, convém que, segundo a ordem do Senhor, o seu Corpo e Sangue sejam recebidos como alimento espiritual pelos fiéis devidamente preparados. Esta é a finalidade da fração do pão e os outros ritos preparatórios, pelos quais os fiéis são imediatamente encaminhados à Comunhão:

a) a oração do Senhor: nesta oração pede-se o pão de cada dia, que lembra para os cristãos o pão eucarístico e pede-se a purificação dos pecados, a fim de que as coisas santas sejam verdadeiramente dadas aos santos. O sacerdote profere o convite, todos os fiéis recitam a oração com o celebrante, e ele acrescenta sozinho o embolismo, que o povo encerra com a doxologia. Desenvolvendo o último pedido do Pai-nosso, o embolismo suplica que toda a comunidade dos fiéis seja libertada do poder do mal. O convite, a oração, o embolismo e a doxologia com que o povo encerra o rito são cantados ou proferidos em voz alta;

b) segue-se o rito da paz no qual os fiéis imploram a paz e a unidade para a Igreja e toda a família humana, e exprimem mutuamente a caridade, antes de participar do mesmo pão; quanto ao próprio rito

da paz, seja estabelecido pelas Conferências Episcopais de acordo com a índole e os costumes dos povos, o modo de realizá-lo;

c) o gesto de partir o pão, realizado por Cristo na última Ceia, deu nome a toda a ação eucarística na época apostólica; este rito possui não apenas uma razão prática, mas significa que nós, sendo muitos, pela comunhão do único Pão da vida, que é o Cristo, formamos um único corpo (1Cor 10,17);

d) a mistura do pão com o vinho: o sacerdote coloca no cálice uma partícula da hóstia;

e) o Agnus Dei: durante a fração do pão e sua mistura com o vinho, a escola ou o cantor canta a invocação Agnus Dei, à qual o povo responde; se não for cantada, seja dita em voz alta. Para acompanhar o rito da fração do pão, pode-se repetir essa invocação quantas vezes for necessário, terminando-se sempre com as palavras dai-nos a paz;

f) a preparação particular do sacerdote: rezando em voz baixa o sacerdote se prepara para receber frutuosamente o Corpo e Sangue de Cristo. Os fiéis fazem o mesmo, rezando em silêncio;

g) a seguir o sacerdote mostra aos fiéis o pão eucarístico que será recebido na Comunhão e convida-os à ceia de Cristo; e, unindo-se aos fiéis, faz uma ato de humildade, usando as palavras do Evangelho;

h) é muito recomendável que os fiéis recebam o Corpo do Senhor em hóstias consagradas na mesma Missa e participem do cálice nos casos previstos, para que, também através dos sinais, a Comunhão se manifeste mais claramente como participação do Sacrifício celebrado;

i) enquanto o sacerdote e os fiéis recebem o Sacramento, entoa-se o canto da Comunhão, que exprime, pela unidade das vozes, a união espiritual dos comungantes, demonstra a alegria dos corações e torna mais fraternal a procissão dos que vão receber o Corpo de Cristo. O canto começa quando o sacerdote comunga, prolongando-se oportunamente, enquanto os fiéis recebem o Corpo de Cristo. Havendo porém um hino após a Comunhão, encerre-se em tempo o canto da Comunhão.

Pode-se empregar a antífona do Gradual Romano, com o salmo ou sem salmo, ou a antífona com o salmo do Gradual Simples, ou outro canto adequado, aprovado pela Conferência Episcopal. O canto é executado só pela escola, ou pela escola ou cantor junto com o povo.

Não havendo canto, a antífona proposta no Missal é recitada pelos fiéis, ou por alguns dentre eles, ou pelo leitor, ou então pelo próprio sacerdote, depois de ter comungado, antes de distribuir a Comunhão aos fiéis;

j) terminada a distribuição da Comunhão, se for oportuno, o sacerdote e os fiéis oram por algum tempo em silêncio, podendo a assembléia entoar ainda um hino, ou outro canto de louvor;

k) na oração depois da comunhão, o sacerdote implora os frutos do mistério celebrado, e o povo, pela aclamação Amém, faz sua oração”.

Nota:136

cf. **IGMR, 56b**: “Segue-se o rito da paz no qual os fiéis imploram a paz e a unidade para a Igreja e toda a família humana, e exprimem mutuamente a caridade, antes de participar do mesmo pão; quanto ao próprio rito da paz, seja estabelecido pelas Conferências Episcopais de acordo com a índole e os costumes dos povos, o modo de realizá-lo”.

Nota:137

cf. **IGMR, 56c**: “O gesto de partir o pão, realizado por Cristo na última Ceia, deu nome a toda a ação eucarística na época apostólica; este rito possui não apenas uma razão prática, mas significa que nós, sendo muitos, pela comunhão do único Pão da vida, que é o Cristo, formamos um único corpo (1Cor 10,17)”.

Nota:138

IGMR, 283: “A verdade do sinal exige que a matéria da celebração eucarística pareça realmente um alimento. Convém, portanto, que, embora ázimo e com a forma tradicional, seja o pão eucarístico de tal modo preparado, que o sacerdote, na Missa com o povo, possa de fato partir a hóstia em diversas partes e distribuí-las ao menos a alguns dos fiéis. Não se excluem, porém, as hóstias pequenas, quando assim o exigirem o número dos comungantes e outras razões pastorais. O gesto, porém, da fração do pão, que por si só designava a Eucaristia nos tempos apostólicos, manifestará mais claramente o valor e a importância do sinal da unidade de todos num só pão, e da caridade fraterna pelo fato de um único pão ser repartido entre os irmãos”.

Nota:139

IGMR, 293: “Para consagrar as hóstias, é conveniente usar uma única patena de maior dimensão, onde se coloca tanto o pão para o celebrante como para os ministros e os fiéis”.

Nota:140

IGMR, 240: “A Comunhão realiza mais plenamente o seu aspecto de sinal quando sob as duas espécies. Sob essa forma se manifesta mais perfeitamente o sinal do banquete eucarístico e se exprime de modo mais claro a vontade divina de realizar a nova e eterna Aliança no Sangue do Senhor, assim como a relação entre o banquete eucarístico e o banquete escatológico no reino do Pai”.

Nota:141

IGMR, 56h: “É muito recomendável que os fiéis recebam o Corpo do Senhor em hóstias consagradas na mesma Missa e participem do cálice nos casos previstos, para que, também através dos sinais, a Comunhão se manifeste mais claramente como participação do Sacrifício celebrado”.

Nota:142

IGMR, 242,7: “Ao diácono e ministros, quando desempenham a sua função na Missa”.

Nota:143

cf. **Carta da Congregação para o Culto Divino**, Preparação e Celebração das Festas Pascais, no.92, Doc. Pont. 224, Vozes 1989.

Nota:144

cf. **IGMR, 242, 14**: “Aos membros das comunidades, na Missa conventual ou da Comunidade, conforme o no.76 desta instrução.

Além disto, as Conferências Episcopais podem determinar em que forma e sob quais princípios e condições os Ordinários podem conceder a Comunhão sob as duas espécies em outros casos que tenham grande importância na vida pastoral de alguma comunidade ou assembléia de fiéis.

Dentro destes limites, os Ordinários podem estabelecer casos particulares, contanto que a faculdade não seja concedida indiscriminadamente, que as celebrações fiquem bem definidas e que se indique o que há de se evitar; não sejam incluídas ocasiões em que há grande número de comungantes. Afinal, as assembléias às quais se concede a faculdade, sejam bem definidas, ordenadas e da mesma natureza".

Nota:145

cf. **Instrução Inaestimabile Donum**, n 9.

Nota:146

IGMR, 56h: "É muito recomendável que os fiéis recebam o Corpo do Senhor em hóstias consagradas na mesma Missa e participem do cálice nos casos previstos, para que, também através dos sinais, a Comunhão se manifeste mais claramente como participação do Sacrifício celebrado".

Nota:147

IGMR, 56j; cf. tb. 121: "56j. Terminada a distribuição da Comunhão, se for oportuno, o sacerdote e os fiéis oram por algum tempo em silêncio, podendo a assembléia entoar ainda um hino, ou outro canto de louvor.

121. Feitas as purificações, o sacerdote pode voltar à cadeira. Pode-se guardar durante algum tempo um sagrado silêncio ou entoar um cântico de louvor ou um salmo".

Nota:148

cf. **IGMR, 56k e 122**: "56k. Na oração depois da comunhão, o sacerdote implora os frutos do mistério celebrado, e o povo, pela aclamação Amém, faz sua a oração.

122. A seguir, de pé junto à cadeira ou no altar e voltado para o povo, o sacerdote diz: Oremos e, com os braços abertos, recita a oração para depois da Comunhão, que pode ser precedida de um momento de silêncio, a não ser que já se tenha guardado silêncio após a Comunhão. No fim da oração o povo aclama: Amém".

Nota:149

IGMR, 123: "Terminada a oração depois da Comunhão, podem ser feitas, se necessário, breves comunicações ao povo".

Nota:150

IGMR, 11: "Da mesma forma cabe ao sacerdote, no desempenho da função de presidente da assembléia, proferir certas exortações e fórmulas de introdução e conclusão previstas no próprio rito. Por sua natureza, tais exortações não devem, necessariamente, ser proferidas na forma contida no Missal, palavra por palavra; por isto, pelo menos em certos casos, será melhor adaptá-las às verdadeiras condições da comunidade. Cabe ao sacerdote presidente também anunciar a palavra de Deus, e dar a bênção final. Pode, além disso, com brevíssimas palavras, introduzir os fiéis na Missa do dia, antes de iniciar a celebração; na liturgia da Palavra, antes de proceder às leituras; na Oração Eucarística, antes do prefácio; pode ainda encerrar toda a ação sagrada antes da despedida".

Diretório das Missas com Crianças, 54: "Tudo deve desenrolar de tal maneira que as crianças já admitidas na Eucaristia, devidamente dispostas, com tranquilidade e recolhimento se acerquem da sagrada mesa e participem plenamente do mistério eucarístico. Se for possível, entoar um canto adequado às crianças durante a procissão da comunhão.

A monição que precede a bênção final é muito importante nas Missas com crianças, porque elas necessitam que, antes de despedi-se lhes dê, em breves palavras, uma certa repetição e aplicação do que ouviram. É sobretudo neste momento que convém fazer compreender o nexo entre a liturgia e a vida.

Pelo menos algumas vezes, por ocasião dos tempos litúrgicos e em certos momentos da vida das crianças, o sacerdote utilizará as formas mais ricas de bênção, porém conservando sempre a fórmula trinitária com o sinal da cruz no fim".